



DARK NIGHTS

CIPHER

A Demonica Underworld Novella

LARSSA
IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SINOPSE

Já se passaram sete meses desde que Cipher, um anjo caído que montava uma linha fina entre o bem e o mal, acordou no inferno com um novo conjunto de asas, um par de dentes perversos e uma manipuladora que é tão bonita quanto perigosa. Como um especialista cibernético descontraído que uma vez ajudou anjos da guarda, ele esteve em uma posição privilegiada para ganhar de volta o seu halo. Mas agora, como um Verdadeiro Caído forçado a usar seus talentos para malevolência, ele deve lutar não apenas contra seus captores e sua manipuladora sexy, mas contra a crescente corrupção dentro dele... antes que os amigos procurando por ele se tornem seus inimigos e ele se torne seu pior pesadelo.

Lyre é um anjo caído com um coração cheio de ódio. Quando ela é designada para garantir que Cipher cumpra as ordens de seu chefe, ela vê uma oportunidade de se vingar daqueles que a prejudicaram. Tudo o que ela tem a fazer é apelar para o florescente lado escuro da Cipher. Mas o companheiro Verdadeiro Caído devastadoramente bonito tem outras ideias, ideias sensuais que ameaçam inviabilizar todos os planos de Lyre e colocá-los no caminho de uma tempestade do inferno que se aproxima.

O perigo e o desejo explodem, mesmo quando Cipher e Lyre desvendam uma trama sinistra que irá fraturar o submundo e enviar ondas de choque para o próprio céu...

GLOSSÁRIO

Os Aegis - Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Discórdias recentes entre suas fileiras reduziram seus números e enviou Os Aegis em uma nova direção.

Fallen Angel – (Anjo Caído) - Acredita-se ser mau pela maioria dos seres humanos. Anjos caídos podem ser agrupados em duas categorias: O Verdadeiro Caído e o Não-Caído. Anjos Não-Caídos foram expulsos do Céu e estão presos a terra, vivendo uma vida em que eles não são nem bons nem verdadeiramente maus. Nesse estado, eles podem, raramente, ganhar o seu caminho de volta para o Céu. Ou podem optar por entrar no Sheoul, o reino demoníaco, a fim de completar a sua queda, e tornarem-se Verdadeiros Caídos.

Harrowgate - Portais verticais, invisíveis para os seres humanos, usados para viajar entre locais da Terra e Sheoul. Poucos seres podem convocar seus próprios Harrowgates.

Inner Sanctum - Um reino dentro do Sheoul-gra que consiste em 5 anéis, cada um contendo as almas dos demônios categorizados por seu nível de maldade, como definido pela Ufelskala. O Inner Sanctum é administrado pelo anjo caído Hades e sua equipe de guardas, todos anjos caídos. O acesso ao Inner Sanctum é estritamente limitado, pois os demônios contidos no interior podem tirar vantagem de qualquer objeto externo ou pessoa viva a fim de escapar.

Memitim - Anjos earthbound (terrestres) designados para proteger os seres humanos importantes chamados de Primori. Os Memitim permanecem presos à terra até que eles completem suas funções. No momento em que eles Ascendem, ganham suas asas e entram no Céu. Até recentemente, todos os Memitim eram gerados por Azagoth e

criados por seres humanos, mas agora são considerados uma classe de anjo que pode nascer e ser criado no Céu.

Primori - Humanos e demônios, cujas vidas estão fadadas a afetar o mundo de alguma forma crucial.

Radiante – A classe mais poderosa de anjo celestial existente. Ao contrário de outros anjos, os Radiantes podem exercer um poder ilimitado em todos os reinos e podem viajar livremente através do Sheoul. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez. Dois nunca podem existir simultaneamente, e ele não pode ser destruído, exceto por Deus ou Satanás. O anjo caído equivalente é chamado de Anjo Sombra.

Shadow Angel - (Anjo Sombra) - A classe mais poderosa de anjo caído na existência, salvo Satanás. Ao contrário de outros anjos caídos, os Anjos Sombras podem exercer um poder ilimitado em todos os reinos, e eles possuem a capacidade de entrar no Céu. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez, e nunca pode existir sem o seu equivalente, um Radiante. Os Anjos Sombras não podem ser destruídos, exceto por Deus ou Satanás.

Sheoul - Reino demoníaco, alguns chamam de Inferno. Localizado em seu próprio plano nas entranhas da Terra, acessível normalmente apenas por Harrowgates e hellmouths.

Sheoul-gra - Um reino que existe independentemente de Sheoul que é supervisionado por Azagoth, também conhecido como o Grim Reaper. Dentro de Sheoul-gra existe o Inner Sanctum, onde as almas de demônios são mantidas no limbo torturante até que possam renascer.

Sheoulic - Língua demoníaca universal falada por todos, embora muitas espécies também falam sua própria língua.

Ter'taceo – Demônios que possuem passar como humanos, seja porque sua espécie é naturalmente humana na aparência ou porque eles podem se transformar em forma humana.

Ufelskala - Um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de maldade. Todas as criaturas sobrenaturais e humanas más podem ser classificadas em uma escala de cinco, com o Nível 5 compreendendo os piores dos piores.



CAPÍTULO 1

Esporte sangrento.

Sério. Que diabos?

Lyre assistiu ao espetáculo na arena abaixo, um jogo de morte entre um anjo caído e um demônio Nightlash, cujo resultado normalmente seria previsível. Os anjos caídos eram mil vezes mais poderosos do que qualquer Nightlash.

Mas as asas deste anjo caído - e fonte de seus poderes místicos - foram amarradas, limitando suas habilidades, e o Nightlash possuía um *aural*, uma das poucas armas confiavelmente letais contra um anjo, caído *ou* celestial.

A coisa toda era tão... estúpida. O objetivo desta batalha em particular era fazer com que o anjo caído cooperasse, o que ele não seria capaz de fazer se estivesse morto.

Ela agarrou o corrimão com tanta força que suas unhas deixaram entalhes na madeira quando o Nightlash, em sua armadura amassada pelos punhos e pés de Cipher, girou em um borrão, cortando o peito nu de Cipher. Cipher recuou com um silvo, e o fedor de carne queimada do anjo chegou ao nariz dela.

— Droga, Bael, — ela murmurou. — Ele deveria ter recebido uma armadura também.

O ar frio que cercava Bael agitou-se como o nevoeiro de gelo seco. Ele não gostava que suas decisões fossem questionadas. — Cipher deveria se sentir grato por eu ter permitido que ele vestisse qualquer coisa.

Claro, porque jeans era ótimo equipamento de luta. Mas eles pareciam incríveis no cara, rasgados e manchados como estavam. Meses de cativeiro pareciam um romance de terror em suas calças, mas a história real era contada na faísca da resistência nos olhos azuis vigilantes de Cipher e na maneira confiante que ele carregava em seu corpo magro e musculoso.

Ele ainda não havia quebrado, mas ele iria. Pelo menos, ele faria se Bael não o matasse primeiro.

Lyre olhou para Bael, um antigo anjo caído cuja crueldade e imprudência impulsiva o tornavam tão estúpido quanto perigoso. Mas sua natureza caótica e sanguinária era exatamente o que permitira que ele se destacasse como um dos principais generais de Satanás.

— Se Cipher morre, você perde sua melhor chance de chamar a atenção de Azagoth, — ela apontou.

— Oh, eu tenho toda a atenção do Grim Reaper. — Ao lado dela, Bael sorriu friamente, seu olhar de ébano fixo na batalha abaixo. — Cipher não é meu único trunfo, meu amor.

Ela forçou um sorriso, mas maldição, ela odiava quando ele a chamava, ou qualquer mulher, assim. Ele não sabia nada de amor. Tudo o que ele sabia era ódio.

— Tenho certeza de que você tem — ela disse, esperando que ele não notasse a pegada em sua voz quando Cipher mergulhou no chão ensopado de sangue para evitar um golpe.

Cipher rolou e varreu a perna, pegando o Nightlash atrás dos joelhos. Bael assentiu em aprovação quando o Nightlash atingiu o chão de costas com força. Os quinhentos ou mais demônios nas arquibancadas vaiaram. Demônios sempre ficaram do lado dos demônios sobre os anjos caídos.

Lyre geralmente não dava a mínima de qualquer forma, mas como Cipher arrancou o *aural* longe do Nightlash, ela deu um suspiro mental de alívio.

Não que ela desse a mínima para Cipher, é claro. Ela não conhecia Cipher quando eles eram anjos celestiais, então ela não tinha nenhum relacionamento anterior com ele, e embora ela não fosse um anjo caído por muito mais tempo do que ele, ela sabia que nunca devia se apegar a alguém. Sheoul, o reino dos demônios que os humanos chamavam de Inferno, era um lugar violento, e ninguém era de confiança.

Então, enquanto ela não podia se dar ao luxo de se preocupar com Cipher, ela gostava de seu trabalho como sua manipuladora. Ela se recusou quando Bael lhe atribuiu o que ela considerava uma punição. Mas descobriu-se que ser designada para conquistar a confiança de Cipher fora uma pausa bem-vinda de seus deveres costumeiros como garota de recados de Bael.

Garota de recados.

Tão mundano. Um desperdício de talento. Portanto, não é a razão pela qual ela voluntariamente se submeteu a um dos senhores da guerra mais poderosos do Inferno depois de perder suas asas.

Ela queria vingar-se de muita gente e, se Bael cumprisse o papel, ele poderia fazer acontecer.

Mas não se ele continuasse sacrificando peças de jogo.

Cipher mergulhou o *aural* na garganta do Nightlash, e a multidão explodiu em gritos quando sangue explodiu da boca do demônio. Eles podiam torcer pelo demônio durante a luta, mas ficaram felizes em ver alguém morrer.

— Ele é bom, — Bael grunhiu, uma nota rara de admiração em sua voz fumegante. — Mas suas habilidades de combate corpo-a-corpo não são as habilidades que eu preciso dele. — Ele se virou para ela, seus olhos brilhando com gelo negro, seu rosto bonito e seu mundano cabelo castanho penteado para trás escondendo o monstro que vivia atrás da máscara. — Eu preciso do que está em sua cabeça. Estou ficando impaciente.

— Impaciente? — ela bufou. — Você uma vez passou um século inteiro torturando uma pessoa por informações.

Seu olhar se voltou para dentro, seus lábios cheios se contorceram em um sorriso cruel enquanto revivia o incidente que ela só tinha lido nos livros de história da Biblioteca Akashic do Paraíso.

— Isso foi quando a ideia do Armagedom era apenas um sonho, — ele disse. — Agora sabemos que temos menos de mil anos para nos prepararmos para a libertação de Satanás da prisão que Revenant, aquele maldito traidor, o colocou.

Era melhor não deixar Bael se concentrar em seu ódio por Revenant, especialmente desde que, publicamente, ele professava apoio para o atual governante

do Inferno. Se ele percebesse que tinha falado em voz alta, ele iria puni-la por seu próprio erro.

O idiota narcisista.

Rapidamente, ela desviou a atenção dele para o vencedor da luta e gesticulou para Cipher quando ele se colocou de pé na arena abaixo. Ele mostrara uma resiliência notável, não importando o que Bael lhe desse, extraordinariamente notável, dado que, com as asas atadas, a capacidade natural do corpo de regenerar-se rapidamente deveria ter sido reduzida. Mas de alguma forma, ele se curou rapidamente e manteve sua inteligência.

— O tempo é curto, — ela admitiu. — Mas Cipher esteve aqui apenas alguns meses. Pode levar décadas, até séculos, para transformá-lo. Você sabia disso. É essa mesma qualidade, sua lealdade a Azagoth, que você deseja para si mesmo. Se você quiser isso, terá que quebrá-lo devagar.

— Não é apenas a sua lealdade que desejo. Eu preciso de informação. — Ele estendeu a mão e arrastou um dedo ao longo do comprimento de sua trança preta.

Ela não disse nada, não esboçou nenhuma reação enquanto os nós dos dedos roçavam a pele exposta de seu ombro, deixando um rastro de vergões em todos os lugares que ele a tocava. Hoje não era o dia para ter usado seu top de camuflagem favorito. Pelo menos ela usava calças pretas táticas em vez de shorts.

— Desde que você não consegue obter o que eu preciso de Cipher, estou enviando Flail. Talvez ela possa seduzi-lo a me dar o que eu quero.

Lyre reprimiu uma maldição. Claro que seria Flail. Aquela desprezível sempre parecia encontrar um jeito de ferra as coisas para ela.

— Ela é bem-vinda para *tentar* obter algo dele, — ela disse. — Mas ele a odeia por traí-lo. Se não fosse por ela, ele ainda estaria bem confortável em Sheoul-gra com seus amigos e trabalhando para Azagoth. A única razão pela qual ele colocaria as mãos nela seria para estrangulá-la.

— Se ele me der a informação que eu preciso, ele é bem-vindo para estrangulá-la. Inferno, eu gostaria de ver isso. Ele gesticulou para os guardas abaixo, sinalizando para que levassem Cipher de volta para sua cela. — Diga a ele que farei esse acordo.

Bem, agora. Isso não era interessante? Anjos caídos bajuladores como Flail não eram fáceis de encontrar, então para Bael aceitar a morte dela em troca de

informação, isso significava que ele estava ou desesperado ou Cipher tinha algumas informações seriamente importantes. Ela se perguntou se Cipher consideraria a oferta. Mesmo sob tortura, Cipher não havia derramado nada de útil contra Azagoth, mas ele poderia simplesmente mudar de ideia se lhe permitissem matar a fêmea que foi responsável por cada minuto de sua miséria.

Lyre ponderou sobre isso, enquanto observava, ele foi escoltado, mancando, da arena, com sangue escorrendo de dezenas de feridas. Seu cabelo loiro, curto quando ele chegou, pendurado em torno de seu rosto em emaranhados e úmidos. Ele tirou isso de seus olhos e examinou a multidão, seu olhar rapidamente mirando e trancando com o de Bael.

A mensagem na expressão de Cipher *foda-se, eu não estou morto* era inconfundível.

Os lábios de Lyre se contorceram em diversão, ela esperava que Bael não notasse. Mas Cipher fez.

Seus olhos se voltaram para ela, e era sua imaginação, ou ele parecia... desapontado?

Sua respiração ficou presa. Se ele estivesse desapontado por vê-la nesse espetáculo, isso deveria significar que ele estava se abrindo em direção a ela. Talvez ela pudesse finalmente obter alguma informação útil dele. Algo que iria ganhar o favor de Bael e ajudá-la a se vingar.

Era uma pequena esperança, mas era alguma coisa.

A mão de Bael apertou a parte de trás de seu pescoço, assustando-a tão completamente que ela quase gritou. — Você precisa intensificar seu jogo, Lyre. Eu esperava mais de você.

A dor irritante penetrou em sua pele como um milhão de mordidas de formigas. Ele poderia desligar isso se quisesse, e isso a irritou que ele escolheu não fazer. Ela o serviu fielmente por mais de dois anos, e ela foi paciente enquanto esperava pelo dia em que ele cumprisse a promessa que fez a ela. O dia em que ele causaria dor àqueles que foram responsáveis por sua expulsão do Céu e pela morte do homem que ela tinha amado.

Mas a promessa de Bael estava demorando demais.

Rosnando, ela se desvencilhou e quase colidiu com um dos guarda-costas Ramreel de Bael. A odiosa besta com cabeça de carneiro chiou em irritação, mas ela o ignorou.

Era um pouco mais difícil ignorar seu mau cheiro de celeiro.

— Talvez se você me permitisse fazer o que eu sou boa, — ela retrucou, — você obteria melhores resultados e eu estaria mais perto de obter justiça.

— Eu não dou a mínima para o que você é boa. — Um corvo de três olhos pousou no corrimão, e Bael estendeu a mão para acariciar as penas cintilantes de seu animal de estimação. — O que eu preciso de um especialista em história demoníaca? *Eu vivi isso. Você aprendeu isso com livros escritos por anjos.*

Ela explicou isso para ele um milhão de vezes, então, ei, o que era mais uma? — Na Academia dos Anjos, também estudei as várias facções políticas em Sheoul, — ela o lembrou. — Mais tarde, fui uma das principais analistas do departamento de inteligência. É por isso que eu vim para você depois que eu caí. Eu posso ajudá-lo a construir alianças com outros senhores da guerra enquanto nos movemos em direção a um confronto com o céu. Eu sei quem apoia Revenant e quem trama um golpe contra ele para se sentar no poder ou para reposicionar Satanás...

A dor explodiu como uma bomba em sua cabeça, um súbito estalo de agonia que a fez sentir empatia pelos ovos quebrados. Mas em vez de gema, sangue quente e pegajoso escorria do nariz e das orelhas.

A voz de Bael mexeu em seu cérebro dentro do crânio quebrado. — Você não fala dessas coisas a céu aberto, sua puta estúpida!

— Sinto muito, meu senhor, — ela murmurou, caindo de joelhos quando a miséria envolveu todo o seu corpo e enterrou-se profundamente em seus ossos. Ela odiava submeter-se a ele, odiava ser tão fraca e vulnerável, mas ela tinha vivido assim no Céu também. Ela tinha muita prática. — Eu vou fazer melhor.

— Sim, — ele rosnou, — você vai.

Ele agarrou o topo de sua cabeça e forçou-a a olhar para ele enquanto ele ria, suas presas visivelmente latejavam quando ele se alimentava de sua dor.

E isso, ela sabia muito bem, era meramente as preliminares.



CAPÍTULO 2

Os pesadelos de Cipher tinham dentes.

Muitos deles. Inferno, até mesmo os sonhos em que ele vivia em um palácio celestial de cristal mostravam dentes escancarados alinhados com fileiras de presas afiadas. A única diferença era que, naqueles sonhos, os dentes eram belos em vez de pingarem saliva, sangue e pedaços de carne.

E a única coisa pior do que os pesadelos era acordar.

Cipher gemeu quando ele acordou nu, exceto pelo cobertor puído enrolado ao redor dele no chão congelado da cela que ele chamava casa por... quanto tempo agora? Seis meses? Sete? Cem?

Porra.

Mas para não ser um chorão total, ele tinha folgas da cela. Às vezes ele visitava a Ilha de Tortura, que era exatamente o que soava. Lorde Bael, o anjo caído que governa a região, construiu uma ilha no meio de um rio de lava e dedicou-a à arte da dor. A questão, toda vez que Cipher era acorrentado e levado da masmorra do palácio glacial de Bael para a ilha queimada, era se ele seria um participante ou um espectador.

Cipher geralmente preferia ser um espectador. Mas de vez em quando Bael o derrubava na arena e o forçava a lutar por sua vida, e isso... isso lhe dava uma porra de adrenalina. Quem não gostaria de ter a chance de aprimorar suas habilidades de luta e extravasar? Sem mencionar o fato de que sua mudança de status, de um anjo

não caído para um anjo verdadeiramente caído, lhe dera um apetite por distribuir dor em seus inimigos.

Não que, como anjo celestial e não caído, ele não gostasse de servir uma morte bem merecida. Mas agora ele gostava de servir seus oponentes com suas próprias entranhas antes de morrerem.

Então sim, a arena deu-lhe um breve gosto de prazer neste reino de miséria perpétua. Mas mesmo durante aqueles momentos preciosos de êxtase, quando seu oponente grunhia de dor ou sangrava de uma ferida, duas vozes sussurravam em sua mente.

A primeira pertencia a seu amigo Hawkyn, carregado de desapontamento enquanto pronunciava as palavras que Cipher imaginava que Hawk diria se soubesse quanto maldade infiltrava-se no corpo de Cipher a cada novo dia passado em Sheoul.

Esse não é você. Você é decente. Honrado. Um idiota, sim, mas honrado. Lute contra isso, Ciph. Diga não ao mal. Você sabe o que isso fez com Satanás. E Lúcifer. E meu pai.

Sério, Cipher não havia encontrado os dois primeiros anjos caídos, mas ele trabalhou para Azagoth, o Grim Reaper, tempo suficiente para ter visto o que a exposição à malevolência causava a uma pessoa.

E agora ele poderia adicionar Bael e seu irmão bastardo, Moloc, à lista de anjos caídos sádicos, devastados pelo mal, com os quais ele tinha experiência em primeira mão.

O que o levou à segunda voz que falava em sua cabeça quando ele estava sentindo prazer em esmagando os demônios na arena.

Não morra, Cipher. Não. Morra. Se você morrer no reino de Bael, sua alma não será levada por griminions e levada para Azagoth. Ela ficará presa aqui, onde Bael pode torturá-la pela eternidade de maneiras que você não pode sequer imaginar.

Lyre havia dito isso, mas ela estava errada. Ele *podia* imaginar isso. Ele viu o que Azagoth poderia fazer com uma alma. Ainda assim, Cipher preferiria que sua alma residisse com Azagoth, que era um aliado e pai de seu melhor amigo, em vez de passar o resto de sua vida eterna com um filho da puta sádico que o odiava.

O som de passos se aproximando de sua cela o colocou de pé. Talvez fosse hora de comer. Ou, mais provavelmente, era hora de outra rodada de tortura. Se ele

tivesse sorte, a tortura viria na forma de sua mais nova manipuladora, uma bonita anjo caído de cabelos negros chamada Lyre.

Sua pulsação acelerou em antecipação, o que era uma triste medida de como a vida de Cipher era péssima, ele estava realmente ansioso para ver um de seus captores. Claro, ela era linda, mas o que mais intrigava Cipher era que, ao contrário de todo mundo no reino de Bael, ela não tinha se envolvido completamente com o mal. Ainda não. O que era incrível, porque ao contrário de seus dois manipuladores antes dela, ela não o amarrou com arame farpado e o espancou. Sim, ela o empurrou em um buraco cheio de piranha demoníaca uma vez, mas só porque ele fez o mesmo com ela no primeiro dia de sua missão.

Tinha sido sua vigésima tentativa de fuga, e ela foi tão mal quanto as dezenove anteriores, terminando no lado errado da faca de esfolar de um mestre de tortura Darquethoth. O mais estranho era que Lyre não havia assistido a sua tortura. Ela nunca assistiu.

Mas ela esteve na arena ontem à noite para o último jogo de morte dele. Ela esperava que ele ganhasse? Ou ela queria vê-lo morrer? Parecia que estava se divertindo, em qualquer caso.

Tem que amar o bom e velho entretenimento familiar no Inferno. Ele se perguntou o que as barraquinhas de lanches serviam. Provavelmente não pipoca e Red Vines.

A fechadura de metal pesado do lado de fora de sua cela fez um barulho e a porta se abriu. Ele se levantou quando o imponente guarda Ramreel de dois metros e meio se afastou para permitir que o visitante entrasse.

A curiosidade virou-se rapidamente para raiva ao ver o anjo caído de cabelos louros que entrou, suas botas de couro até as coxas batendo no chão enquanto ela caminhava para o meio da cela.

Flail.

Ela poderia ter mudado a cor do cabelo, mas ainda cheirava a dissimulação. O ódio diferentemente de qualquer coisa que ele experimentou antes o consumiu, redirecionando do pensamento racional e deixando-o com apenas um objetivo.

— *Você.* — Deixando cair o cobertor, ele a atacou. — *Sua puta.*

Ele ia matá-la com as próprias mãos.

Ele arrancaria a cabeça dela do corpo e empalaria naquele pedaço de gelo ali, e então ele... *foda-se!*

Um raio incandescente de agonia detonou dentro de seu peito, explodindo-o para trás como uma boneca de pano. Sua espinha se firmou na parede coberta de gelo e ele caiu no chão. O impacto sacudiu os pingentes maciços que pendiam do teto como presas de monstros, e ele amaldiçoou seu erro impulsivo quando dezenas deles se soltaram e caíram sobre ele.

— Olá, baby, — Flail ronronou. — Faz algum tempo.

— Não foi tempo suficiente, — ele rosnou quando se sentou, apertando o peito latejante e se perguntando onde ela tinha escondido a marreta. — Mas lembre-me, quantos meses se passaram desde que você me arrastou para o inferno?

Os demônios o haviam arrastado, mas foi ela quem os chamou quando ele deixou a segurança do reino de Azagoth, Sheoul-gra, para ajudar a irmã de Hawkyn a matar um demônio seriamente perigoso. Como um anjo não caído sem asas e sem poder, ele estava exposto e vulnerável, e os lacaios de Bael o agarraram e o levaram. Ele havia sido forçado a assistir impotente, enquanto seus amigos correram em direção a ele em uma tentativa inútil de salvar sua bunda. Vinte e quatro horas depois, ele se transformou em um verdadeiro anjo caído, com presas, asas e nenhuma esperança de redenção celestial.

Para piorar, o único benefício de se tornar um Verdadeiro Caído foi a restauração de seus poderes, mas como suas asas estavam presas com cordéis encantados, ele também não os podia acessar. Ele nem sabia que talentos ganhara. Alguns podiam ser a contraparte vil de suas versões celestiais. Alguns podiam ser exclusivos de Sheoul. Ele não tinha a mínima ideia.

A parte mais enlouquecedora era como ele podia sentir o poder dentro dele, a força que corria através dele como um querosene aceso, mas ele não podia tocá-la. Não podia fazê-lo fluir para a superfície na forma de uma arma ou uma onda de cura ou uma conversa telepática. Estava ali, frustrantemente fora de alcance, como uma rosquinha na vitrine de uma confeitaria fechada.

Cara, ele sentia falta das rosquinhas.

— Bem? — ele perguntou. — Quantos meses eu fiquei sem rosquinhas?

— Sete, eu acredito. — Ela encolheu os ombros, e um de seus seios quase saltou do seu espartilho carmesim apertado. Por que todos os anjos caídos usavam essas coisas?

Não todos. Não Lyre.

Não, Lyre estava sempre pronta para a batalha, de suas botas até a adaga no coldre, até a calça BDU sexy ou bermudas cargo que enfatizavam um traseiro seriamente perfeito. E sempre uma regata. Ela poderia ter saído de um RPG de ação, como seu personagem de *Mass Effect*¹ respirando, disponível para vida.

Se sua existência parasse de ser uma droga por tempo suficiente para que ele conseguisse uma ereção pelo menos uma vez, ela lhe daria algum material sério de fantasia.

Da maneira que Flail costumava dar, antes dela se tornar uma traidora puta malvada.

— Sete? — ele engoliu uma respiração dolorida. — Você não sabe?

— Como eu se acompanhasse. — Ela revirou os olhos. Seus olhos traidores de puta malvada. — Você foi uma das dezenas de Caídos que estou contratualmente obrigada a entregar a Bael e Moloc.

Os simples nomes dos anjos caídos gêmeos eram o suficiente para aterrorizar qualquer pessoa sã, e eles não eram uma ameaça para serem espirrados.

Mas se eles eram um espirro, o antigo empregador de Cipher era a porra da gripe suína.

Ele se permitiu um sorriso sombrio ao saber que ela iria morrer mesmo que não fosse por suas mãos.

— Você sabe que não só me traiu, — ele disse. — Você traiu Azagoth.

Ela jogou a cabeça como uma égua do inferno. — Ele é impotente fora de seu reino, e eu não pretendo voltar lá.

Era aí que ela estava errada. Completamente errada. O alcance de Azagoth estendia muito além dos limites da Sheoul-gra. Ele não podia deixar seu reino, mas não havia nenhum canto do Céu ou de Sheoul que ele não pudesse tocar. Com eras

¹ Mass Effect é uma série de jogos de RPG de ficção científica desenvolvido pela BioWare.

de conhecimento e segredos colhidos das almas que interrogou, ele tinha recursos além de sua compreensão.

Não que Cipher dissesse a Flail isso. Ela veria por si mesma quando estivesse mijando nessas calças pretas aos pés de Azagoth e implorando por misericórdia.

— Mesmo que ele não mate você, você vai morrer eventualmente. — Ele respirou profundamente quando a dor em seu peito aliviou. — Sua alma pertencerá a ele.

— Não se ele não estiver mais no comando de Sheoul-gra.

Ele soltou uma risada. — Não está mais no comando? Você sabe algo que eu não sei?

Azagoth governava Sheoul-gra por milhares de anos, desde o dia em que ele voluntariamente desistiu de suas asas para criar um tanque para almas malignas que estavam causando estragos em humanos. Ele havia *construído* Sheoul-gra e criou seus demônios especializados, *griminions*, a partir dos materiais que lhe foram dados pelo Céu e Sheoul. Ele não ia a lugar nenhum.

— Tenho certeza que sei muitas coisas que você não sabe. — Ela girou uma mecha de cabelo em volta do dedo. — Por exemplo, sei que você vai me dar a lista que Bael quer.

Porra, se ele ia. A lista contendo os nomes e os últimos locais conhecidos de todos os filhos de Azagoth, aqueles que ainda não tinham poderes angelicais ou conhecimento de que eles eram tudo menos humanos, estava a salvo em seu notebook. Bael poderia ter seu computador, mas nem ele nem seus subordinados foram capazes de abrir, muito menos de acessar a lista.

E não havia como ele dar isso a Bael. Pelo menos, não enquanto ele retivesse ao menos uma lasca de seu eu atual. Seu medo, seu medo estrondoso de merda, era que ele sucumbiria ao mal e, de bom grado, derramaria todo seu conhecimento sobre Azagoth e seu reino. Ou pior, que ele mesmo fosse estúpido e arrogante o suficiente para usar seu conhecimento contra Azagoth.

— Talvez você possa me dizer por que ele quer, — ele disse.

— Isso importa?

— Bem, — ele disse, sem se preocupar em esconder seu sarcasmo, — já que eu duvido que Bael queira os nomes e endereços dos filhos de Azagoth para que ele possa enviar cartões de aniversário, então sim, é importante.

Ela pensou nisso por um momento, batendo os pés dramaticamente. Uma vez, ele apreciou o amor dela pela teatralidade na cama, mas agora estava lhe dando nos nervos.

Finalmente, ela colocou em um sorriso. — Bael está planejando estragá-los com sorvete e talvez um filme.

— Realmente sincero, Flail. — Esfregou o esterno distraidamente, o formigamento curioso ali aumentando sua irritação. — Tente novamente.

— *Eu não sou* a única nomeada por ser uma mentirosa.

— Lyre? Muito aleatório por trazê-la a conversa, mas agora que você trouxe, eu não confio nela, também. Mas *ela* só me empurrou para um poço de peixe demônio que come carne. *Você* me arrastou para o inferno e destruiu minhas chances de voltar para o céu.

— Pfft. — Ela cutucou o pé dele com o dedo do pé como se pudesse cutucar uma coisa morta que eles encontraram na floresta. — Por que você quer voltar lá?

— Porque, — ele disse enquanto a chutava para longe, — e eu não posso enfatizar isso o suficiente, ninguém me torturou lá. — E o que *diabos* estava acontecendo com o esterno dele? Não parava de doer.

— Dê a lista e ninguém vai te torturar aqui também.

Algo beliscou. Forte. Tirando a mão do peito, ele olhou para baixo e soltou um suspiro assustado com o estranho disco de marfim preso lá, um pedaço de merda do tamanho de um centavo que ele tinha certeza que não podia ser uma coisa boa.

— O que. Inferno.

— Não é bonito? É um *ascerdisc*. Já ouviu falar de um?

Ele tinha. Seus amigos Hawkyn e Journey tinham lhe mostrado na sala do tesouro de Azagoth, e eles lhe disseram que era uma arma misteriosa de anjo caído, tão rara que eles acreditavam ser a única existente.

Ele não conseguia manter a nota atordoada de sua voz. — Você roubou isso de Azagoth?

— Oh, seu idiota simplório. Isso não é como eles funcionam. O *ascerdisc* em seu peito foi feito de meus ossos, e só eu posso controlá-lo. Se Azagoth tem um, pertencia a outro anjo caído. — Ela sorriu. — Aposto que tudo que você acha que sabe sobre eles está errado. Vamos ver, vamos?

Ah Merda. Este não seria um bom momento. Mas, ei, se ele visse Hawk e Journey novamente, pelo menos ele poderia esfregar na cara deles como eles estavam errados.

Sim, como Hawkyn gostava de dizer, Cipher podia ver o lado positivo de qualquer coisa.



CAPÍTULO 3

A maioria dos milhares de irmãos e irmãs adultos de Journey achava que espionar seus encargos era a pior parte de ser um anjo da guarda. Especificamente, um anjo da guarda Memitim sem asas, criado para viver no reino humano enquanto trabalhava para ganhar suas asas e um lugar no céu. Eles prefeririam estar combatendo demônios ou fazendo pesquisas do que saindo em uma bolha invisível enquanto seus Primori passavam o dia-a-dia. Alguns não gostavam de se sentir como voyeurs, mas a maioria estava entediada.

Para Journey, a espionagem era a *melhor* parte do trabalho. Dependendo de quem ele estava espionando, é claro. Dos seus quatro atuais Primori, apenas um o manteve entretido. Os outros, dois cientistas humanos que se sentavam em laboratórios durante todo o dia, e um trabalhador da construção civil lobisomem sem vida social, eram de causar sérios bocejos.

Mas ele teve que admitir uma pontada de vergonha por observar Declan tanto quanto ele fazia. O cara era seu maldito cunhado. Que era realmente como ele justificava ficar tão perto. Sua irmã, Suzanne, ficaria chateada se ele deixasse alguma coisa acontecer com o cara.

Mas a verdade era que Declan lutava contra os demônios para viver com a Equipe de Resposta da Atividade Demoníaca, e sempre havia merda acontecendo. Era ainda melhor do que o *Live PD*². Muito, muito mais altas as apostas.

E então havia o fato de que seu pai havia ordenado que ele ficasse perto e escutasse com atenção. Azagoth tinha visto uma oportunidade de ganhar informação, e ele tinha razão. Mesmo encontros informais de membros do DART, como o que eles estavam tendo agora, produziam deliciosos pedaços de informação.

Ele apoiou o quadril contra a parede e quase bateu no furão que passava debaixo do pé. Ele conversava com ele, e ele prendeu a respiração quando o dono do bicho e membro fundador do DART olhou por cima de onde ela estava sentada na mesa da sala de jantar com os outros. Journey sabia que ela não podia vê-lo, mas alguns animais podiam, e aquela pequena doninha barulhenta era claramente uma delas.

— Ei, amigo. Você precisa comer o seu jantar. — Tayla pegou o animal e colocou-o na cozinha do apartamento de luxo que ela dividia com seu companheiro, Eidolon. Ela cutucou o prato com o pé e se virou para os caras na mesa. — Alguém quer uma cerveja enquanto eu estou de pé?

Houve três “não” e um “sim” silencioso de Journey.

Arik Wagner, marido de Limos, a Cavaleiro do Apocalipse conhecida como Fome, enfatizou seu “não” com um aceno de cabeça enquanto tocava em seu telefone. — Eu disse a vocês que o Reaver foi lá em casa na semana passada?

Declan deu um assobio baixo. Ele só foi apresentado ao mundo sobrenatural recentemente, e a novidade ainda o deixava impressionado às vezes. — Deve ser estranho ter um Radiante como sogro.

— Você sabe o que é estranho? — Tayla perguntou. — Eu conheci Reaver quando ele era um anjo caído que trabalhava no Underworld General Hospital. Agora ele e seu irmão são os anjos mais poderosos do universo.

Ainda mais estranho, o irmão de Reaver, Revenant, governava o Inferno mesmo que ele não fosse tecnicamente um anjo *caído*.

² Live PD é um programa de televisão norte-americano da A & E Network. O programa apresenta imagens ao vivo de várias forças policiais durante as patrulhas ou diligências.

Arik deu a Declan um olhar de lado. — Meu sogro pode ser um anjo, mas o seu é o Grim Reaper. Não tenho certeza se você quer chamar minha situação de estranha.

Declan riu. — Sim, mas meu sogro é relegado ao seu reino e não pode cair a qualquer hora que ele quiser.

— Bom ponto, — Arik admitiu enquanto olhava de volta para seu telefone. — Mas Reaver é uma ótima fonte de informações. Quando ele estava lá em casa, ele ficou sabendo que algum anjo caído chamado Bael estava recolhendo Anjos Caídos.

O próprio nome fez Journey eriçar. Hawkyn suspeitava que Bael estava por trás do sequestro de Cipher, mas eles não haviam reunido nenhuma prova até agora. E a cadela que enganou a todos para ganhar sua confiança e entrar em Sheoul-gra desapareceu sem deixar vestígios e com o notebook de Cipher.

— Bael? — a voz devastada pela batalha de Kynan Morgan caiu ainda mais e mais. — Isso não é bom.

Arik franziu a testa. — Eu não tive a chance de perguntar a Reaver sobre o cara. Quem é ele?

— Bael era um dos generais mais confiáveis de Satanás. — Tayla afundou em seu assento e passou o dedo sobre o iPad algumas vezes antes de gira-lo para Arik. — Este é um esboço dele. Ele e seu irmão Moloc caíram do Céu e permaneceram leais a Satanás até que Revenant e Reaver o trancaram. Juntos, Moloc e Bael controlam cerca de um quarto de Sheoul.

Eles também controlavam muitas almas, e Azagoth não gostava daqueles que negavam o que por direito lhe pertencia. A guerra fria entre Azagoth e os irmãos havia durado mais de um século, com os dois lados aumentando suas agressões recentemente.

— Eles estão trabalhando para Revenant agora? — Declan perguntou. Seu olhar saltou para Journey, e Journey jurou que o cara olhou diretamente para ele antes de voltar sua atenção para Tayla.

— Desconhecido, — disse Kynan. — Minha informação indica que eles concordaram em reconhecê-lo como o governante legítimo de Sheoul, então se Bael está reunindo Anjos Caídos, ele está fazendo contra o decreto de Revenant.

Journey só tinha visto Revenant uma vez, mas foi o suficiente para saber que ele seria muito cuidadoso em ir contra qualquer coisa que o cara dissesse. Como um Anjo Sombra que tinha sido criado por Satanás literalmente desde o nascimento, ele estava no topo da cadeia alimentar. Seu poder eclipsava até o de Azagoth. Apenas um idiota que queria uma foice na bunda iria contrariá-lo.

— Oh, — disse Arik quando ele olhou para Declan. — Reaver também disse algo sobre Bael pegar um Anjo Caído que trabalhava dentro de Sheoul-gra. Pensei que você quisesse contar a Suzanne. Soa como informação que Azagoth gostaria de saber.

O pulso de Journey fez um pequeno chute animado. Arik tinha que estar falando sobre Cipher. Tinha que ser.

Finalmente, uma notícia.

Declan se recostou na cadeira e esticou as longas pernas para fora na frente dele. — Só espero que seja a notícia que Azagoth queira ouvir. Ele reabriu ontem o seu reino aos Memitim e a alguns anjos caídos e não caídos em quem confia, e Suzanne disse que ele ainda está zangado com a morte de um dos seus filhos pequenos dentro do seu reino.

— Eu não posso acreditar que alguém foi estúpido o suficiente para se infiltrar em Sheoul-gra e matar um garoto bem debaixo do nariz dele, — disse Tayla. — Quando ele descobre quem fez isso... — Ela soltou um assobio baixo.

Sim, o consenso geral era que Azagoth iria de supernova no bastardo. Todo Memitim iria. Foi apenas na semana passada que alguém tinha escapado dentro de Sheoul-gra e cortado a garganta de um menino que não tinha ainda crescido em seus poderes. Ele foi levado do reino humano para um lugar que deveria ser nada além de seguro, e em vez disso, ele perdeu a vida poucos dias depois da sua chegada.

Journey não tinha dúvidas de que eles descobririam a identidade do agressor, mas por enquanto ele ficaria feliz por ter alguma informação sobre Cipher.

Sentindo esperança pela primeira vez em meses, ele se transportou para o portal de Sheoul-gra, e então encontrou Hawkyn e seu irmão Maddox exatamente onde ele achava que eles estariam.

Na cozinha devorando o Bolo de Comida do Diabo Vermelho, que sua irmã Suzanne prometera entregar esta tarde. Maddox tinha migalhas por toda a frente de sua camiseta azul-marinho Rick e Morty, e Hawkyn tinha glacê espalhado na manga

de sua jaqueta de couro. Aqueles dois não precisavam de uma mesa, precisavam de um cocho.

— Ei, — ele gritou. — Eu tenho uma pista sobre Cipher. — Ele derrapou até parar em frente a eles enquanto empurravam seus rostos cheios de bolo.

— Puta merda, — Maddox murmurou através do glacê. — Está falando sério?

Journey estendeu a mão para uma fatia com cobertura. — Eu estava checando Declan enquanto ele estava se encontrando com alguns colegas do DART, e eles estavam falando sobre o aumento de Anjos Caídos sendo arrastados para Sheoul.

Hawkyn esvaziou uma lata de Coca-Cola em meia dúzia de goles e fez um arremesso certeiro de dois pontos no balde de lixo próximo. — O DART é uma organização de resposta a atividades demoníacas. Eles lutam contra demônios. Por que eles ainda pensariam em questões angelicais?

Maddox deu a Hawk um olhar “dã”. — Talvez porque Declan é casado com um Memitim?

— Sim, eu entendo porque *ele* estaria preocupado, mas, e os outros?

— Arik estava lá, — Journey explicou. — Reaver disse a ele que Bael capturou um Anjo Caído que trabalhava em Sheoul-gra.

Hawkyn soltou uma maldição desagradável. — Eu sabia disso. Aquele *desgraçado*.

— Bael? — Maddox soltou um assobio baixo. — Ninguém foi mais próximo com Satanás.

— Nível superior do mal, — reconheceu Hawkyn. Voltou-se para Journey, com os olhos cor de esmeralda brilhando de esperança. — Arik disse mais alguma coisa? Ele tinha um nome?

— Não, mas tem que ser Ciph. Nenhum outro não-caído que trabalhou para o Pai desapareceu.

— Fantástico. — Maddox pegou o sobretudo de couro preto e o cinto de armas pendurado no balcão. — Vamos pegá-lo.

— Calma lá, Quick Draw³. — Hawk atirou em Mad um olhar de “você está brincando, certo?” — Você sabe o quão grande é o território de Bael? Mesmo que

³ Rápido no gatilho.

pudéssemos acessar essa parte de Sheoul, não sabemos onde Cipher está sendo mantido. Ele tirou o celular do bolso da jaqueta. — Embora eu tenha um mapa grosseiro da região da prisão de Bael em algum lugar...

— Você tem certeza de que Cipher está preso? — Journey odiava até mesmo sugerir isso, mas ele tinha visto o que ser exposto ao mal fazia com as pessoas. — Ele poderia estar com Bael voluntariamente.

A temperatura na cozinha caiu tão baixo que Journey pôde ver a respiração de Hawkyn quando ele ergueu o olhar da tela do celular.

— Cipher nunca iria nos trair, — ele disse, sua voz indo tão baixa quanto a temperatura. — Se ele pudesse estar aqui, ele estaria.

A fé de Hawk em seu melhor amigo era admirável, mas Journey não tinha certeza se era merecida. Quando um Anjo Caído entrava em Sheoul, o ato completava sua queda da Graça, permitindo que o mal penetrasse completamente. Não importa o quão decente Cipher pudesse ter sido como um Anjo Caído, o mal agora era uma parte dele. Suas novas asas seriam formadas com isso. Seus poderes e habilidades seriam todos contaminados por isso.

Mas até que ponto? Essa sempre foi a questão quando se tratava de anjos caídos. A maioria tinha malevolência que escorria de seus poros e eles eram gigantescos, imbecis radioativos. Mas alguns, geralmente aqueles que só caíram recentemente, não eram nem um pouco ruins. Talvez, se chegassem a Cipher a tempo, pudessem salvá-lo do pior. Ou pelo menos controlaria isso por alguns séculos.

— Ok, cara. — Journey levantou as mãos em uma posição defensiva. — Calma. Eu só quero abordar o grande elefante demônio constrangedor na sala, sabe?

Hawkyn olhou furioso, mas um momento depois voltou ao telefone. — Eu tenho o mapa e acho que tenho um arquivo que pode nos ajudar. — Ele bateu em seu telefone enquanto falava. — No ano passado, Cipher sondou as redes pessoais de cerca de uma dúzia de inimigos de Azagoth para procurar por portas traseiras em seus sistemas de segurança e tecnologia.

Journey assentiu animadamente, sabendo para onde isso estava indo. — Eu o ajudei com isso. Bael era um dos alvos.

— Diga-me que vocês violaram sua merda, — disse Hawkyn.

— Nós fizemos. — Journey sorriu para seus irmãos. — Rapazes, acho que podemos ajudar Ciph.

Journey mergulhou em seu bolo com um entusiasmo que estava faltando desde que Ciph desapareceu. Eles finalmente iam ajudar a salvar seu amigo.

Mas depois de sete meses em um reino infernal, quanto de Ciph seria deixado para salvar?



CAPÍTULO 4

— Diga isso, Cipher. Não me faça ter que feri-lo novamente.

As maldições ardentes de Cipher não derreteram o gelo em sua cela, mas o fizeram se sentir melhor. Flail passou o que pareceram horas fazendo-o dizer coisas estúpidas, porque se ele não o *fizesse*, ela o castigava através do osso como se *fosse um disco* embutido em sua pele. Que foi seriamente bruto.

De qualquer forma, até agora ele havia feito o que ela queria e falou as coisas estúpidas, evitando grandes dores. Mas em algum momento ela ia parar de brincar com ele e levar a sério a tortura.

Ainda assim, essa frase em particular era especialmente estúpida e ele inicialmente recusou. Seu peito pulsava como um filho da puta por causa daquele pequeno ato de desafio.

— Cipher...

— Tudo bem. — Ele revirou os olhos com tanta força que doeu. — Meu pau é do tamanho de um coquetel de salsicha.

Quando ela riu e bateu palmas, ele jogou a cabeça contra a parede e olhou para as centenas de pingentes remanescentes pendurados no teto cavernoso, alguns tão grandes quanto ele.

Eles machucam muito quando caem.

Pena que um não caiu em Flail.

Cuidadosamente, ele mudou seu peso, evitou suas âncoras de asa de suportarem muito peso. A corda de ligação em torno da base de suas novas asas de anjo caído, profundamente dentro de suas costas, doía como o inferno. Qualquer pressão era agonizante. A pior parte era que ele não tinha sequer visto suas asas ainda. Bael ordenou que elas fossem presas antes que tivessem a chance de emergir.

— Quanto tempo você demorou para quebrar, Flail?

Ela piscou. — Quebrar? Ninguém me quebrou. Depois que o Céu me rejeitou, entrei em Sheoul de bom grado e orgulhosamente.

— *Rejeitou* você. — Isso era muito absurdo para desperdiçar uma risada. — Em seguida, você vai dizer que você é inocente de tudo o que causou sua expulsão.

— Eu não era inocente, no mínimo, — ela disse, suas palavras cortadas com irritação. — Mas ainda era besteira. Quero dizer, então matei alguns humanos sem permissão. E daí? A maioria deles era escória. O que aconteceu comigo foi completamente injusto.

— Injusto? — Ela estava louca? — Matar humanos sem causa ou autorização é a pior ofensa em uma longa lista de ofensas, de longe. Você quebrou a regra número um e ficou surpresa que perdeu suas asas?

Ela fez um som de desgosto. — Eu entendo que eu quebrei a lei, mas a lei é ridícula. Os humanos são como uma infestação de insetos. Como pode ser errado matá-los? — Ele não deveria ter disciplinado o choque em sua expressão, porque ela apertou os punhos em seus quadris e franziu o cenho para ele. — Eu não estou sozinha em me sentir assim.

— Não, merda, — ele disse. — É por isso que Satanás e sua cabala de malvados idiotas foram expulsos do céu.

— Obrigada pela aula de história, — ela disse secamente. — Mas você claramente não está compreendendo o tamanho do movimento anti-humano entre os anjos celestiais.

— Como você sabe? — ele atirou de volta. — Você está caída por oitocentos anos?

Ela olhou para um dos pingentes acima, o mais pontudo, e ele fez uma anotação mental para evitar ficar debaixo dele. — Esse período de tempo é apenas um

piscar de olhos para anjos. Você sabe disso. Mas você está errado. Eu perdi minhas asas há menos de três séculos atrás.

— Sim, bem, eu estava no céu muito mais recentemente do que isso, e ninguém estava falando de rebeldia.

Seus lábios, que um dia lhe trouxeram muito prazer, franziram em aborrecimento. — Eles não falariam abertamente disso. Algumas das pessoas que você acha que conhece melhor provavelmente concordam comigo.

Ele queria dizer a ela como ela estava errada, mas agora que ele pensava sobre isso, ele tinha ouvido agitações de descontentamento. Anjos da velha guarda, que estavam por aí desde antes de a Terra suportar qualquer tipo de vida, esperaram muito tempo para que os humanos se provassem dignos. Muitos daqueles que não apoiaram a rebelião de Satanás e que haviam pregado paciência estavam começando a repensar suas posições. E os anjos mais jovens que vieram mais tarde na evolução humana viam apenas uma espécie que estava destruindo a si mesma e ao planeta que eles receberam.

É como se os humanos estivessem regredindo, disse Tuvol, um dos amigos mais antigos de Cipher, certa vez. *Nós tínhamos grandes esperanças para eles, mas eles são uma experiência fracassada. É hora de o Pai exterminá-los. As outras coisas vivas na Terra ficarão melhor sem a crueldade e o egoísmo deles.*

Tão chocado quanto Cipher tinha estado, ele descartou a opinião de Tuvol como não-convencional, compartilhada por um insignificante número de descontentes marginais cuja influência era igualmente insignificante.

Mas, e se isso não fosse verdade? E se os extremistas estivessem crescendo em número e influência?

— Vamos dizer que há mais disso do que eu acho, — ele disse. — O que é que eles querem?

Ela olhou para ele como se ele fosse um idiota. — Como você pode não saber? Eles querem o Apocalipse.

Agora isso era digno de um latido de riso. — Eu odeio te dizer isso, psicopata, mas o Céu sempre tem trabalhado para impedir o Apocalipse.

Flail chutou o pé novamente, desta vez com mais força. — O Apocalipse é inevitável, Cipher. Assim como existem demônios religiosos e radicais humanos que trabalham para trazer os dias finais, também há anjos.

— Mas o ponto de atrasar é permitir que os humanos tenham tempo para aperfeiçoar suas almas. — Esse foi o argumento inteiro contra a besteira do "experimento fracassado" de Tuvol. Sim, os seres humanos eram terríveis e pareciam estar regredindo, mas aprendiam com os maus momentos, não os bons. — Tornar-se digno da vida eterna a que serão presenteados depois de terem vivido várias vidas terrenas e experimentado tudo o que há para experimentar.

Ela fez um gesto de engasgar. — Ugh. Você parece um livro de merda. Você não percebe que eles nunca terão sucesso? Por que prolongar a agonia? Se o Armagedom começar antes que a humanidade se aperfeiçoe, todas as almas humanas se extinguirão.

— Mentira. Quando o fim dos dias chegar, todas as boas almas passarão, não importa se são perfeitas ou não.

Ela encolheu os ombros. — É isso que todos nos dizem, não é? Agora, se tivermos terminado o debate teológico, voltemos ao porquê eu estou aqui. Ela gesticulou para ele. — Fique em pé e se dispa.

Fale sobre uma mudança de assunto. — Obrigado, mas eu vou passar.

— Quando você ficou modesto?

Ele não era modesto de maneira alguma. Ele tinha um grande corpo e não via razão para escondê-lo. Mas ele também não viu razão para cumprir essa exigência específica.

Ele sempre foi cabeça dura.

E foi exatamente esse traço que o fez ser expulso do céu.

— Eu não estou brincando mais, Cipher. — Uma onda de agonia se espalhou do *ascerdisc*. Ele agarrou o peito e gemeu quando o sangue escorreu entre os dedos e desceu pelo esterno. — Levante-se e largue a porra do cobertor.

— Foda-se.

A agonia recuou, mas o que ela deixou para trás foi pior - uma necessidade súbita e esmagadora de obedecer.

— O que... — ele respirou quando seus dedos foram para o nó em seus quadris.

— Que diabos?

— É assim que o *ascerdisc* trabalha. Obedeça ou sofra.

Rosnando, ele retirou a mão... e instantânea agonia retornou. O fluxo de sangue do dispositivo tornou-se um fluxo e um novo fio começou no nariz.

— Basta soltar o cobertor, seu idiota.

Sim, tudo bem, ele era teimoso, mas gostava de pensar que não era um idiota total. Esta foi uma batalha menor que ele estava disposto a perder, a fim de economizar força para a próxima, o que provavelmente teria riscos maiores. Ele se levantou e soltou o cobertor. A dor desapareceu.

Flail o comeu com os olhos, embora ela o tivesse visto nu antes.

— Isso definitivamente não é coquetel de salsicha, — ela disse antes de deixar escapar um suspiro resignado. — Bael me enviou para te seduzir. Mas eu sei o quanto você me odeia. Você nunca vai cair em nenhum dos meus truques.

— Dã.

— Então eu vou fazer você me querer.

Ele riu. — Isso nunca vai... — Ele parou com um silvo quando seu corpo inundou com necessidade sexual que beirava a dor.

— Lá vai você, — ela murmurou, seu olhar tornando-se sonolento, cheio de promessa erótica.

E ele sabia bem que ela cumpria suas promessas.

Maldito seja ela.

O ódio ferveu e se fundiu com a luxúria ardendo em suas veias. Seu corpo queria fodê-la. Seu cérebro queria matá-la.

— Por que... — ele rangeu. — Por que você está fazendo isso? — Ela poderia tê-lo espancado com correntes, esfolado a carne de seus ossos, esmagado seus órgãos com uma marreta, mas em vez disso, ela estava pegando a única coisa que lhe restava: seu livre arbítrio.

Isso foi muito pior do que qualquer tortura que ele sofreu até agora.

— É tudo sobre autoaversão, meu menino. — Ela caminhou em direção a ele, devagar, deliberadamente, cada quadril chutando em convite. — Você vai me foder e vai se odiar mais tarde.

— Eu sei que não foi minha escolha.

— Mas isso não será verdade, não é? — ela cutucou uma unha longa esmaltada de preto no oco de sua garganta. — No fundo, você me quer com mais do que apenas seu pau. E isso vai corroer você. Que permitirá que o mal entre. — Ela alisou o dedo no peito dele, através do sangue molhado. — Todo dia você cede um pouco mais, mas com uma ferida emocional assim? Você vai sucumbir em poucos dias e dar a Bael o que ele quer.

— Nunca, — ele disse. Mas cada uma de suas palavras quebrou sua convicção e bateu em seu próprio medo.

— Você caiu por um motivo, Cipher. Você caiu porque você não tem autocontrole, especialmente com mulheres. — Ela usou o sangue dele para pintar a pele dele, e a repulsa começou a engolir a luxúria. — Você sabe que se você ceder para mim agora, você ainda é a mesma merda que você sempre foi, não importa o quanto você tenha tentado voltar para o Céu.

— Cadela, — ele assobiou. Suas presas pulsaram com o desejo de arrancar sua garganta, mas seu pênis latejava por uma razão completamente diferente.

Soltando a mão dela, ele espalmou seu eixo, e ele quase pulou de sua pele. Ele tropeçou para trás fora de seu aperto, e a dor esmagou seu corpo em um torno de pressão invisível.

— Quando você resiste a minha ordem, você sofre. Venha para mim e haverá apenas prazer.

— Não. — Ele dobrou e gritou quando outra rodada de agonia o despedaçou.

Ele foi torturado em uma base semanal, e às vezes, diária desde que ele foi arrastado para cá. Ele nunca esteve perto de quebrar. Mas Flail estava de alguma forma fazendo o que os outros não puderam. Ela estava rasgando além de sua carne e em sua alma.

— Como? — ele murmurou. — Como você está fazendo isso?

— Todos nós temos superpoderes. — Sua mão desceu em seu pescoço, e não importava o quanto ele tentasse, ele não conseguia se mexer. — Por que você acha que sou chamado de Flail? É porque o meu poder especial, aquele que me torna indispensável para quem me paga o suficiente, é essa coisinha enterrada no seu peito.

Com isso, posso usar meus pensamentos como um chicote, esfolando emoções abertas.

Seu superpoder era horrível. Cipher não tinha ideia de qual era o seu poder único de anjo caído, mas ele esperava que fosse um pesadelo.

E então, ele jurou, ele usaria para matar Flail.



CAPÍTULO 5

Os gritos de agonia de Cipher ecoaram nos corredores escuros enquanto Lyre corria para sua cela. O guarda da torre disse que Flail estava com ele, mas se isso fosse verdade, por que Cipher estaria com dor? Ela foi enviada para seduzi-lo, não para torturá-lo.

A não ser que...

Merda.

Ela passou pelo guarda de cara de cobra na porta da cela, mas o grande imbecil a bloqueou. — Sintooo muito. Flail deu orderssss para não permitir que ninguém entre.

— Eu não sou ninguém, — ela gritou. — Eu sou a manipuladora dele, e eu sou superiora a Flail nisso.

Os olhos entreabertos do sujeito se estreitaram ainda mais em confusão, mas ele ainda sacudiu a cabeça de três chifres e capuz. Do outro lado da porta, Cipher gemeu. Tempo para uma abordagem diferente.

Invocando cada grama de poder que ela poderia reunir, ela usou sua principal jogada e desmaterializou-se em um vapor cinza. Em sua forma esfumaçada, ela podia passar por qualquer abertura, e o buraco da fechadura era perfeito.

Ela ouviu o grito do guarda: — Ei! — quando ela deslizou para dentro da cela e se materializou novamente.

Quando se formou completamente, seu queixo caiu ao ver Flail, em pé perto do centro da pequena sala como uma dominadora, com as botas de salto alto cravadas no gelo, os braços cruzados sob os seios nus. No chão, encharcado como sangue, estava seu espartilho.

O olhar vidrado de Cipher *saltou* para Lyre quando ele ficou de pé contra a parede de gelo, com uma das mãos segurando o *ascendisc* em seu peito. A fúria se formou em seu próprio peito enquanto o sangue corria em grossas correntes do aparelho e do nariz e da boca de Cipher.

— Cadela! — Sem pensar, ela bateu um punho invisível de poder no estômago da outra fêmea, derrubando-a e indo para os restos de um gigantesco pingente de gelo atrás dela. — Como você ousa torturá-lo?

Flail riu, levantando-se como se o soco de energia de Lyre tivesse sido um mero tapa. Para adicionar insulto à injúria, Flail lhe lançou um sorriso zombeteiro que gritou, *Seus poderes são fracos e você é uma desculpa patética para um anjo caído, e todo mundo sabe disso.*

Tão vergonhoso.

— Eu não estou torturando-o. — Flail curvou o dedo para Cipher em um gesto de “venha aqui”. — Ele está se torturando. — Com um chiado de dor, ele cambaleou alguns passos para mais perto de Flail, com as mãos cerradas, raiva queimando em seus olhos. Até mesmo sua ereção, inchada e pulsando com veias grossas, parecia irritada. Impressionante, mas com raiva. — Quanto mais ele resiste, mais dói.

— Ele não está se torturando e você sabe disso. Você está forçando-o a isso. — Lyre amaldiçoou. — Isso é sinistro, mesmo para você.

Flail fez um som de desgosto. — Tal coisa humana para dizer. Em seguida, você vai me dizer que isso é estupro mental. — Ela acenou com a mão, desdenhosa. — Ou estupro de estupro. Tanto faz.

Bem, sim, tecnicamente...

Como um anjo caído que havia permitido a malevolência de Sheoul dentro dela, Lyre deveria abraçar todos os atos e todas as coisas más. Mas de vez em quando, como agora, seu passado e suas lembranças se levantaram, todos inconvenientes e merda.

Seu ex tinha sido uma espécie de vigilante, um demônio que colocou sua habilidade para causar pesadelos em bom uso. Qualquer um que prejudicasse os outros poderia ser vítima de seu dom, mas os estupradores eram seus alvos favoritos. Ele teria *pago* para assombrar os sonhos de Flail até ela enlouquecer.

Lyre não podia assombrar os sonhos de Flail ou deixá-la louca, mas ela poderia colocar uma bota na bunda perfeita da vadia.

— Saia, Flail. — Ela enviou um sinal mental na porta, e ela se abriu. — Ele prefere morrer do que foder você, então isso é inútil.

Ignorando-a, Flail novamente apontou para Cipher, convidando-o para mais perto. Ele rosnou, seu ódio pairando no ar gelado com a respiração. Mas ele se arrastou em direção a ela, seus esforços para resistir tornaram seus passos bruscos e descoordenados.

Filho da puta. — Eu chamarei os malditos guardas, — Lyre disse.

— E você vai responder a Bael, — disparou Flail. — Ele me mandou aqui.

Como um bebê anjo caído com poderes mais fracos do que a maioria, Lyre sempre foi superada por todos os anjos caídos que encontrou, incluindo Flail. Mas não aqui. Não enquanto Cipher estivesse sob sua responsabilidade.

Lyre chegou a Flail, pronta para derrubar a desprezível com as próprias mãos. Ela podia ser pateticamente fraca quando se trata de poderes angelicais, mas passou a vida toda treinando em combate físico para ajudar a compensar sua falta de habilidade sobrenatural.

— Bael ordenou que você o seduzisse, — ela disse, parando na beira do espaço pessoal da outra mulher, — mas ele ordenou que eu o treinasse e cuidasse dele, e eu digo que ele já teve o suficiente.

A mandíbula de Flail se apertou, seus lábios se esmagaram em um golpe furioso, e Lyre convocou o poder para estar pronta se a outra fêmea a atacasse. Lyre estava desesperadamente desarmada e superada por Flail, mas dentro dos limites da cela de poder de amortecimento, onde apenas habilidades de baixo nível podiam ser usadas, Lyre poderia se segurar o suficiente para evitar uma surra séria.

Além disso, ela tinha uma adaga bem afiada no quadril.

— Eu vou embora, — disse Flail em uma capitulação chocante e pacífica, — mas só porque você arruinou o clima. — Ela nivelou um olhar de aviso para Cipher.

— Eu volto amanhã e terminaremos o que começamos. Mas a pequena tática da sua manipuladora vai custar-lhe. Nós vamos fazer tudo isso de novo... mas vamos fazer isso na arena na frente de uma plateia.

Flail sacudiu o pulso e o *ascerdisc* saiu do peito de Cipher com um som úmido e rasgado. Ele grunhiu e agarrou a ferida que sangrava enquanto ela saía de lá, sem sequer se importar em pegar o espartilho. Nenhuma surpresa Flail sempre foi exibicionista.

Era por isso que ela provavelmente já estava babando sobre o show de sexo na arena amanhã, estrelando Cipher.

Por alguma razão, a ideia repeliu Lyre em todos os sentidos.

Ela assistiu a muitas exposições eróticas de Bael, ele usou a arena para apresentar dor e prazer, e se elas acontecessem ao mesmo tempo, melhor ainda. E ela tinha visto Cipher na arena, lutando batalhas que poderia tê-lo matado. Mas esta seria uma luta que ele não poderia vencer, e a morte poderia realmente ser mais gentil.

Depois de fechar a porta, voltou-se para Cipher, que a observava com olhos selvagens, um predador ferido, com dores e mais perigoso do que nunca.

— Deixe-me curar você. — Como todas as suas habilidades, seu poder de cura era limitado em escopo e força, mas ela podia ao menos tirar a vantagem e iniciar o processo.

Ele mostrou enormes presas pingando seu próprio sangue. — *Não me toque.*

De todas as vezes que o viu depois de uma morte, ou tortura, ou trabalho forçado, ele nunca ficou assim. Exausto, sim. Sangrando e quase inconsciente, com certeza. Tremendo e vomitando, sim, uma ou duas vezes. Mas não importa como golpeado ele tivesse sido, desafio tinha queimado em seus olhos. Esse mesmo ódio infalível ainda ardia ali, mas agora compartilhava espaço com dúvidas. E talvez um pouco de ansiedade.

Flail havia chegado até ele. Ela era famosa por isso. Mas que cicatriz emocional profunda ela abriu para fazer isso? Cipher não ia sobreviver na arena com a mente intacta, ia? Ele sairia tão mal como qualquer anjo caído. E então ele daria a Bael o que ele queria, e Flail levaria o crédito.

De jeito nenhum. Lyre estava cansada de esperar para se vingar de seus inimigos. Ela precisava dessa vitória e precisava muito.

— Ouça-me, — ela disse quando ela chutou o espartilho de Flail em um canto.
— Flail vai destruir você na arena

— Nunca, — ele cuspiu.

Seu fogo era magnífico, mas os incêndios podiam ser apagados.

— Você sabe que é verdade, Cipher. — Ela encontrou seu olhar torturado, esperando que ele reconhecesse a preocupação genuína. Ele só tinha que confundir preocupação com sua própria situação por preocupação com a dele. — Você *sabe* que é. Ela vai quebrar o escudo que você tem em torno de si mesmo, e o mal vai entrar e transformá-lo em alguém que seus amigos e familiares não vão reconhecer. E então você voluntariamente dará da lista que Bael quer. Mas se você *me* der a lista, você não terá que passar pelo inferno que Flail lhe dará. Você pode manter a sua sanidade e a si mesmo por um tempo. Deixe que os efeitos de estar em Sheoul penetrem em você gradualmente, em vez de entrar como uma represa se quebrando.

— Você acha que sou idiota? — ele declarou. — Você não dá a mínima para mim. Você só quer negar Flail uma vitória ao marcar uma para si. — Ele inalou uma respiração borbulhante, seus dedos apertando ao redor de seu peito escancarado, onde tinha estado o *ascendisc*. — E foda-se por essa razão. — Ele cuspiu sangue no chão, onde congelou instantaneamente, pequenas gotas de cor em uma tela branca. — Foi assim que aconteceu com você?

— Eu não fui forçada a desistir de nada, se é isso que você está perguntando.

Não, ela entrou em Sheoul com o coração cheio de entusiasmo do tipo foda-se o céu. Ela esperava que o mal a levasse imediatamente, dado que ela tinha vindo aqui por livre e espontânea vontade. Em vez disso, ela mal podia sentir o lento movimento e às vezes desejava que isso acontecesse mais rápido. Ela adoraria ser desprovida de empatia. Muito dessa porcaria tem você em apuros. Ter suas próprias emoções era horrível o suficiente como era. Ter que sentir por outros beirava ao avassalador.

Foi por isso que ela tentou evitar estar em qualquer lugar nas proximidades quando Cipher estava sendo torturado por mestres de tortura. Era também por isso que ela interferia com a tortura tantas vezes quanto podia sem parecer suspeitamente compassiva. Ela não tinha escrúpulos, algumas pessoas mereciam o que conseguiam. Mas durante os meses que passou com Cipher, ela começou a perceber que ele não

merecia isso. A coisa mais ofensiva que ela poderia encontrar sobre ele era que ele gostava de sorvete de avelã quando todos sabiam que o rocky road⁴ era o melhor.

— E Bael? — Ele fez um gesto que englobou as paredes de gelo da sua cela. — Ele trancou você no hotel Hellton?

Lyre quase riu. Se Cipher achava que isso era ruim, ele deveria ver a prisão onde Bael mantinha as pessoas que ele *não* queria que trabalhasse para ele. Seus verdadeiros inimigos. Pessoas que ele achava que poderiam tê-lo desprezado ou enganado. Pessoas que olharam para ele da forma errada. O sofrimento que irradiava do complexo montanhoso alimentava aldeias inteiras de demônios que prosperaram com a dor dos outros.

Isso, o Hellton, como Cipher chamava, era francamente luxuoso em comparação.

— Eu nunca fui presa, — ela disse, surpresa por não ter dito isso a ele antes.

Eles conversaram muito nos últimos dois meses, mantendo a conversa leve enquanto tentava tirar informações dele sobre o reino de Azagoth. Cipher sempre habilmente mudou o assunto para longe de Sheoul-gra, mas na verdade, ela não se importou. Ela ficou presa no território de Bael por anos, impedida de sair por uma barreira mágica que não permitia que ela piscasse, andasse ou tomasse um Harrowgate. As histórias de Cipher deram a ela uma pequena sensação de liberdade em um lugar onde tudo o que ela conhecia eram algemas.

— Eu conhecia Bael porque o estudei quando eu era um anjo, — ela continuou.

— Eu procurei ele por emprego. Agora, deixe-me curar você.

Ele recuou tão rápido que bateu na parede. — Eu disse não.

— Você me deixou fazer isso antes.

Seu olhar caiu para sua ereção, só por um segundo, e seu coração pulou uma batida. Ele ficou nu na frente dela antes, mas ele nunca esteve... excitado. Foi esse ângulo de Flail? Ele tinha sido traumatizado sexualmente e ela estava tentando explorar sua dor?

Como um anjo, Lyre teria procedido daqui com cuidado, com tato e sensibilidade. Como um anjo caído ela não tinha que fazer nada disso. Inferno, ela

⁴ Sorvete de sabor de chocolate, misturado com mini-marshmallows e amêndoas torradas picadas.

poderia usar essa pequena suspeita de informação como um instrumento de tortura do jeito que Flail parecia estar usando.

Ela escolheu apenas ser franco. — É sexo? O sexo é seu trauma? Não teria adivinhado isso.

— O quê? Você está de brincadeira? — Ele parecia horrorizado com o próprio pensamento. — Sexo é incrível. Eu só não quero fazer sexo com *ela*. Fale sobre trauma. — Ele olhou para sua ereção novamente. — Mas isso não vai embora, e meu sangue... queima.

— Oh. — Bem, isso foi estranho. — Um... não tenho certeza de como funciona a habilidade de Flail, mas acho que leva algumas horas para a dor diminuir. — Seu olhar caiu para os quadris, onde a coluna de carne inchada se curvava para cima, a ponta brilhante quase tocando seu abdômen rígido. Doce Lúcifer, isso era impressionante. — Ou, você poderia, ah...

Suas bochechas coraram com o calor, o que era ridículo, dado que ela tinha dois séculos e era um anjo caído. Ela tinha visto orgias antes, e não podia dizer a Cipher para se masturbar?

Eu também quero ver isso.

O calor em seu rosto se espalhou para os seios e pélvis, e ela se mexeu desconfortavelmente.

— Eu poderia o quê? — Ele nivelou seu olhar afiado para ela, então, em seguida, ela tomou fôlego. Todo o seu foco estava nela. Ele nem parecia mais estar com dor. — Eu poderia... — Ele agarrou seu eixo, seus longos dedos envolvendo o comprimento espesso. — Cuidar disso eu mesmo? — Seu punho fez uma passagem lenta da cabeça para a base e para trás, e sua garganta entupiu com luxúria. — Ou eu poderia te foder em vez disso?

— *Claro que não, seu verme!* — ela disse silenciosamente na cabeça dela. Onde Cipher não ouviu.

De repente, ele estava sobre ela, batendo de costas dela contra a porta.

Ela nem o viu se mexer. Seu primeiro instinto quando ele mordeu seu pescoço e pressionou aquela enorme ereção em sua barriga estava a bater-lhe com tanta força que até mesmo as asas que ele tinha perdido iriam sentir. Mas quando o ronronar erótico em seu peito alcançou seus ouvidos, seu corpo a traiu.

Meses observando esta criatura magnífica se apresentar na arena e enfrentar todas as formas de tortura, colocaram o mais ínfimo chip na parede que ela havia erguido quando ela perdeu tudo e todos que ela amava. No dia em que ela perdeu as asas, ela renunciou ao amor e a amizade, a ternura e a compaixão, e então ela deixou o mal entrar, esperando que isso enchesse o espaço vazio lá dentro. Sua raiva tinha sido, e ainda era, um escudo, protegendo-a da cruel realidade em que vivia agora.

Mas agora, pela primeira vez desde que ela caíra, havia uma agradável distração da miséria perpétua de Sheoul. Uma distração que, por coincidência, poderia ajudá-la a se vingar.

Você precisa intensificar seu jogo, Lyre. Eu esperava mais de você.

As palavras de Bael ontem à noite na arena tocaram em seus ouvidos. Estremecendo, ela se agarrou a Cipher, suas unhas cavando em seu bíceps duros como se segurá-lo perto bloqueasse a memória de Bael mostrando-lhe o quanto mais esperava dela a acorrentando, literalmente acorrentando-a ao lado dele até esta manhã. Ela tinha testemunhado como ele fez tudo, desde receber um boquete, ir ao banheiro cagar até esfolar um demônio de Oni vivo, então sim, ela viu o que acontecia com aqueles que o decepcionava. Ele não lidava bem com o fracasso.

E ela tinha uma cabeça cheia de memórias perturbadoras para processar.

Anime-se, garota. Você pode dissecar seu trauma mais tarde. Você está trabalhando contra o tempo agora.

Ela tinha que fazer com que Cipher desse a Bael o que ele queria, e ela tinha que fazer isso antes de Flail. Porque mesmo que Cipher não quebrasse na arena, ele *quebraria* eventualmente. Todos quebraram. A questão era quem ganhava crédito por isso.

Lyre *precisava* do crédito. Talvez Bael finalmente lhe desse a liberdade de deixar o reino de vez em quando.

Decidida por este curso de ação, que realmente não era difícil, ela deixou a cabeça rolar para o lado para que ele pudesse aprofundar sua mordida, e a emoção... oh, sim, a emoção foi incrível. Ela nunca tinha sido alimentada antes, nunca alguém pediu. Ninguém queria se alimentar de uma fraca como ela. E como fraca, ela nem mesmo tinha necessidade de alimentar muito. Quando ela o fez, ela se alimentou de

humanos depois de ser escoltada para o reino terrestre por outros anjos caídos que nunca pareciam felizes em ser babá.

Durante o tempo em que ela foi a manipuladora de Cipher, ela poderia ter tomado sua veia a qualquer momento. Não tinha sequer ocorrido a ela.

Agora estava em sua lista de tarefas.

A adrenalina correu por suas veias como combustível erótico enquanto os lábios e língua de Cipher saqueavam seu pescoço. *Mais disso.* Ela precisava muito, muito mais disso.

Coração batendo tão forte que Cipher certamente sentiu isso contra seus dentes, ela deslizou a mão entre seus corpos. Sua pele quente contraiu quando as costas de seus dedos deslizaram através de seu abdômen duro como aço, e sua respiração engatou quando seu polegar roçou a parte inferior de seu eixo.

Sua própria respiração se alojou em sua garganta. Ela nunca tinha feito isso antes. Ela e Dailon foram interrompidos antes que pudessem consumir seu amor no plano físico.

Raiva na falha sentimental estúpida rugiu de volta, e ela tomou bruscamente o pênis de Cipher em sua palma. Não havia nada para esperar. Nenhum príncipe em armadura angelical iria levá-la para o abraço macio de suas asas e gentilmente tirar sua virgindade.

Ela vivia no inferno agora. Estupro coletivo ou ter sua virgindade vendida pelo maior lance para uso em algum tipo de feitiço de poder eram os cenários mais prováveis se algum dia viesse a público que ela era virgem. Ela também poderia fazer isso acontecer em seus próprios termos e agora era um momento tão bom quanto qualquer outro.

Além disso, era apenas uma questão de tempo até que Bael a obrigasse a ir para a cama com ele. Honestamente, ela não podia acreditar que ele já não tivesse feito isso.

Ela apertou o pau de Cipher, e o suspiro de prazer dele criou um pulsar inesperado de necessidade no fundo de sua barriga.

Pare com isso.

Esta era uma tarefa. Um meio para o fim. Não é uma exploração significativa de sua sexualidade ou alguma porcaria.

Oh, mas me senti tão bem.

Ela apertou novamente, adicionando um bombear lento de seu punho. Cipher estremeceu e se balançou em sua mão.

Um gemido baixo saiu de seu peito quando ele levantou a cabeça de sua garganta. — Dói, — ele sussurrou.

Ela congelou, depois soltou-o apressadamente. — Eu sinto muito...

— Não. — Sua grande mão se fechou ao redor da dela e a guiou de volta ao seu eixo. — Isso não. — Ele estremeceu novamente. — Essa é a única coisa que é uma sensação boa. A única coisa em... meses.

Tristeza se misturou com a dor em sua voz, e o coração dela se apertou.

Não. Nenhum aperto no coração. Ela estava fazendo isso com um propósito.

Se ela desse a Cipher o que ele queria, talvez ele desse o que ela queria.

Informação.

E, claro, um orgasmo.



Dor. Havia muita. Muita. Dor.

Mesmo com Flail fora, a dor de Cipher ainda era insuportável. Era como se cada célula estivesse sendo alternadamente esmagada, em seguida, cortada, torcida mais e mais, com alívio somente quando, ele havia de bom grado se aproximado de Flail ou Lyre. Resistir significava que alguém ligava para a dor intensamente.

Mas pior que a dor foi o desejo. O desejo latejante, formigando seu pau e sua alma esmagadora de enterrar-se primeiro em Flail, e agora Lyre.

Pelo menos Lyre não o traía. Ele não a odiava completamente. E ela estava com calor.

Ele tinha fodido piores.

Provavelmente não deveria dizer isso em voz alta. Ou pensasse muito sobre isso. Não dizia nada de bom sobre ele, isso era certo.

Tanto faz. Ele estava feliz por Lyre estar aqui em vez de Flail.

Como Lyre tinha entrado aqui, afinal? Ele não viu a porta abrir.

E por que diabos ele estava pensando em coisas aleatórias quando deveria estar se concentrando em como o sangue quente de Lyre circulava por seu corpo e sua mão quente bombeava ao longo de seu eixo, o único calor real que sentiu desde que ele foi arrastado para Sheoul. Ele se espalhou por sua pele e em seus músculos por todo o corpo, e pela primeira vez em muito tempo, a miséria não era a única coisa que ele estava sentindo.

— Desse jeito, — ele disse enquanto empurrava em seu aperto.

Ele queria arrastar as pernas dela em volta da sua cintura e levá-la, diretamente contra a parede. Ela o deixaria, ele podia dizer pela maneira como ela se balançou para ele, a maneira como sua respiração veio rápida e forte, a maneira como o cheiro de sua excitação envolveu-o como cetim. Mas então ela fez algum tipo de coisa sinuosa quando o apertou da base de seu pescoço para a cabeça... e ele estava feito.

Ele jogou a cabeça para trás e gritou quando o clímax o atingiu, uma onda gigante de prazer que, por um breve momento, fez com que ele esquecesse toda essa merda em sua vida. Mais ondas se seguiram, mais fracas, apenas lambendo seus centros de prazer quando ele desceu.

A pessoa em uma cela vizinha gritou, sacudindo-o de sua bolha de felicidade e lembrando-lhe onde ele estava. Lembrando-lhe que o prazer não era nada além de uma ilusão na prisão de Bael, uma piada de mau gosto, um lapso fugaz de tempo destinado a fazer você odiar ainda mais a vida normal.

Deus, ele odiava isso aqui. Foi por isso que poucos anjos não caídos entravam voluntariamente em Sheoul para completar sua queda. A maioria deles vivia uma vida nômade, fugindo constantemente daqueles que os capturavam e os arrastavam para Sheoul, exatamente como Cipher tinha feito. Ele passou duas décadas em fuga, se escondendo no reino humano sob o disfarce de um homem sem lar, até que ele topou com Hawkyn.

Ao contrário da última vez que ele tinha visto Hawkyn, o Memitim não tentou matá-lo pelo que Cipher fez com seu Primori. Em vez disso, Hawk oferecera-lhe o santuário. Bem, ele o ofereceu depois de uma batalha épica em que eles haviam batido um no outro em uma boa luta à moda antiga.

A vida tinha sido boa em Sheoul-gra. Ele raramente teve que sair, e quando ele saiu, ele geralmente estava com amigos poderosos.

Infelizmente, ele baixou a guarda. Ele assumiu muitos riscos, se afastou muito de seus amigos durante uma batalha e agora estava pagando por seus erros.

Ele pode ser imprudente, mas não era um idiota. Ele sabia que isso poderia acontecer de duas maneiras. Ele cederia e se juntaria à equipe de Bael, ou morreria uma morte agonizante, apenas para ser plenamente consciente momentos depois, quando sua alma se encontrasse à mercê de Bael. Bael usaria isso como um brinquedo? Talvez prendê-lo dentro do corpo preservado de Cipher, colocar em exibição enquanto ele lentamente enlouquecesse? Ou talvez Bael iria mantê-lo como uma oferenda a Satanás no dia em que o Rei dos Demônios fosse libertado de sua prisão.

Cipher sabia qual opção era a mais provável. Mesmo agora ele podia sentir o mal infiltrando-se em suas próprias células, escurecendo sua visão, seu senso de humor. Ah, claro, sempre havia uma chance de que ele pudesse escapar e voltar para Sheoul-gra, mas a realidade era que ele só tinha uma escolha a fazer.

Prometer fidelidade a Bael agora... ou prometer fidelidade a ele mais tarde.

De qualquer maneira, Cipher entregaria a lista e trairia todos com quem ele se importava.

Eles não se importam com você. A voz de Flail soou em sua cabeça, tocando em seus medos. Você já se foi há muito tempo. Eles acham que você já foi para o lado negro. Eles desistiram.

De jeito nenhum. Eles não fariam. Eles não poderiam. Se ele pudesse sair daqui eles o receberiam de volta em Sheoul-gra.

Ele só precisava de um plano. Uma maneira de contatá-los.

Mas para contatá-los, ele precisaria de seu computador. Para escapar, ele precisava de seus poderes de anjo caídos. Para obter seus poderes de anjo ele precisava de suas asas livres.

Havia apenas uma maneira para isso acontecer. Ele tinha que dar a Bael o que ele queria.

O grito soou novamente, o estímulo que ele precisava para se recompor.

Desajeitadamente, ele se afastou de Lyre, pegou seu cobertor e usou-o para limpar. — Uh, desculpe... — Ele parou antes de dizer qualquer outra coisa. Por que ele deveria se desculpar? Lyre era sua porra de captor. Bem, ela foi contratada pelo seu captor, de qualquer maneira.

— Ajudou? — ela soou ofegante. Excitada. E apesar do fato de que ele acabou de gozar e ele estava em uma prisão na porra do Inferno, ele começou a ficar duro de novo.

— Ajuda o quê?

Ela bufou como se ele fosse um completo idiota. — A dor foi embora?

— Oh. Sim. — Mas ele não tinha certeza se se sentia melhor graças a nutrição que o sangue dela lhe deu ou por causa do sexo. Talvez ambos.

Ele olhou para o peito dele. O sangue ainda manchava sua pele, mas a ferida de *ascerdisc* havia lacrado e estava apenas um pouco tenra. Suas asas ainda doíam, estranguladas por uma corda enfeitiçada, mas isso não era novidade.

Ela começou em direção a ele. — Cipher...

— Ooh, ei, cuidado onde pisa.

Ela deu um pequeno salto para evitar escorregar no resultado da ação de sua mão, e ele escondeu um sorriso pelo maneira como as bochechas dela ficaram rosadas. — Obrigada.

— Não me agradeça. Eu te avisei antes que eu tivesse a chance de considerar o quão hilário seria se você caísse na minha porra. — Por *que* ele a avisou, afinal? Deveria tê-la deixado amassar seu traseiro no gelo.

Mas era uma bunda tão bonita.

— Você sabe que amanhã vai ser pior, certo? — ela perguntou, soando um pouco agitada. — Flail provavelmente está providenciando os convites agora.

Ela vai quebrar o escudo que você tem ao seu redor, e o mal vai te transformar em alguém que seus amigos e familiares não vão reconhecer. E então você vai voluntariamente dar a lista que Bael quer. Mas se você me der a lista, você não tem que passar pelo inferno que Flail vai colocá-lo completamente. Você pode segurar sua sanidade e a si mesmo por um tempo. Deixe que os efeitos de estar em Sheoul penetrem em você gradualmente, em vez de entrar como uma represa se quebrando.

Por mais que Cipher detestasse admitir, as palavras de Lyre faziam sentido. E se ele esteve aqui há sete meses, como Flail disse... sim, isso podia funcionar.

Ele jogou o cobertor de lado. — Se eu der a lista de Bael, ele vai desatar minhas asas, certo?

— Este é o acordo.

— Então me traga meu notebook. — Ele fez uma pausa. — E algumas roupas. Roupas reais. E um banho seria ótimo.

Lyre se sacudiu como se fosse uma marionete e alguém tinha puxado suas cordas. — Você está falando sério?

— Estou coberto de sangue e estou nu. O que você acha?

— Não, eu quero dizer a lista. — Seus olhos prateados estavam arregalados, brilhando de surpresa. — Você está disposto a dar a Bael os nomes que ele quer?

Ouvi-la dizer em voz alta fez seu intestino se agitar. Se ele estivesse certo sobre isso, ele poderia ganhar tempo para escapar sem que ninguém se machucasse. Se ele estivesse errado, a ira de Azagoth faria a crueldade de Bael parecer francamente misericordiosa.

E então, com uma respiração profunda e uma oração silenciosa para quem quisesse ouvir, ele assentiu.

— Sim, — ele rosnou. — Eu estou.



CAPÍTULO 6

— Já viu o interior de uma alma?

Azagoth franziu a testa para o interlocutor sobre a borda de seu copo alto cheio de uísque. — Tá brincando né? — ele baixou o copo na mesa. — Você está me perguntando, o Grim Reaper, um anjo caído que não encontrou uma coisa nova para fazer com uma alma em pelo menos dois séculos, se eu já vi o que há dentro de uma?

Jim Bob, um anjo cujo verdadeiro nome e identidade Azagoth não conhecia, encolheu os ombros, fazendo a bainha de seu manto negro com capuz sussurrar contra suas botas. — Supostamente, a maioria das almas está cheia de luz. Mas e as almas que você mantém no Inner Sanctum?

Essa era uma conversa estranha, mas Azagoth não conseguia arranjar energia para se irritar com algo tão pequeno. Não quando *grandes* merdas estavam acontecendo ao redor dele. Grandes o suficiente para que ele estivesse disperso, sem sono e distraído por dias.

Na semana passada, um de seus filhos, um menino na adolescência que Azagoth acabara de conhecer, fora assassinado dentro de Sheoul-gra.

Dentro da porra de Sheoul-gra.

O desgraçado responsável pela morte de Niclas ainda não havia sido identificado, mas ele - ou ela - seria. Azagoth não descansaria até saber quem se

atreveu a matar um de seus filhos dentro de seu próprio reino e bem debaixo do seu nariz.

Uma coisa que ele tinha certeza: quem quer que fosse, eles não estavam trabalhando sozinhos.

Três de seus filhos adultos, treinados, poderosos Memitim, também haviam sido massacrados recentemente, e apenas nesta manhã ele descobriu que, sem sombra de dúvida, as mortes estavam ligadas.

Os restos do demônio que entregou a mensagem ainda estavam respingados na parede, e sua alma estava nas mãos capazes e cruéis de Hades.

A alma daquele demônio definitivamente não estava cheia de luz.

— A maioria das almas com que lido está cheia de escuridão, — respondeu Azagoth. Como nem todos os demônios eram maus, alguns não possuíam um vazio interior sombrio, e um raro punhado até irradiava luz.

Jim Bob caminhou lentamente ao redor do escritório, seu olhar fixo nos respingos. — Quando uma boa alma cheia de luz é destruída, a luz retorna ao Criador, a menos que a alma seja aprisionada, devorada ou usada como combustível para um feitiço. O que acontece quando uma alma maligna cheia de escuridão é destruída?

Azagoth apoiou o quadril contra a sua mesa e relaxou, embora, como sempre, mantivesse seus poderes trancados e carregados. Jim Bob era uma fonte privilegiada de informações celestiais, mas ele também era um anjo. O que significava que ele nunca poderia ser totalmente confiável.

— O mesmo, basicamente, — disse Azagoth. — O vazio escuro dentro de uma alma é combustível para um demônio que come a alma. Mas se eu destruir uma alma, a escuridão retorna a Satanás e o torna mais poderoso. É por isso que tão poucos têm o poder de destruir almas e por que eu não faço isso por um capricho. — Ele também assinou um contrato declarando que pagaria um alto preço por cada alma que ele destruísse, e esse preço geralmente não valia a pena. Muito pouco valia a pena dar uma medida de seu poder ou uma fatia de seu reino. — Por que o súbito interesse na canalização interna de uma alma?

Jim Bob virou-se lentamente, sua expressão, embora sempre séria estava absolutamente sombria. — Há rumores de uma trama para libertar Satanás de sua

prisão. Eu me pergunto se almas suficientes forem destruídas, se ele ganharia os poderes necessários para escapar.

Azagoth estudou as feições cuidadosamente disciplinadas de Jim Bob, mas, como de costume, não havia nada para ler. Ainda assim, sua pergunta não era em vão, ele estava investigando os sentimentos de Azagoth sobre o assunto. Talvez até o envolvimento dele.

— Possivelmente, — Azagoth meditou. — Mas levaria centenas de anos até para *eu* destruir tantas almas. A essa altura, Satanás provavelmente estaria livre. De acordo com a profecia, claro.

— Claro. — Jim Bob casualmente acenou com a mão na frente do fogo enquanto falava, mas se ele estivesse procurando por calor, ele teria que ir além e a lareira de Azagoth estava tão fria quanto seu coração, e tinha estado desde o dia em que Lillian foi embora. — Você já ouviu falar sobre isso?

Essa *conversa* foi o que deixou o demônio no canto bem morto. Azagoth sabia que havia muitas tramas em andamento para resgatar Satanás, e agora ele sabia que ele próprio era o centro para muitos delas.

As mortes de seus filhos foram uma mensagem: *nos ajude, ou então*.

Azagoth tinha uma foice cheia de “ou então” para cada filho da puta responsável, mas ele não ia deixar o céu entrar nisso. Quanto menos eles soubessem sobre a pressão que estava sendo colocada sobre ele para apoiar a causa *#SatanásLivre*, seria melhor.

Eles realmente tinham uma porra de hashtag.

O que o movimento de Satanás Livre não tinha era um único líder para trazer coesão. Os demônios poderosos e os anjos caídos em Sheoul estavam em campanha por seguidores que pudessem ficar por trás de suas visões únicas para tornar o Inferno grande novamente.

E todos pareciam pensar que a ajuda de Azagoth poderia ser comprada.

Ou compelida.

Ele acenou com a mão em um gesto de desprezo. — Enquanto Satanás estiver preso, haverá rumores sobre libertá-lo da prisão. Quando ele estava livre, alguém sempre planejava sua morte. É o ciclo da vida. Eu não me preocuparia.

Jim Bob bufou. — Você tem coisas mais importantes para se preocupar do que o Fim dos Dias?

As vidas de seus filhos e sua companheira eram mais importantes, então... sim.

Especialmente agora que Lilliana estava voltando para casa. A criança de Ares só precisava apressar-se e nascer. Ele não tinha ideia do porquê de Lilliana ter insistido em estar lá para o parto, mas pelas bolas de Satanás, parecia que a companheira do Cavaleiro estava grávida há anos.

Lilliana se fora há nove meses, e todos os dias, a cada minuto, havia sido uma tortura. Não que ele tivesse alguém para culpar além de si mesmo. Levara muito tempo para perceber isso, mas agora que ele tinha percebido, ele estava trabalhando para se tornar o macho que Lilliana merecia.

—... e então fui sequestrado por anjos alienígenas de um universo alternativo, — disse Jim Bob. — Eles me deram pizza antes da sonda anal.

— O quê? — Azagoth retrucou, reorientando os seus pensamentos. Eles iam para Lilliana nos momentos mais inapropriados. Ela realmente precisava voltar para casa. Foda-se Ares. — Você disse alguma coisa sobre pizza?

Jim Bob revirou os olhos. — Pizza? *Isso foi o* que tirou você de sua bolha? Não foi o universo alternativo ou a sonda anal?

Azagoth se afastou de sua mesa. — Estou com fome, não com tesão. — Na verdade, isso não era inteiramente verdade. Claro, ele poderia ir para duas grandes de calabresa. Ele não tinha comido em dias. Não tinha comido muito desde que Lilliana partiu.

Mas ele realmente estava excitado como o inferno. Fazia eras desde que ele tinha ficado tanto tempo sem sexo, mas mais do que isso, ele nunca tinha ficado tanto tempo sem Lilliana.

No passado, ele teve um desfile interminável de parceiros sexuais. Demônios se jogaram contra ele e o Céu o tinha fornecido anjos para fazer bebês Memitim, então não, não havia escassez de sexo. O que foi uma sorte porque, como seu anjo caído, Chefe de Operações, Zhubaal, gostava de dizer: “Não há nada mais assustador do que o Grim Reaper quando ele está excitado”.

Sim, ele estava com tesão pra caralho. Mas por todo o mal que corria em suas veias, ele nunca nem sequer olhou para as mulheres que tentaram seduzi-lo enquanto Lilliana estava fora. E havia milhares, a maioria delas demônios que queriam trocar sexo por misericórdia. Mas a misericórdia não era sua coisa, e ele riu quando seus *griminions* as levaram embora, conduzindo suas almas para suas novas e medonhas instalações.

Ele nunca foi tentado, nem uma vez. Mesmo seu lado mal não trairia Lilliana com um boquete de uma succubus.

Mas seu lado maligno gostava do jogo. Gostava de brincar com os anjos e os anjos caídos que entravam em seu escritório pensando que, com Lilliana fora, elas poderiam colocar suas garras nele.

Os dedos de Jim Bob estalaram na frente do rosto dele. — Olá. Que porra, cara? Coloque seus chifres e presas longe. E pare de rosnar. Faz minhas asas coçarem.

Azagoth piscou quando ele mais uma vez saiu da lama de seus próprios pensamentos. Seu corpo vibrou com uma luxúria escura enquanto as lembranças de brincar com a presa colidiam com uma consciência sexual que queimava profundamente em seus músculos. O calor penetrou em sua carne fria, e seu pênis, já dolorosamente duro, começou a pulsar com a batida de seu pulso.

Seu pulso.

Santo inferno, seu coração começou a bater de novo.

— Lilliana, — ele respirou, a alegria tomando fôlego enquanto sua presença enchia sua alma. — Ela está aqui. Ela está em casa.

Outro ponto de consciência o atravessou, uma poderosa assinatura energética que ele nunca sentiu antes.

Que porra é essa?

Um grunhido possessivo e rouco sacudiu seu peito, e seus pelos eriçaram-se com suas asas. Alguém mais estava aqui. Alguém malucamente forte.

Lilliana não estava sozinha.



CAPÍTULO 7

Lilliana inalou um suspiro trêmulo enquanto permanecia no portal em Sheoulgra, os símbolos gravados na pedra brilhando intensamente. Uma brisa rodopiava ao redor dela, sacudindo as folhas das árvores cítricas perpetuamente florescentes e trazendo seus perfumes picantes e doces ao nariz. Gramados relvados se estendiam por acres, repartidos por riachos balbuciantes e caminhos desgastados, e a ocasional coluna grega antiga ou estátua demoníaca que se elevava no céu cinza sem características.

A vários metros dali, uma fonte que outrora corria com sangue espirrava água cristalina em pavimentos que levavam a dependências que abrigavam dezenas de anjos não caídos e Memitim. E além da fonte, o palácio de Azagoth se elevava acima de tudo, suas paredes pálidas brilhando.

O alívio peneirou-a, temporariamente substituindo seu nervosismo. O reino estava em sintonia com o humor de Azagoth, e ela não tinha certeza do que teria feito se tivesse voltado para encontrar o tipo de decadência e maldade que uma vez havia tido lugar aqui.

O reino do Grim Reaper poderia ser lindo, mas desconcertante, olhe, mas não muito de perto, toque, mas não sinta.

Seu intestino se revirou e, dentro de sua barriga arredondada, o bebê se mexeu como se sentisse o retorno de sua ansiedade.

Exceto que a *ansiedade* era uma palavra muito suave para o que ela estava experimentando. Realmente, ela estava aterrorizada, a poucos momentos de ver seu marido pela primeira vez em meses. Pela primeira vez desde que ela o deixou.

E ele não fazia ideia de que ela estava grávida.

Ela quase se arrependeu de ter dito a Reaver que ela não precisava dele para acompanhá-la até aqui quando ele a enviou da ilha grega de Ares para o portal externo. Ela deveria ter pelo menos permitido que Malévola, um cão infernal que a havia cercado em todos os lugares da ilha, viesse com ela. O cão tinha se recusado a sair do seu lado até que Cara distraiu a besta o tempo suficiente para Lilliana fugir. Ela sentiria falta do canino do tamanho de um alce, mas Cara assegurou-lhe que Mal a encontraria se o cão infernal tivesse se unido a ela.

Lilliana ia ter muita dificuldade tentando explicar sobre trazer para casa um bebê, quanto mais um animal de estimação que comia as pessoas.

Apoiando a palma da mão na sua barriga de grávida, ela desceu da pista de aterrissagem e seguiu em direção ao palácio, com o coração batendo descontroladamente. Azagoth teria sentido sua presença por esta altura.

Antes que o pensamento desaparecesse, a pele do pescoço arrepiou-se e ela parou no meio do caminho.

Ele estava aqui.

Ele estava atrás dela.

Ela deve se virar e encará-lo. Mas droga, ela não estava pronta para isso.

Fechando os olhos, soltou um longo suspiro e, quando falou, só conseguiu sussurrar. — Azagoth.

— Olhe para mim, Lilliana.

O som da voz de Azagoth, comandando, mas suave, enviou um tremor de emoção através dela. Eles haviam falado quase diariamente via Skype, então ela sabia que ele queria que ela voltasse para casa. Mas como ele se sentiria sobre o filho deles depois que ele lhe disse que não queria mais filhos? Como ele se sentiria sobre o ato que ela manteve isso dele por nove meses?

Se preparando para qualquer coisa, ela se virou.

O poder sombrio emanava de Azagoth quando ele estava a poucos metros de distância, suas brilhantes asas de obsidiana se dobraram rigidamente atrás dele, seus

cabelos curtos tão pretos quanto seus sapatos, sua calça e sua camisa. Ele enrolou as mangas, revelando tatuagens que roubara de Thanatos, e suas mãos estavam cerradas ao lado do corpo.

Ela não conseguia lê-lo, e não sabia como processar isso.

Seus olhos de esmeralda encontraram os dela por um mero batimento cardíaco e depois caíram em sua barriga.

— Eu acho que tenho algo para lhe dizer...

O som de risadas veio de algum lugar atrás dela, e a cabeça de Azagoth se levantou quando dois de seus filhos, Journey e Maddox, apareceram no caminho. Os dois Memitim estavam brincando com seus celulares, alheios ao fato de que em um momento eles iriam estar no meio de algo que eles não queriam estar nem perto.

Azagoth assobiou, suas asas se abrindo quando ele a pegou em seus braços e a ergueu no ar. A respiração saiu de seus pulmões quando o chão se afastou, mas Azagoth a puxou para perto, seu aperto seguro, mas suave, mesmo quando ele voou sobre seus assustados filhos. Ele inclinou-se com força, forçando-os ao chão, antes de se atirar pelo pátio para pousar na sacada do lado de fora do quarto.

Lilliana balançou um pouco quando ela encontrou o equilíbrio, mas o braço de Azagoth permaneceu no lugar, uma sólida faixa de apoio. — Azagoth...

— Shh. — Ele cobriu a boca com a sua em um beijo desesperado. — Eu senti sua falta, — ele sussurrou contra seus lábios.

Deus, ela sentia falta dele também, e com um grito de alívio, ela derreteu contra ele.



Azagoth gemeu ao sabor de Lilliana em seus lábios. Era como se ele estivesse morrendo de fome há meses e finalmente recebesse um pouco de culinária gourmet.

Não era suficiente, era apenas um aperitivo, e ele amaldiçoou quando ele quebrou o beijo e recuou para evitar esmagar sua barriga.

Sua barriga *grávida*.

Putá merda

Ela olhou para ele com grandes olhos cor de âmbar. — Então você não está com raiva?

Porra, sim, ele estava. Mas não. Como ele poderia estar? Sim. Não. Foda-se. Havia tantas emoções emaranhadas dentro dele que não estava certo de como responder. Obviamente, ela estava grávida há meses e não lhe contara. Ela sabia que estava grávida quando o deixou? Quem mais sabia, enquanto ele foi mantido no escuro como um tolo?

Sim, ele estava um pouco furioso. Mas ele também era o idiota que a tinha afastado em primeiro lugar.

Dane-se. Era muito complicado e, francamente, ele não dava a mínima agora. Ele tinha outras necessidades para resolver, como o fato de que Lilliana estava em casa e até mesmo seu lado do mal estava emocionado.

E queria reivindicar sua companheira.

— Eu vou tratar disso mais tarde, — ele disse bruscamente enquanto ele agarrava a sua saia e a arrancava. — Agora eu preciso de você.

— *Sim.* — Ela se jogou contra ele, envolvendo seus braços ao redor dele enquanto ela enganchava a coxa dele com a sua perna. — Depressa.

Suas unhas cravaram em seus ombros e sua barriga inchada pressionou em seu abdômen e não havia como isso iria funcionar.

Tão cuidadosamente quanto seu desespero permitiria, ele a girou e a apoiou contra o corrimão.

Ela olhou em volta para ele por cima do ombro, o longo cabelo castanho envolto nas costas, a boca curvada em um sorriso travesso que o atingiu bem no pênis. — Bem aqui?

Rosnando com impaciência, ele poupou um segundo para olhar seu domínio. Um grupo de Anjos Caídos e Memitim estavam vagando e olhando para a sacada enquanto tentavam não parecer óbvios. Journey e Maddox devem ter a porra de um megafone.

Com um pensamento e um sussurro, uma neblina espessa e negra rolou das bordas externas de seu reino, envolvendo a terra na escuridão e sua varanda em privacidade.

— Legal, — ela murmurou.

Não, não havia nada de legal nisso. Esse nevoeiro poderia ter contido ácido, veneno, ou milhões de criaturas carnívoras se ele desejasse. Do jeito que estava deixaria um resíduo cinza em tudo que tocasse. Ele teria que conjurar chuva mais tarde.

Então eles poderiam fazer amor sob ela também.

Ela te deixou. Ela mentiu para você.

Sim, ela fez. Mas ele não tinha sido um pilar de virtude, então ele reprimiu sua voz interior, porque agora ele precisava se conectar com ela, restabelecer seu vínculo... se não a confiança deles.

Ela pareceu concordar, sua mão se esticando para agarrar sua coxa e puxá-lo ainda mais para perto. O calor de sua palma, apesar de suas calças, era quase sua ruína. Fazia tanto tempo. Demasiado longo.

Quando ele alcançou sob sua saia e arrancou sua calcinha, ele jurou que nunca mais se separariam daquele jeito. Nunca.

Seus dedos a encontraram molhada e inchada, tão pronta para ele que fez seus joelhos fracos.

Lilliana se contorceu de antecipação, seus ombros esbeltos subindo e descendo com cada respiração ofegante. Suas unhas cravaram em sua perna com tanta força que foi doloroso. Deliciosamente, pecaminosamente doloroso.

— Depressa, — ela sussurrou novamente.

Alguma parte dele queria negar seu pedido, a parte dele que estava com raiva por ter sido enganado. Queria arrastar isso para puni-la com prazer.

A parte lógica dele percebeu que não era muito um castigo.

A parte excitada dele simplesmente não podia esperar.

Com um grunhido, ele abriu o zíper.

Ela gemeu quando ele pressionou a cabeça de sua ereção contra seu centro, mas mesmo que ele quisesse levá-la com um impulso frenético, ele foi cuidadoso. Seu filho estava dentro dela, e ele não arriscaria machucar nenhum deles.

Muito lentamente, ele aliviou dentro de seu calor acolhedor, suas paredes lisas segurando seu eixo em uma carícia erótica.

Ele não ia durar muito tempo, mas tudo bem. O amor de sua vida voltou para ele, e eles tinham eras para compensar o tempo perdido.

Ela suspirou o nome dele enquanto ele a enchia, e o suspiro se transformou em um — Sim — rouco quando ele começou a se mover, iniciando um ritmo lento que ainda era quase rápido demais.

— Eu senti falta disso, — ele murmurou, seu aperto aumentando em seus quadris.

Ele bombeou dentro dela, seus golpes se tornaram mais fortes e mais rápidos quando o prazer se espalhou e se intensificou. Os sons suaves que Lilliana fazia quando ela se empurrava contra ele, encontrando cada golpe com entusiasmo, o levaram ainda mais alto. Eles tinham sido uma combinação sexual perfeita desde o começo, e depois de quase um ano de separação, nada havia mudado.

A primeira agitação do clímax formigou em suas bolas e na base de sua espinha, e, antes que ele ficasse deixasse se levar, ele enfiou a mão entre as pernas dela e encontrou seu broto inchado. Ela gritou em choque com o orgasmo instantâneo.

Seu prazer desencadeou o dele, e ele rugiu em êxtase que foi além do físico. Era mental, emocional, tão poderoso que suas asas eclodiram e os envolveram em um casulo de paixão enquanto ele se esvaziava dentro dela. Sua liberação atingiu o pico, diminuiu e atingiu novamente, repetindo o ciclo mais e mais até que ele perdeu a conta e suas pernas mal o suportavam.

Finalmente, quando sua luxúria aliviou, outra ânsia rugiu em foco. A intensidade disso o chocou e, sem pensar, ele torceu a cabeça dela e a mordeu na garganta. Ela gemeu quando ele tomou um gole poderoso, faminto tanto pela conexão quanto pelo doce néctar de nutrição que só ela poderia dar.

Em algum lugar no fundo de sua mente, ele sabia que deveria ser mais gentil, mas antes que ele pudesse domar sua fera interior, outra voz perfurou sua consciência.

Pai.

O bebê. Santo inferno, ele podia *sentir* o bebê.

Ele foi pai milhares de vezes, mas não conheceu a maioria de seus filhos. Aqueles que ele conheceu não entraram em sua vida, até que tinham décadas, se não séculos, de idade. Esta era a primeira vez que ele ia segurar sua própria prole infantil. A primeira vez que ele gerou uma criança com uma mulher que ele amava.

Isso era *tudo* para ele.

O nevoeiro se dissipou e o céu ficou azul brilhante quando seu mundo voltou a se acertar. Ele apertou suas enormes asas ao redor de seus corpos, protegendo-os de vista.

— Azagoth, — ela engasgou. — O céu. Ele nunca foi tão brilhante.

Satisfeito e conduzido por um alto nível de dopamina, ele passou a língua sobre a ferida da mordida para selá-la e apertou-a contra ele. Depois de nove meses agonizantes de separação de sua companheira, horas de solidão esmagadora estavam chegando ao fim.

— Lilli, — ele murmurou, enquanto ele gentilmente a puxou para cima de modo que ela estava de costas para o peito e eles ainda estavam conectados. — Eu te amo muito.

Ela levou uma das mãos dele até a sua barriga, e seu coração se agitou com o movimento sob a palma da mão. — Eu também te amo.

Eles iam ter que falar depois disso. Falar muito.

Mas neste minuto ele iria se deleitar com o presente que acabara de receber.

Sua companheira.

Seu *bebê*.



CAPÍTULO 8

O computador dele.

Seu *bebê*.

Enquanto Cipher pegava seu notebook do pedestal de gelo em que ele estava colocado, ele não achava que ele tivesse ficado mais feliz em ver alguma coisa em toda a sua vida.

— Vocês, idiotas, é melhor terem tido cuidado com isso. — Ele passou a mão pelo estojo protetor liso. — Há um arranhão. Veja, aí está. Fodidos. — ele murmurou.

— Deixe-nos — Lyre disse aos idiotas demoníacos que abriram a sala contendo os itens confiscados de Bael. — Eu posso lidar com isso daqui.

Os demônios, que pareciam e cheiravam a cadáveres humanos inchados embrulhados em sacos de serapilheira, se arrastaram pelo chão de gelo e tapetes de pele em direção à porta. Antes disso, Cipher tinha visto muito pouco do castelo de Bael, mas agora parecia que tudo tinha sido construído de gelo, ossos ou pele, e nada derretia... nem mesmo as lareiras trabalhadas no gelo.

Até mesmo a porta pela qual passavam fora construída de gelo opaco, cor de carvão. De acordo com Lyre, Bael sentia falta dos extravagantes palácios de cristal no Céu, então ele criou uma réplica de sua antiga casa com gelo encantado que poderia suportar o calor intenso do vulcão próximo e o fosso cheio de lava.

Cipher duvidava que a fortaleza fosse uma réplica genuína e exata, dadas as cenas de tortura esculpidas nas paredes por um artista incrivelmente talentoso. Tudo era tão... gráfico. Bael teria sido um desgraçado doente e torcido como um anjo totalmente alado também?

Cipher esperou até que a porta se fechasse atrás dos desgraçados feios para ligar seu bebê. Quando ele ligou, o zumbido do ventilador da CPU quase o levou ao orgasmo.

Mas não teria sido como o que Lyre lhe deu.

Ele quase gemeu alto com esse pensamento.

Lyre estava por perto, o cabelo meia-noite exuberante amarrado em um nó alto e severo, a boca pouco mais do que um corte sombrio. Ela não parecia tão animada por estar aqui como ele imaginou que ela estaria. Bael ia recompensá-la por isso, dar-lhe uma promoção ou alguma merda. Ela deveria estar sorrindo como Flail fez quando lhe causou dor. Em vez disso, desde que Lyre o pegou depois que ele tomou banho e se vestiu, ela estava distraída. Talvez um pouco triste.

Não que ele se importasse.

Quando a tela de senha apareceu, ele secretamente afastou o notebook dos olhos curiosos de Lyre e digitou o código. Um código que também precisava ser inserido com os *seus* dedos e de nenhum outro. A razão pela qual nenhum dos servos de Bael tinha conseguido penetrar nele.

Eles não sabiam sobre a tecnologia que ele desenvolveu e instalou em seu computador.

Imbecis.

— Eu não posso acreditar que você vai fazer isso. — Lyre entregou-lhe um pen drive que ela tirou do bolso lateral da calça.

— Estou cansado de viver em um congelamento profundo, — ele disse, e isso não era mentira.

Mas principalmente... principalmente ele precisava ganhar um pouco de liberdade. E alguma boa vontade. Ele não era idiota, Lyre e Flail estavam em uma competição para ver quem poderia conseguir a lista dele primeiro. Ele não salvaria Flail se ela estivesse sendo assada sobre uma fogueira Neethul, mas se ele ajudasse

Lyre, ele poderia receber algo em troca. Um favor, ou até mesmo uma medida de confiança, que ele poderia explorar quando chegasse a hora.

Se ele jogasse suas cartas corretamente, poderia realmente escapar desse inferno.

A tela piscou, dando a ele a opção de selecionar um dos três blocos privados em seu disco rígido. Sua partição de jogos não estava protegida, mas ele não precisava disso. Ele protegeu por senha a segunda partição, mas configurou-a de modo que, se por acaso houvesse uma minúscula chance de entrar em seu computador, eles acabariam conseguindo entrar em seus arquivos básicos de trabalho. Havia alguma merda sensível lá sobre o reino e tecnologia de Azagoth, mas nada tão crítico que Sheoul-gra ficaria comprometida se fosse invadida. Havia também algumas armadilhas desagradáveis e um vírus de computador que seria executado assim que o arquivo fosse baixado para outro computador.

A terceira partição exigia sangue para abrir. Sangue e uma senha falada apenas em sua voz enquanto ele digitava.

— Eu preciso que você se vire, — ele disse.

— Por quê?

— Eu quero olhar para a sua bunda.

Ela piscou. — Mesmo?

Sim, mas essa não foi a principal razão. Além disso, ela era seriamente ingênua. Como ela havia sobrevivido tanto tempo em Sheoul?

— Você quer a lista ou não?

Revirando os olhos, ela girou nos calcanhares e encarou a parede. — Ah, e caso você tenha alguma ideia sobre contatar Azagoth ou seus amigos, pense novamente. O gelo nesta sala bloqueia todos os sinais eletrônicos, incluindo WIFI.

Porra. Lá se foi uma grande parte de seu plano. A parte dos *heróis entram e salvam o dia*. Acho que ele estava sozinho.

Infelizmente, a falta de acesso também significava que ele não poderia desabilitar os sistemas de segurança de Bael, o que tornaria a fuga muito mais difícil, especialmente porque Bael adotara a tecnologia da mesma forma que outros senhores da guerra miseráveis de Sheoul não tinham. A maioria ainda vivia na Idade das Trevas.

Amaldiçoando silenciosamente, ele cortou o polegar com uma presa e espalhou uma gota de sangue no touchpad. Seus dedos pousaram sobre as teclas tão gastas que a maioria das letras tinha desaparecido quando ele sussurrou: — Han Solo.

Tome isso, Hawkyn. Star Wars bate Star Trek. Todas. As. Vezes.

Hawk provavelmente quebraria sua mandíbula por isso, mas valeria a pena.

Uma pontada de arrependimento o feriu. Ele sentia falta de Sheoul-gra. Ele sentia falta do seu amigo. Sentia falta de todos os seus amigos.

Mas eles estavam procurando por ele. Ele sabia que eles estavam.

Dúvida veio rugindo nos calcanhares desse pensamento. Hawkyn, Maddox, Journey, Emerico... eles foram suas âncoras após sua queda do Céu, mas como Hawkyn gostava de dizer, tirado do Trek⁵, é claro, “As necessidades de muitos sobrepõem-se às necessidades de poucos... ou as de um só”⁶.

O que significava que, se o risco de resgatá-lo fosse grande demais, ele se tornaria um sacrifício pelo bem maior. Isso fazia sentido. Mas isso não fez doer menos.

— Posso me virar? — a voz rouca de Lyre assustou-o no presente.

— Não.

Ele tocou no teclado, o som de teclas clicando satisfatório como uma cerveja gelada em um dia quente. Ele até digitou alguns movimentos desnecessários apenas para poder ouvir a doce música enquanto abria os arquivos sobre todas as pesquisas que fizera para encontrar os filhos de Azagoth no reino humano.

Os milhares de arquivos de centenas de crianças foram organizados em grupos etários, sendo o maior acervo o dos seus filhos Memitim mais velhos. O plano era levar os mais velhos primeiro, permitindo que eles conhecessem o lugar e se instalassem antes de levar os mais novos, que precisariam de mais cuidados. Antes de Cipher ser sequestrado e arrastado para Sheoul, eles estavam na primeira fase da operação.

Fazia meses desde então. As crianças mais velhas deveriam ter sido recolhidas e seguramente abrigadas dentro do reino de Azagoth até agora. Ele daria a Bael essa lista, e enquanto os lacaios do desgraçado estavam caçando as crianças, sem saber que já haviam sido reunidas e levadas para Azagoth, ele poderia planejar uma fuga.

⁵ Referência a Star Trek ou Jornada nas Estrelas

⁶ Frase falada pelo personagem Spock no filme “Jornada nas Estrelas II: A Ira de Khan”

Ele digitou algumas chaves e a lista apareceu. Quarenta nomes, crianças na adolescência espalhadas por todo o mundo. Esperançosamente, todos estavam seguros.

Por favor, deixe-os estarem segurança.

Ele não poderia ser responsável pela morte de um único deles.

— Qual é o problema?

Ele se sobressaltou, olhando para Lyre, que havia se virado em algum momento. — Nada. Por quê?

— Você parece que está reconsiderando.

— Reconsiderando? — ele bufou. — Sobre dar a um monstro acesso às crianças inocentes do Grim Reaper para que ele possa fazer Deus sabe o que com elas? Não, realmente não é problema.

— Inocente? Memitim?. — Ela acenou com a mão em desprezo. — Eles são guerreiros, como todos os outros anjos.

Ele franziu a testa para ela. — Tá brincando, né?

— Não. — Seus longos dedos deslizaram para a lâmina que ela sempre mantinha em seu quadril, e de repente ele se perguntou como ela estava bem com a coisa. Era um show, ou ela poderia realmente dançar com perigo? — Quero dizer, eles não são anjos completos com asas, mas eles têm habilidades de luta poderosas.

Ela não sabia. Ela realmente não tinha a menor ideia. — Esta não é uma lista de Memitim adulto. É uma lista dos pequenos que ainda vivem no reino humano com pais humanos. Eles nem sequer sabem que são anjos e não recebem seus poderes até serem adultos.

— O quê? — seus dedos vacilaram. — Eu não sabia que eram esses. Eu pensei que ele queria Memitim.

— Isso faria diferença?

Ela deu uma fungada arrogante enquanto olhava para a bota. — Claro que não.

— Claro que não, — ele murmurou. — Você sabe o que ele planeja fazer com eles?

— Nenhuma ideia. — Ela olhou de volta para ele. — Então, o que é essa lista, afinal? Quero dizer, obviamente, é uma lista dos filhos dele, mas por que há uma lista deles? Azagoth não tem milhares deles?

Muitos milhares. O cara foi prolífico ao longo das eras. — Você sabe como ele gerou mais de setenta crianças por ano durante milhares de anos para criar Memitim, certo?

— Claro. Isso é conhecimento básico de anjo. Ela olhou para o teto enquanto recitava o conhecimento azagótico dos livros de história. — Seus filhos, nascidos de mães-anjo completas, são dados a famílias humanas para criar. Eles não descobrem a verdade até a idade adulta, quando lhes é contada a verdade sobre suas raízes. À medida que seus novos poderes angélicos emergem, eles são treinados para serem anjos da guarda terrestres, trabalhando para manter os humanos especiais chamados Primori seguros até que eles eventualmente ganhem suas asas e ascendam ao Céu. — Um rubor feroz se espalhou por suas bochechas quando ela o viu olhando para ela. — Ele era um dos meus personagens históricos favoritos, então ele era meu foco em meus cursos de história e pesquisa.

— Pesquisa?

— Foi uma espécie de meu trabalho quando eu era anjo.

Soava chato pra caralho.

— Sim, bem, agora que ele está acasalado, ele não está mais criando Memitim e quer trazer todas as crianças que permanecem no reino humano para Sheoul-gra. — Cipher excluiu casualmente todos os arquivos restantes relacionados aos filhos de Azagoth e então executou o programa de trituradores virtuais que ele havia desenvolvido. — Levou uma eternidade para o Céu concordar, mas eles finalmente deram a ele os nomes e os últimos locais conhecidos dessas crianças.

— Hmm. — Nariz petulante de Lyre se mexeu enquanto passava a informação pelo processador. Era mais bonito do que deveria ser. — Talvez ele vá chantagear Azagoth por alguma coisa. Ele tem uma cunha no rabo sobre Azagoth desde que cheguei.

Interessante. — E quando foi isso?

— Não muito tempo depois do quase apocalipse.

Que foi há apenas alguns anos atrás. — Isso explica, — ele murmurou enquanto olhava de volta para sua tela.

— Explica o quê?

— Por que você não irradia o mal. — Ele apagou mais arquivos relacionados a Azagoth e seu reino. — Você não está completamente saturada com isso ainda.

— Eu estou, — ela disse, um pouco defensivamente. Ela poderia muito bem ter batido o pé, e ele deu-lhe um olhar cético.

— Quanto tempo você passou como um Anjo Caído? — ele perguntou.

— Nenhum.

— Nenhum? — Ooh, ele provavelmente deveria deletar aquele arquivo pornô. — Você foi capturada e arrastada para cá imediatamente?

— Não. — Seus olhos brilhantes iluminaram quando suas defesas surgiram. Este parecia ser um assunto delicado para ela. Ele teria que arquivar essa informação. — Eu vim por meu próprio livre arbítrio.

Então ela era outra Flail. Ela *queria* expor-se aos males da Sheoul. Ele não tinha absolutamente nenhum respeito por idiotas assim.

Embora ele tivesse que admitir que ela não o atacou dizendo que não era nada como Flail. Com exceção ao querer a lista dos filhos menores de Azagoth, de qualquer forma. Não que isso importasse. Ele ia sair desse inferno e esperançosamente nunca mais veria qualquer um deles.

Ele enfiou o pen drive na porta USB e baixou o arquivo contendo os nomes que, esperava, o comprariam algum tempo.

— Feito. — Seu intestino se agitou quando ele desligou a unidade e estendeu-a para Lyre. — Diga Bael para enfiar no rabo.

A mera sugestão de um sorriso brincou com seus lábios. Ele não devia achar sexy, mas ele achava. Muito.

— Por mais que eu adorasse dizer isso, eu vou deixar você dizer a ele mesmo. — Ela saltou a pequena movimentação na palma da mão e sua expressão ficou séria. — Cipher, espero que o que você colocou neste disco não seja um truque, porque se for, ambos pagaremos com sangue. E quando eu me recuperar, vou lhe mostrar o quanto estou saturada do mal.

Ele duvidava que a ameaça soasse tão fofa vindo de Flail. Mas em qualquer caso, ela não tinha nada para se preocupar. Não havia truques no pen drive.

Pelo menos, nenhum que Bael ficaria sabendo até que Cipher estivesse longe.



CAPÍTULO 9

O pen drive parecia uma vitória na palma de Lyre enquanto ela andava com CIPHER em direção à sala do trono de Bael. *Tome isso, Flail. Eu venci. Em grande estilo.*

Ela olhou para CIPHER, cuja expressão estava pétrea. Ilegível.

Mas não estava assim quando ele baixou a lista ou falou sobre os nomes nela. Nomes de crianças.

Uma inesperada onda de culpa a envolveu. Ela sabia que Bael e Moloc estavam atrás dos Memitim, adultos treinados que poderiam cuidar de si mesmos. Mas a revelação de que esses eram crianças a deixaram girando e lutando para esconder isso.

Droga, isso não deveria incomodá-la. Ela era um anjo caído. Um anjo caído disposto. Ela deveria estar suando o mal de seus poros agora. Mal que permitiria que ela não se importasse. Talvez até aproveitasse o sofrimento de inocentes.

Em vez disso, ela lentamente caminhava com a maldita lista e se perguntando o que Bael ia fazer com ela.

Mas ela não podia caminhar para sempre, e eles finalmente chegaram à residência de Bael. Dois demônios Canis pretos e elegantes, baba escorrendo de suas mandíbulas caninas, deixaram-nos entrar.

Bael e seu irmão Moloc estavam encolhidos sobre um mapa com Rancor, uma fêmea anjo caído que ganhou o controle da região de Horun depois de um golpe apoiado pelos irmãos.

Todos os três anjos caídos tinham jurado lealdade a Revenant, mas antes de Lyre ter caído, ela descobriu evidências de que eles estavam secretamente trabalhando contra ele. Na época e como historiadora, ela havia ficado fascinada com a dinâmica política em Sheoul, mesmo quando ela foi perturbada pelos seguidores de Satanás. Os Poderes Que Estão no Céu não admitiram abertamente que estavam apoiando Revenant como o Rei do Inferno, mas ele era definitivamente preferível à alternativa aprisionada.

Mas como um anjo caído traído por sua família celestial, Lyre escolheu intencionalmente vender seus serviços a um inimigo de Revenant. Inferno, ela veio a Bael dentro de uma hora de queda.

Ela se arrependeu no dia seguinte.

Mas não fazia sentido insistir nas consequências de sua decisão precipitada e, contanto que conseguisse o que queria do acordo, ela consideraria sua escolha bem-feita.

Provavelmente.

Os três anjos caídos se viraram como uma unidade para encará-la e a Cipher.

Enquanto ela segurava o pen drive, Bael sorriu, suas presas brilhando no ar tornando-se esfumado pelos candelabros de tochas. Ele tinha acesso à melhor tecnologia que os demônios podiam inventar ou roubar dos humanos, mas seu gosto pela decoração era medíocre.

— Finalmente. — Ele prendeu Cipher com um olhar intenso. — Você está pronto para me servir.

— Servir *você*? — Cipher riu e Lyre se encolheu. Bael não gostava de ser ridicularizado. — Você não merece minha lealdade. Eu vou servir a causa de Sheoul, mas não a sua.

O lábio de Bael se curvou, revelando dentes malignos do tamanho de um leão. — A causa de Sheoul é minha causa.

— Então me diga como minha lista vai ser usada. — A voz profunda de Cipher estava calma, firme, mas seu olhar ardia de ódio. — Eu não posso imaginar que ferir os filhos de Azagoth está nos principais interesses de Sheoul.

— Isso, — disse Bael, — não é da sua conta. — Ele tocou o pen drive. — Se isso é um truque, eu vou te matar.

— Foda-se, — Cipher rosou, e desta vez Lyre assentiu em aprovação. Bael podia não gostar de ser ridicularizado, mas respeitava a boa e antiquada agressão. — Esses são os nomes de todos os filhos de Azagoth que permanecem no reino humano.

Bael jogou o pen drive para seu irmão Moloc, que o ligou a um tablet numa mesa próxima. Depois de um momento, Moloc olhou por cima. — Existem apenas quarenta nomes aqui. Como pode haver tão poucos?

— A maioria das crianças já foi recolhida e levada para Sheoul-gra.

— Se você está mentindo...

— Sim. Sim. — Cipher enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans, todo casual, como se ele não estivesse em um ninho de víboras. — Você vai me matar.

Os olhos escuros de Moloc ficaram tão negros quanto uma rosa venenosa de Sheoulin. Dos dois irmãos, ele era o mais calmo, o menos propenso a ações irracionais. Mas ele também era o mais esperto, o que o tornava muito mais aterrorizante do que Bael.

— Matar você será apenas o começo, — ele disse, empurrando o tablet de lado.

— Rancor olhou para Cipher do jeito que Lyre olhou para um suculento hambúrguer, e os olhos assustadores pendurados em seu bracelete e colar combinaram com seu olhar faminto.

— O que você planeja fazer com ele agora? — Rancor lambeu os lábios e Lyre se arrepiou. — Venha trabalhar para *mim* e eu vou tratá-lo bem.

— Ele é meu, — retrucou Bael. — Eu arrisquei muito para roubá-lo de Azagoth.

— Eu não pertenço a ninguém. — Cipher olhou cada um dos três anjos caídos no olho, e Lyre teve que lhe dar pontos por bravura. Ou estupidez. O tempo diria, ela supôs. — Eu te dei o que você quer. Agora me dê o que você prometeu. Minha liberdade.

Bael pegou sua taça favorita feita do crânio de um anjo. Parecia que estava cheio de sangue. — Até que você prove sua lealdade, sua liberdade será limitada.

A raiva latente nos olhos de Cipher provocou um fogo azul. Sua ira crescente não deveria ser sexy, mas era. Foi essa mesma fúria intensa, mas silenciosa, que ela achou atraente em Dailon antes que ele deu uma de vigilante em alguém.

— Esse não foi o negócio, Bael.

— Você não veio até nós de bom grado, — disse Moloc, soando todo razoável e calmo. — Você tem que ganhar sua liberdade.

Bael baixou a taça da boca e lambeu o sangue dos lábios. — Não se preocupe, verme, eu vou encontrar um uso para você. Um condizente com suas habilidades cibernéticas.

— Sim, — Rancor ronronou. — Com seus poderes de anjo caído, você poderia causar estragos através da Internet demoníaca e humana, e os vírus que você poderia criar, aqueles que podem infectar criaturas vivas... sim, você será inestimável.

Por um momento, Lyre pensou que Cipher recusaria, mas depois ele deu de ombros. — Parece divertido.

Bael observou Cipher por cima da borda da taça enquanto bebia e, quando baixou o recipiente da boca, o sangue escorreu de seus lábios. — Eu te darei mais liberdade, só com Lyre ao seu lado. Traia minha boa vontade, e vou comer seus intestinos no café da manhã. Ele sacudiu o pulso. — Vá, verme. Lyre, fique.

Lyre inclinou a cabeça em reconhecimento e disse a Cipher baixinho: — Espere lá fora por mim. Vai. Antes que ele mude de ideia. — Bael provavelmente faria o café da manhã agora se Cipher não desse o fora dali.

Com um último olhar para todos, incluindo ela, Cipher saiu. E ela poderia ter visto seu traseiro recuar um pouco mais do que o apropriado antes de voltar para os três chefes regionais.

— Eu fiz o que você pediu, — ela disse. — O que Flail não conseguiu fazer. Eu quero falar sobre como vou me vingar.

— Isso de novo? — Bael enrolou o lábio em desprezo. — Eu tenho coisas mais importantes a fazer.

— Como o quê? — O desapontamento fez suas palavras serem curtas, mas, caramba, ela estava cansada de esperar. — Por que você está usando esses nomes?

Rancor olhou para cima, piscando um dos globos oculares em seu bracelete. — É tudo parte do plano para libertar Satanás de sua prisão.

Libertar Satanás da prisão? ela tinha ouvido falar sobre isso, mas até onde ela sabia, ninguém realmente acreditava que tal coisa fosse possível.

— Como pode ser? — ela exigiu. — Segundo a profecia, ele tem quase mil anos ainda antes de ser libertado.

— Profecia. — Moloc zombou, acenando com a mão com a ponta da garra. — Há intermináveis interpretações de todas as profecias. Mesmo que tenhamos que esperar até lá, precisaremos de todas as almas em Sheoul-gra do nosso lado para a Batalha Final entre o Céu e o Inferno.

— Besteira! — Bael jogou a taça pela sala, espalhando sangue por toda a parede de gelo e congelando-o instantaneamente. — Não vamos esperar! Azagoth libertará as almas e ele...

A mão de Moloc desceu no ombro de Bael, aliviando seu frenesi em segundos. Bael estava propenso a súbitos ataques de raiva e, de alguma forma, seu irmão sempre podia acalmá-lo com algo menor do que um toque.

— Você deveria ir, — Moloc disse a ela.

Só um tolo ficaria depois de ser mandado embora.

Aparentemente, Lyre era um tolo. — Não até que Bael me diga como ele planeja me ajudar a vingar daqueles que me ofenderam.

— Paciência, mulher, — disse Moloc. — A guerra entre o Céu e o Inferno atrairá os anjos que você procura destruir.

Espere... esse era o plano? Fazer nada? Ela poderia ter feito isso sozinha. — Isso não é senão um subproduto de uma guerra destinada a acontecer! Não quero esperar mil anos!

— Nem eu — murmurou Moloc. — Nem eu.

— Vá, meu amor. — Bael se separou de seu irmão. — Solte as asas de Cipher e deixe-o descobrir seus talentos de anjos caídos. Nós teremos uso para elas em breve.

Desgraçados. Tudo isso por nada. Bem, não nada. Ela superou Flail e ganhou alguns pontos com Moloc e Bael.

Mas ainda assim, nada disso parecia uma vitória.



CAPÍTULO 10

Lyre saíra da residência de Bael com uma carranca em seu rosto lindo. Ela disse apenas que ia desatar as asas dele, e então ficou em silêncio enquanto se apressavam para sair do enorme castelo de gelo. Uma vez lá fora, na ponte levadiça que se estendia por um fosso de lava, ela levou os dois para uma terra bizarra, de areia cinzenta do deserto, colinas escarpadas e vegetação esquisita e rala.

— Onde estamos? — ele se esquivou para evitar uma videira preta espinhenta deslizando em direção a suas botas de couro cru.

Um guarda da prisão jogou nele o calçado desgastado, junto com uma calça jeans seriamente surrada e uma camiseta que deve ter pertencido a algum outro prisioneiro, a caminho do chuveiro. O que era realmente apenas um dreno no matadouro e um balde de água morna. Porra, ele odiava Sheoul.

— Estamos no meio do nada.

— Eu posso ver isso. — Outra videira, esta vermelha e pulsando como uma veia, seguiu-os por alguns passos. — Eu pensei que você fosse desatar minhas asas.

— Eu vou. Em algum lugar seguro. — Ela o levou em direção a uma extensão plana de areia e cascalho, sua expressão ainda enrugada com qualquer desapontamento que Bael e seus companheiros tivessem revelado. — Seus poderes e asas não desenvolveram da maneira que deveriam ter, ao longo de meses ou anos. Então, quando suas asas saltarem para fora, quem sabe o que vai acontecer? Além

disso, nem sabemos *por que* suas asas se desenvolveram praticamente da noite para o dia.

Sim, ele adoraria uma resposta do porquê de ter acordado com as âncoras nas costas costuradas, as asas amarradas no interior, no dia seguinte ao sequestro. A história oficial, de que elas emergiram quando ele estava inconsciente e que um feiticeiro havia sido chamado imediatamente para amarrá-las, parecia suspeito para ele. Ninguém crescia asas tão rápido, e amarrá-las antes de saber que os poderes que elas trouxeram com elas lhe pareceu uma visão limitada.

Então, novamente, Bael nem sempre operava com lógica ou com premeditação. Impulsivo, narcisista e emotivo, Bael era um ditador cujos caprichos pessoais o levavam a selvageria. Se não fosse pela presença restritiva de Moloc, Cipher duvidava que o sujeito pudesse presidir seus próprios movimentos intestinais, muito menos um território inteiro.

— Então, você me trouxe para esta terra devastada para que eu não destruísse nada.

— Exatamente. — Ela parou no centro da clareira e, ao redor deles, a vegetação tremeu como se excitada pela presença deles. — Tire sua camisa e vire-se.

Ele diria algo descaradamente inadequado se não estivesse saindo de sua pele em antecipação de sentir suas asas explodirem de suas costas. De sentir o poder inundá-lo mais uma vez. Sim, ia ser energia escura, mas depois de ficar sem esse êxtase único por tanto tempo, ele estava ansioso para experimentar qualquer tipo de poder novamente.

Seria diferente da sensação de deixar entrar o poder celestial? Seria tão viciante?

Lyre deslizou a lâmina da bainha em seu quadril. — Você está pronto?

Ele abriu a boca para dizer sim, mas sua antecipação de repente se misturou com a dúvida. Este seria o primeiro passo para a aceitação de sua nova vida como um anjo caído. Não haveria volta quando ele abrisse as comportas para o mal que o rodeava.

Mas que escolha ele tinha? Sem as asas, ele era impotente aqui, e ele aproveitaria todas as vantagens que conseguisse para escapar das garras de Bael.

— Cipher? — A mão de Lyre desceu levemente na parte baixa de suas costas e ele se afastou de seus pensamentos.

— Sim, — ele disse asperamente. Ele precisava fazer isso, mas ele jurou que faria o que fosse necessário para impedir que o mal o consumisse completamente. — Mas o que me impede de sair do território de Bael e fugir?

— A mesma coisa que acontece com todos os anjos caídos trazidos aqui contra a sua vontade. — Pena transformou seus olhos em prata líquida, como uma colher cheia de água, e ele sabia que não ia gostar do que quer que ela tivesse a dizer. — Bael fez um Orphmage amaldiçoar suas asas com um feitiço de amarração. Você não pode deixar o reino dele até que ele confie em você e a maldição seja retirada.

Bem, merda. Isso destruiu seus planos imediatos de fuga. Mas ele não ia desistir. Se ele pudesse enviar uma mensagem para Hawkyn, poderia avisá-lo sobre a lista que Cipher havia dado a Bael, e seus amigos poderiam encontrar uma maneira de tirá-lo daqui.

Ele tirou a camiseta e mostrou as costas para Lyre. — Faça.

Sentiu um suspiro de ar enquanto Lyre levava a faca até as cicatrizes gêmeas perto de suas omoplatas, as âncoras de asas das quais seus novos flancos emergiam. A ponta fria da lâmina cortou sua pele e ele rangeu os dentes contra a dor. Lyre fez dois cortes e trabalhou rapidamente, cortando o fio de ligação que mantinha suas asas presas.

— Feito.

Ela não precisava dizer isso a ele.

Cada célula do corpo dele cantava com força, como se tivesse acabado de ser ligado à bateria principal de Sheoul. A dor do prazer rasgou suas costas e ombros quando pálidas asas parecidas com as de morcegos explodiram em um violento jato de membrana gelatinosa vermelho-sangue.

Desagradável.

Não era assim que suas asas celestes brancas com ponta de limão tinham aparecido pela primeira vez.

Ele não teve a chance de refletir mais. Um fluxo gelado de energia desceu pelo braço e explodiu na ponta dos dedos, lançando-o para trás em um tombo de poeira e asas de couro.

— Que porra é essa?

— Oh, uau! — Embainhando o punhal, Lyre correu em direção a ele. — Isso estava dissolvendo o gelo. Veja.

Uma coluna de gelo havia envolvido um dos arbustos do tentáculo, congelando-o. Mas, enquanto observavam, ela se derretia rapidamente, transformando a planta em líquido enquanto passava. Em instantes, não havia nada além de uma poça onde o arbusto estivera.

Os outros arbustos também estavam congelados, mas não no gelo. Com medo. Isso foi muito foda.

— Eu disse a você que isso poderia ser caótico.

Ele jogou a mão para avisar Lyre. Seu controle era uma droga, o que ele provou com uma bola de fogo disparada contra ela da palma da sua mão.

O fogo a envolveu, chamas com faces de demônio que riram e a morderam. Não! Ah Merda. Sentiu-a gritar até o seu estômago quando ela caiu no chão e se contorceu em violenta agonia.

— *Soretay!* Pare! — ele gritou comandos em Sheoulic enquanto corria para ela, mas suas palavras eram inúteis.

Ele mergulhou em cima dela, cobrindo-a com seu corpo. Ele tentou envolver suas asas feias ao redor dela, mas as filhas da puta não se comportaram, em vez disso ataçaram o fogo, batendo neles enquanto elas se agitavam inutilmente.

Então, sem nenhum motivo que ele pudesse descobrir, as aparições estridentes se apagaram. Lyre ficou flácida embaixo dele, sua respiração ofegante e exausta soprando ar quente contra o pescoço dele.

— Uau, — ela murmurou. — Isso foi inesperado.

Ele se levantou em um braço e olhou para ela. Marcas de queimaduras manchavam seu rosto e suas roupas estavam chamuscadas. A bainha da blusa desapareceu completamente, deixando a barriga lisa exposta, uma mancha de fuligem formando um crescente sob o umbigo.

Ele queria limpá-la com sua língua. Pena que ela estava jogando pelo time errado.

Você está jogando pelo mesmo time agora.

Não, ele não estava. Ele podia ser um anjo caído, mas não por escolha. E, até que o mal o tomasse completamente, ele não estava em um pacto com eles ainda. E ele nunca se juntaria a Bael, o Seriamente Instável. Agora ele não tinha escolha, mas uma vez que ele descobrisse esses novos poderes, ele iria dar o fora daqui.

— Você pode me deixar levantar a qualquer momento, — Lyre disse suavemente. — De preferência, antes que um dos seus novos poderes me incinere ou derreta.

— Certo. — Ele deu um pulo e ofereceu uma mão a ela.

— Obrigada, mas não. — Olhando sua mão como se fosse uma víbora, ela se levantou e se afastou dele. — Eu só vou assistir de... lá. — Ela apontou para uma colina à distância. Bem longe.

Foi provavelmente o melhor. Com pouco a perder, ele testaria seus limites e forçaria seus limites.

E limites? Bem, esses eram algo que ele nunca acreditou, e pela primeira vez, aquela pequena falha de personalidade iria funcionar para ele, em vez de contra ele.



CAPÍTULO 11

Lyre assistiu Cipher tentar manter seus poderes e asas sob controle por pouco mais de vinte e quatro horas humanas.

Não foi bem. Suas asas, grotescamente cheias de garras dentadas nas pontas, pareciam ter mentes próprias. Seus dons de anjo caído eram poderosos, mas imprevisíveis, como os desastres naturais gerados pela imaginação de uma criança.

Finalmente, depois que ele explodiu uma árvore com um fluxo superaquecido de luz azul e quase se fritou com o contragolpe, ela gritou para ele.

— Você está com fome? — ela gritou. — Porque eu poderia comer.

Ele soltou um grito frustrado acompanhado por uma pisada de seu pé, e uma rachadura apareceu no chão sob a sola de sua bota. Um estrondo ensurdecedor e um ribombar lento começaram, e em segundos a rachadura se alongou e começou a se alargar enquanto as paredes desmoronavam e pedaços de terra caíam na fissura.

Isso não poderia ser bom.

— Corre! — ela gritou.

Ele correu em direção a ela, longe da brecha crescente. E então, de repente, ele se virou e correu em direção a brecha.

— Cipher! Não! — O que diabos ele estava fazendo?

Ela estendeu as asas, pronta para ir atrás dele enquanto ele saltou pela fissura. Ele não iria chegar ao outro lado da face íngreme do penhasco. Não se as asas dele não funcionassem

Suas grandes asas bateram, levantando-o facilmente para o céu. Ele se inclinou e subiu em um arco glorioso e elegante. Um grito de pura alegria ecoou quando ele voou em sua direção, lembrando-a da excitação que sentiu na primeira vez em que experimentou suas asas de anjo caído. A dela levava um ano para crescer, mas levava apenas alguns minutos para fazê-las funcionar. Cipher deveria estar emocionado por finalmente ter as suas sob controle.

Dobrando as próprias asas de couro preto contra os ombros, ela o viu baixar para pouso, mas, ao fazê-lo, uma das asas agiu por conta própria, congelando em uma posição fechada. Ele cortou uma árvore e deu um giro irreversível antes de cair no chão e cair ao lado dela.

Ela tossiu na nuvem de poeira resultante. — Isso foi gracioso.

Ele a olhou de onde ele estava esparramado na terra. — Diga-me que você tem isso em vídeo.

Ela não queria ficar encantada, mas ela riu de qualquer maneira. Humor era algo que ela sentia falta desde que entrara em Sheoul. Ninguém tinha senso de humor aqui. E aqueles que pareciam tê-lo encontrava no chão de uma câmara de tortura.

— Sem essa sorte, — ela disse.

— Tudo bem. Mas aposto que teria sido viral. Estremecendo, ele se levantou e tentou empurrar sua asa esquerda para a posição de retração. — Eu não entendo. Não posso controlar essas coisas. É como se elas estivessem lutando comigo. Elas não parecem certas.

Elas não pareciam bem também. Marcadas pelo que pareciam ser cicatrizes e bordas irregulares, elas não eram como as asas de um novato que ela já tinha visto.

— Hmm. Talvez elas tenham sido danificadas pelas restrições. — Ela se moveu atrás dele, admirando silenciosamente suas costas largas e musculosas. Ficaria ainda melhor com arranhões das unhas dela depois de uma longa e suada rodada de sexo.

Ela piscou, surpresa por seu pensamento. Sim, ela estava preparada para sujar deitar e rolar com ele em sua cela, mas isso não tinha sido nada além de uma maneira de obter dele a lista de nomes. Um meio para o fim.

Na maior parte. Não teria sido um sofrimento, de qualquer maneira.

Mas as coisas eram diferentes agora. Ela não precisava de nada dele, e enquanto ele ainda era um protegido do reino de Bael, ele não era mais exatamente um prisioneiro. E agora que suas asas estavam soltas, a força e o poder que emanavam dele envolviam-na como um afrodisíaco.

Não 80oía que ele era lindo também.

Cuidadosamente, ela cutucou sua asa direita para que pudesse inspecioná-la, passando a palma da mão sobre os ossos longos e flexíveis e as extensões espessas e ásperas.

— Como se sente?

— Eu não posso sentir nada. — Ele olhou por cima do ombro para ela, uma mecha de cabelos loiros caindo sobre a testa e dando-lhe uma expressão sexy e brincalhona. — Você está me tocando?

Não do jeito que eu gostaria.

Assentindo, ela flexionou uma das articulações. — Você não pode sentir isso?

— De modo nenhum.

— Ok, tente estender sua asa.

Nada aconteceu. Ele soltou uma maldição frustrada, e então, finalmente, a asa disparou antes de dobrar novamente.

— Não deveria ter tomado tanto esforço, deveria? Isso é normal?

— Acho que não.

— Você não *acha*? Você é um anjo caído, certo?

Ela enfiou os punhos nos quadris. — Ninguém vai querer fazer sexo com você, se você é sarcástico com eles, você sabe.

— *O quê?*

Ignorando-o, ela esticou uma das asas. — Eu te disse, eu só sou um anjo caído há alguns anos. Não é como se eu soubesse tudo sobre a experiência de todo anjo caído. — Ela cutucou uma mancha em uma grande extensão da dura membrana de couro. — Mas pelo que ouvi, quando as asas entram em erupção pela primeira vez, leva apenas algumas horas para descobrir o básico. Você deveria ter voado horas atrás. — Ela arrastou o dedo pelo longo osso em direção à base, seu dedo formigando do chiado elétrico que emanava dele. — Elas eram sensíveis no começo?

— Nem um pouco. Eles deveriam ter sido?

Essa era uma coisa que todo mundo, inclusive ela mesma, lembrava de suas novas asas. Sensibilidade ao ponto de agonia ao toque mais leve. Depois que a sensibilidade diminuía, as asas se tornaram zonas erógenas. Cipher deve estar praticamente gingando de prazer agora. Inferno, ela estava quase lá e nem eram suas asas.

— As minhas eram loucamente sensíveis, — ela murmurou enquanto se concentrava em uma cicatriz que circulava a base da asa, exatamente onde emergia da pele. Ela apalpou, sentindo as deformidades. — Isso dói?

— Não. Por quê?

— É uma cicatriz. Como uma marca de ligadura, talvez. Deve ser onde o fio foi enrolado. — Ela verificou a outra asa e encontrou uma cicatriz gêmea. Caramba. Suas próprias asas pulsaram em solidariedade. Ele devia estar com muita dor enquanto as suas asas estiveram amarradas. — A mesma coisa na outra.

— Faz sentido. — Ele rolou os ombros largos e ela quase babou. — Minhas asas não estão sensíveis agora, mas doeram muito até você tirar a corda.

Certa vez, ao pesquisar sobre a grande guerra demoníaca de 263 a.c., ela entrevistou um anjo caído cujas asas haviam sido amarradas após a captura por um inimigo. Ele disse que a dor era tão grande que ele levou uma espada até as próprias costas em um esforço para cortar o fio. Cipher teria feito o mesmo se tivesse acesso a uma arma?

Ela estremeceu. — Sinto muito que eles fizeram isso com você.

— Você sente? — ele perguntou quando se virou para ela.

— Porque eu mentiria?

Ele olhou para ela como se ela fosse uma idiota. — Porque você é um anjo caído.

— Eu odeio apontar o óbvio, — ela disse, — mas você também. E em quem você confiava antes? Você foi Anjo Caído, vivendo com o Grim Reaper e seus *griminions* profanos e servos caídos. Você confiava neles?

— Alguns deles, — ele disse, indo na defensiva. — Muitos deles são Memitim. Memitim que estão trabalhando para se tornar anjos celestiais de pleno direito.

Ela balançou a cabeça, sabendo exatamente como os anjos *não* confiáveis eram, totalmente halo ou não, *familiares* ou não. — Se você confia em algum anjo, você é um tolo.

— Eu confio em meus amigos. — Suas grandes asas batiam de irritação, e um raio disparou de uma delas. O raio vaporizou um cacto próximo e ele lhe deu um sorriso tímido. — Oops

Suas asas dobraram e obedientemente desapareceram.

— Então, onde estão eles agora, esses amigos? Você acha que eles estão procurando por você? — Ela o vasculhou criticamente com seu olhar, das pernas musculosas dele e parte superior do seu tronco duro até a mandíbula masculina quadrada e olhos inteligentes. Ela apreciava tudo isso, mas seus amigos o viam de maneira muito diferente. — O que você acha que eles fariam se você aparecesse assim? Asas de anjo caído e uma alma escura? Eles vão se virar contra você. Eles vão te matar, Cipher.

— Não, eles não vão.

Ela teve fé em seus próprios amigos e familiares uma vez também. E, como Cipher, ela não ouvia os avisos. — Como eu disse, você é um idiota.

— Parece que alguém está um pouco amarga. — Uma sobancelha loira subiu em um arco interrogativo. — Traído por amigos, eu estou supondo?

— Família. — Ela olhou para o campo de destruição queimado e cheio de crateras que Cipher havia forjado sobre a terra e a vegetação. — Mas os amigos me abandonaram também. Foi divertido. Muita diversão.

Pelo menos, ninguém de sua família tinha *apreciado* assistir quando ela foi presa e teve suas asas cortadas. Eles ficaram devastados. Suas irmãs, até mesmo a que a traíra, choraram. Sua mãe, estremecida por soluços, desmoronou em pesar. E seu pai, sempre estoico e sofrendo de uma perpétua insensibilidade, conseguira soltar uma lágrima.

Embora ela não pudesse ter certeza se a lágrima era por ela ou por sua reputação.

Como você pôde, ele sussurrou alto o suficiente para ela ouvir enquanto os guardas a escoltavam para o bloco de corte. Ela havia trazido tanta vergonha e desonra à sua família, e tudo por um homem.

Mas esse macho valia a pena o risco. Se não fosse por seu próprio mau julgamento em confiar em sua irmã, ninguém teria descoberto que ela havia se apaixonado por um demônio.

Ela passou aquele dia repetidamente em sua cabeça, desejando nunca ter contado a Lihandra sobre ele, e definitivamente lamentou arranjar para que eles se encontrassem. Se ao menos Lihandra pudesse ter visto o bem nele, um campeão para aqueles que não poderiam fazer justiça de outra maneira. Para aqueles que não conseguiam se defender.

E agora ele estava morto, Lyre estava em desgraça, e sua irmã conseguiu justificar o que tinha feito dizendo que fizera isso pelo bem de Lyre e que não pretendia que Lyre perdesse as asas.

Certo.

Como um anjo chamado Lyresiel, Lyre tinha um relacionamento contencioso com sua irmã mais velha. Ela e Lihandra nunca haviam concordado com nada, haviam passado quase um século sem falar uma única vez uma com a outra e haviam deixado seus pais e sua irmã mais nova, Bellagias, zangados com a briga. Mas Lyre nunca acreditou que Lihandra a odiasse tanto que ela entregaria Lyre por “copular” com um demônio.

Lyre não tinha “copulado” com ninguém, mas isso pouco importava para o conselho angélico que presidia aqueles assuntos. Que ela *teria* copulado com o dito demônio era o que importava. Sim, ela admitiu todas as coisas que queria fazer com ele.

Eu teria deixado que ele tomasse minha virgindade, e então eu o teria montado até desmaiarmos. E então teríamos feito isso em nossos sonhos, porque ele tinha o poder de nos conectar dessa maneira também.

Todos os membros do conselho ficaram apopléticos. Mas sua agenda erótica não foi o que a fez ser expulsa do céu. Não. Eles estavam querendo lhe dar uma folga e escrever seu flerte como uma transgressão juvenil. Oh, teria havido alguma punição severa, claro, mas comparada a perder as asas, teria sido um tapa no pulso.

Não, ela teria saído fácil.

Se eles simplesmente não tivessem ido e matado o seu demônio.



Então Lyre foi traída pela sua família.

Isso teve ter machucado.

Cipher, apesar de todas as suas falhas, teve a sorte de ter uma família solidária. Claro, quando ele fodeu e perdeu suas asas eles ficaram desapontados, mas nem seus pais nem nenhum de seus vinte e dois irmãos o haviam destruído. Dois chegaram até a procurar ele durante seu tempo em Sheoul-gra, mantendo contato e retransmitindo mensagens de seus pais.

Mas isso foi antes. Quando ele era um anjo caído tentando ganhar o caminho de volta ao céu. Como eles reagiriam ao fato de ele se tornar um Verdadeiro Caído? Lyre estava certa? Seus amigos e familiares se voltariam contra ele? Tentariam matá-lo?

Lyre parecia perdida em pensamentos, seu olhar indo para algum lugar onde ele não podia ir. O estranho era que ele queria. Porque, por mais que ele achasse que deveria odiá-la, ele não o fez.

Talvez ele simplesmente não a conhecesse o suficiente para odiá-la.

Droga, ele desejou ter acesso à internet ou a demonweb. Ele adoraria fazer um pouco de cyberstalking para descobrir mais sobre ela.

Parece que ele tinha que ficar com o jeito antigo. Ugh. Desenterrar a sujeira on-line era muito mais fácil e menos verborrágica.

— Então, — ele disse, tomando o mergulho. — Como você perdeu suas asas?

Ela enfiou as mãos em seus quadris, logo acima de onde seu cós baixo estava. Ela tinha escapado em algum momento enquanto ele estava praticando seus novos poderes, e ela voltou com roupas limpas livres de marcas de queimaduras. Ele definitivamente aprovou a roupa. Em meses que a tinha conhecido, ela sempre usou tons terra ou suaves, mas a calça cargo preta de hoje estava combinando com uma regata roxa que enfatizou seus perfeitos seios arredondados e cintura fina. E suas botas de combate tinham laços roxos combinando.

Ele se perguntou qual seria a cor do sutiã e da calcinha dela.

— Você sabe que perguntar a alguém como eles caíram é considerado uma pergunta rude, — ela bufou.

Sim, ele tinha habilidades sociais totalmente doentes. — Pareço que estou preocupado em ser rude? — Ele olhou para a palma da mão e convocou uma bola de luz vermelha em uma tentativa de usar seus novos poderes sem suas asas estendidas. Talvez ele tivesse mais controle dessa maneira. Uma coisa que não mudou foi a vibração oleosa e malévola que patinou sobre a superfície de sua pele quando ele estava usando um dos seus poderes de anjo caído. — Você não precisa responder se não quiser.

— Não, está tudo bem, — ela suspirou. — Eu me apaixonei por um demônio.

— Um demônio? — Sua mão estremeceu de surpresa e sua bola de luz caiu no chão, explodindo em mil pedaços de luz no impacto. — Ele era gostoso? Como, não todo escamoso e sinistro?

— É claro que ele era gostoso, — ela disse, saltando para trás para evitar uma faísca de luz superaquecida. — Ele era um... como eles são chamados? *Ter-taceo? Ele parecia com qualquer outro modelo masculino humano.*

— Ele era um modelo?

— Ele era um psicoterapeuta.

Soava chato como merda. Muito conversa. E ele apostaria que o cara não era tão atraente assim. — Que espécie?

— Somniatus

Ele revisou seu pensamento. *Não era* tão chato. — Um diabo de pesadelo.

Assassinos de demônio alegaram que eles eram um dos demônios mais perigosos que atacavam suas vítimas em seus sonhos, onde eles estavam vulneráveis.

Ela sorriu melancolicamente, e Cipher amaldiçoou o fio de ciúme que percorrendo seu corpo. Ele não tinha motivos para sentir inveja de um demônio enlouquecedor.

Teria se alimentado dela como Cipher tinha? Teria provado o doce néctar que fluíra sobre suas presas e língua? A própria ideia de que o cara poderia tê-la levado assim o deixou um pouco espinhoso. Mais uma vez, por nenhuma razão maldita.

— Ele era um pesadelo, — ela disse suavemente, — mas apenas para aqueles que mereciam.

— Então ele era um demônio benevolente? Mesmo? — ele disse cético. — Somiati se alimentam de terror.

Seu sorriso se tornou perverso, combinando com o brilho em seus olhos. — E quem melhor para aterrorizar do que aqueles que ferem os outros?

Ok, sim, ele daria isso a ela. Não havia esporte em ferir inocentes. Trazer um cara idiota durão aos joelhos, embora... *isso* era satisfatório.

— Então você perdeu suas asas por foder um demônio? — Cipher se arrependeu de ter perguntado no momento em que isso saiu de sua boca, porque agora ele não conseguia parar de imaginá-la nua. Com outro macho. — Eu pensei que o Céu parou de fazer isso alguns séculos atrás.

— Eles parecem escolher, — ela murmurou. — Mas não, não foi por isso que eu tive uma passagem só de ida para fora do céu. — Ela olhou para longe novamente, além do lago borbulhando com líquido de merda-marrom e a serra em forma de caveiras, mas desta vez, sua expressão estava gravada em raiva. — Eu deveria estar confinada ao reino celestial como castigo, então antes que a sentença fosse cumprida, eu fui dizer adeus a ele. Mas enquanto eu estava em sua casa, fomos atacados.

— O Aegis?

— Eu *gostaria* que aqueles idiotas que matam demônios fossem os que nos atacaram. Eles eram anjos. Eu lutei. Eu tive que protegê-lo, sabe? — Ela não esperou pelo reconhecimento dele. — Eu acidentalmente matei um anjo de batalha novato que estava lá para ajudar na captura de Dailon.

Foda-se. — Sim, isso faria. — Ele fez outra bola de luz, mas menor desta vez. — Então eles te botaram para fora depois disso?

— Oh, não, — ela disse, com a voz cheia de amargura. — Isso teria sido fácil demais. Primeiro eles me forçaram a assistir enquanto ele era torturado e morto.

Ele estremeceu, tendo testemunhado algumas execuções por anjos fazendo um ponto. — Isso deve ter sido horrível.

Algumas mechas de cabelo sedoso haviam escapado de seu coque bagunçado, e uma brisa quente girou, chicoteando-as em torno de suas bochechas, suavizando sua expressão. Ela não pertencia a este inferno, e pela primeira vez, ele queria saber sobre seu passado não por razões táticas, mas por razões pessoais.

— Eu sabia que nosso relacionamento não tinha uma chance de um futuro significativo, mas eu queria tempo para descobrir isso, sabe? — Ela inclinou a cabeça, observando-o com curiosidade. — Você parece muito calmo a respeito disso. Você é o anjo caído mais descontraído que já conheci.

— Bem, eu *fui* caído apenas por alguns anos. Verdadeiro Caído por alguns meses. Você sabe, desde o dia em que fui arrastado para cá e aprisionado na prisão de gelo de Bael.

Um rubor envergonhado floresceu em suas bochechas, surpreendendo a além da conta. — Eu me lembro quando Bael enviou Flail em uma missão para se infiltrar no reino de Azagoth. Eu fiquei com ciúmes por um tempo. — Ela deu uma risada amarga. — Como historiadora, estava morrendo de vontade de conhecê-lo.

Ele franziu a testa quando as implicações do que ela estava dizendo tomaram um rumo sombrio. — Então Flail não foi enviada para me pegar?

— Não no começo. Bael queria informações sobre Azagoth. Você acabou de ser a melhor maneira de consegui-lo.

Bem, foda-se. Se ele não tivesse convidado Flail para sua cama e, portanto, sua vida, ela nunca saberia o quão importante suas habilidades cibernéticas tinham sido para Azagoth. Isso foi tudo culpa dele.

O que não mudou o fato de que Flail precisava morrer.

Lyre o estudou por um momento, sua expressão pensativa. — Estou curiosa. O que você era como um anjo?

Ah, esses eram bons tempos. Ele os passou surfando nas Praias do Paraíso, esquiando nas Montanhas Infinitas, e banquetecendo-se com pratos feitos com ingredientes decadentes disponíveis apenas no Paraíso.

— Eu era um filho-da-puta descontraído, — ele disse. — Sacaneava todos os tipos A⁷ de personalidade, sabe?

⁷ No original “Pissed off all the Type-As”, fazendo alusão a personalidade classificada como tipo A. A personalidade tipo A é definida por três características: competitividade, senso de urgência e hostilidade. Essas três facetas se manifestam principalmente em situações de estresse, exigência e desafios.

— É por isso que você caiu? — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, e ele de repente se perguntou se elas eram sensíveis a mordida. — Sacaneou o idiota errado?

— Não. Eu dormi com um Primori.

— Ah Merda. — Ela olhou fixamente. — Humano?

— Humano virgem, cuja virgindade foi a razão pela qual ela era Primori. — Suas ações também atrapalharam Hawkyn, que tinha sido seu guardião. Ele não conhecia Hawkyn na época, então não se importou. Até hoje ele não conseguia acreditar que Hawk o havia perdoado.

— Você sabia que ela era Primori quando você dormiu com ela?

— Sim.

Ela olhou mais forte. — Você sabia o que era um Primori? Tipo, que eles são guardados pelo Memitim porque algo sobre eles é importante para o destino do mundo?

— Bem, eu não sabia que a virgindade dela era a coisa que fazia dela uma Primori. E não sabia que ela era virgem até depois. — Ainda assim, era proibido a qualquer anjo dormir com um humano, quanto mais com um humano sob a proteção de Memitim. — Mas, sim.

— Droga. Você é um idiota.

Ele bufou, porque olá, isso era óbvio. — Sim.

Mas se ele pudesse voltar atrás, ele faria. Ele havia encontrado a humana, Felicia, em Fiji, onde ela estava em sua lua de mel. Sozinha. Seu noivo a deixara no altar, e desde que a lua de mel tinha sido paga, ela foi sozinha. Ela estava com raiva e magoada, e pronta para uma aventura selvagem vingativa para dar a outra pessoa o que ela guardou para o homem que a deixou.

Ele estava no resort vigiando um demônio que planejava um ataque cibernético em vários países, e Felicia estava de olho nele. Sendo jovem, arrogante e muito, muito fácil, ele tinha tudo a ver com a mulher quente e de corpo atraente à procura de uma maneira de esquecer sua o seu noivo idiota.

Então Hawkyn apareceu, e tudo, — *Ei, ela é uma Primori, e você precisa fodidamente dar o fora, Halo.*

Ninguém dizia a Cipher para dar o fora.

Então ele ignorou o Memitim, e quando Hawkyn apareceu de novo, batendo na porta do quarto de hotel de Felicia quando eles estavam começando a deitar e rolar, Cipher teve o suficiente. Como um anjo, ele tinha sido muito mais poderoso que Hawkyn, e ele colocou o Memitim em coma temporário e atirou-o para uma ilha deserta.

Então ele deu a Felicia uma noite inesquecível.

Ele tinha muitos arrependimentos sobre aquele dia, mas cuidar de Felicia não foi deles. Ele não devia ter tido relações sexuais com ela, isso estava claro. Mas ele não se arrependeu de tudo o que ele fez para ajudá-la a superar a dor de ser traída por seu noivo. Não foi muito, mas quando ela chorou depois, ele a segurou. Ele trouxe comida e cuidou dela durante uma ressaca. E quando ela falou sobre se machucar, ele a convenceu a superar.

No dia em que ela voou de volta para casa, ele foi convocado para o Céu para um rápido julgamento e uma ectomia de asas.

Não, dormir com Felicia não valeu a pena. Ele não sabia qual seria o destino dela se não o fizesse, mas apenas um ano atrás ele a checou e descobriu que ela era uma nutricionista de Connecticut, feliz com dois filhos adultos, netos e uma casa de praia na Flórida. Com sorte, pelo menos para ela, sua vida era melhor do que se Cipher não tivesse interferido.

— Bem, vamos lá, babaca, — disse Lyre, piedosamente puxando-o para fora de seu passado. — Temos coisas a fazer.

— Comida? — perguntou esperançoso. Seu estômago estava começando a roncar.

— Logo depois que eu te mostrar sua nova casa.

Ele não deveria estar animado em conseguir uma residência em Sheoul, mas qualquer coisa tinha que ser melhor do que onde ele passou os últimos sete meses. — Você quer dizer que eu não tenho mais que dormir em uma laje de gelo em uma cela de prisão?

— Não. Se você fosse um demônio, você teria uma cabana imunda em alguma favela em algum lugar. Mas para a sua sorte, você é um anjo caído, então você tem uma atualização. — Ela balançou as sobrancelhas escuras. — Em Sheoul, os anjos

caídos são a elite. Como os super-ricos do mundo humano. Regras diferentes se aplicam. Tal como você estava na prisão de luxo.

Aquilo era luxo? Ele nem queria saber o quão pior poderia ter sido.

— Onde você mora? — ele perguntou.

Suas asas, meia-noite negra com arcos elegantes, irromperam de suas costas.
— Me dê sua mão e eu mostrarei a você.

Ele pegou a mão dela, gostando do jeito que elas se encaixam. — Nós vamos voar?

— A maldição em suas asas impede que você pisque, mesmo dentro do reino de Bael, então você pode se acostumar a voar.

Ele gesticulou para as crateras no chão onde ele bateu duro. — Você viu o quão bem isso aconteceu.

— É por isso que estou segurando sua mão, — ela explicou. — Eu vou ajudá-lo.

Ele não teve a chance de processar sua surpresa de que ela tomaria o tempo para ajudá-lo a montar sua merda antes que ela se levantasse, puxando-o para o ar com ela. Mas ele fez um agradecimento silencioso, porque quanto mais rápido ele se tornasse proficiente nessas coisas de anjo caído, mais rápido ele iria sair daqui.

Talvez ela venha com você.

Assustado, com aquele pensamento súbito ele vacilou em voo e quase deu um mergulho. Mas os braços fortes e capazes de Lyre o pegaram, e suas asas os levaram ao infinito céu com graça e sem esforço.

Sim. Talvez ela fosse com ele.

Ou talvez ele tivesse que matá-la.

Mas era definitivamente uma situação para mais tarde.



CAPÍTULO 12

O voo para a casa de Lyre levou o dobro do tempo que deveria, mas certamente foi interessante. E às vezes aterrorizante. Como um voo de teste de um avião construído por alguém que nunca tinha visto um.

Cipher definitivamente falhou em Fallen Angel Flying 101, mas Lyre deu a ele um A pelo esforço e um A+ por xingar.

— Filho da ...puta! — Ele gritou quando uma das asas amassou e ele rolou com força. Lyre mal o pegou antes que ele saísse do controle e pregasse uma das estruturas habitacionais que eles estavam tentando evitar enquanto voavam em direção ao seu apartamento. — Isso é besteira!

— Estamos quase lá. — Agarrando-se ao seu braço, ela o guiou entre duas estátuas de 50 anos de Satã em sua feia forma de animal. Ela estremeceu, como sempre, enquanto os olhos das estátuas os seguiam. — Banco direito.

— Isso são prédios de apartamentos? — Ele bateu as asas com força, mas ele mal conseguia ficar no ar. — Eles se parecem com enormes montes de cupins transformados em colmeias.

Ela sempre pensara assim também. — Ali. — Ela o guiou através de uma abertura perto do topo de uma das estruturas e aterrissou no chão de barro cozido.

Cipher pousou surpreendentemente graciosamente e afastou as asas enquanto olhava em volta. — Lugar legal.

— Eu acho. — Ela chutou as botas. Ela sempre preferiu andar descalça em casa, mesmo que estivesse lá por um minuto. — Não é o paraíso.

Não, a habitação era um insulto, e não inteiramente porque, como uma débil e uma novata anjo caído, ela recebeu as menores habitações disponíveis. Era também apenas uma afronta aos sentidos. Sua casa no Céu era ampla e colorida, aninhada em uma nuvem particular que flutuava sobre um vasto mar azul-turquesa. Isso... isso era pequeno e entediante, mas ela não tinha a motivação para decorar além do tapete persa de pelúcia no meio da sala.

Decorar significaria algum tipo de permanência, e por alguma razão ela não queria ceder a esse tipo de pensamento, mesmo que ela tinha basicamente vendido sua alma para Bael.

— É como os dormitórios em Sheoul-gra. — Ele olhou para a mesa de jantar com assentos para dois que nunca haviam sido usados. — Exceto que você tem uma área de cozinha.

— Onde você conseguia suas refeições?

Seus lábios sensuais se curvaram em um sorriso melancólico. — Cafeterias. Mas a comida era boa. — Ele notou que ela tinha tirado suas botas, e ele fez o mesmo. O gesto educado tanto a divertiu quanto a desequilibrou. Ninguém em Sheoul era educado. Nunca. — Não foi sempre assim, no entanto. Quando cheguei a Sheoul-gra, era um desastre. Foi como viver em um filme de Tim Burton. O pesadelo antes de Lilliana.

— O quê?

Ele riu e pegou a versão demoníaca de pinturas rupestres nas paredes que ela encobriria se não estivesse preocupada em despertar alguma antiga maldição ou algo assim. — A vida antes de Azagoth conhecer sua companheira era muito diferente do que é agora. Lilliana é incrível.

A nota triste em sua voz arrancou alguns tijolos da parede que ela estava tentando muito construir em torno de seu coração. O mal não era tão rápido quanto ela gostaria.

— Você realmente sente falta de Sheoul-gra, não é?

— Sim.

Outro tijolo caiu, e isso foi o suficiente. Hora de mudar de marcha e assunto.

— Bem, eu não posso fazer nada sobre isso, — ela disse, — mas eu posso conseguir seu próprio lugar. Desde que ainda estou no comando de você, você pegará o apartamento ao lado. Bael mandou guardá-lo para que você possa usar, mas não pode sair pela entrada principal. — Ela gesticulou para a porta estreita na parte de trás. — Você tem que usar a porta conectada à minha.

— Todos esses buracos de colmeia são conectados?

— Sim. — Ela passou pela cama e se dirigiu para a geladeira na cozinha. Ela poderia conseguir uma geladeira de verdade, mas ao contrário da maioria dos outros apartamentos, o dela não tinha eletricidade.

— Como você mantém as outras pessoas fora? — Os passos de Cipher seguiram atrás dela. — Proteções, eu estou supondo?

— Você supôs certo. Está com fome? — Inclinando-se, ela abriu a pequena geladeira e tirou alguns *embrulhos* de *bludbeouf* que havia apanhado ontem em um dos mercados locais. — Estes são como *gyros* humanos, exceto que são feitos com vacas demoníacas. E talvez um pouco de rato infernal...

Ela parou quando ela se endireitou e pegou Cipher olhando para sua bunda. E ele nem sequer teve a decência de fingir que não era o que estava fazendo. Em vez disso, ele deu a ela um sorriso arrogante que fez o calor se espalhar por sua pélvis e a suspeita se espalhou por seu cérebro.

— O quê? — ele perguntou, toda inocência e charme. — Você perguntou se eu estava com fome.

Ela entregou-lhe o sanduíche e jogou o dela na mesa. — Não estou comprando isso.

— O quê? Que você tem uma boa bunda?

— Eu não estou comprando... isso. — Ela gesticulou para todo ele, até seus pés descalços. — Você está sendo muito legal. Bael fez você ser torturado por meses. Ele forçou você a trair seus amigos e ex-chefe, e agora você está em pé no meu apartamento com um pau duro e um sorriso de menino mau? Você realmente espera que eu acredite que você está apenas entrando na fila como um bom servo de Satanás?

— Revenant, — ele disse enquanto desembulhava sua comida.

— O quê?

— Revenant é rei agora. — Ele cutucou uma lascada de carne pendurada em uma extremidade de sua embalagem. — Você deveria ter dito servo de Revenant.

Não se Bael e Moloc tiverem sucesso.

— Seja o que for. Qual é o seu jogo, Cipher?

De repente, sua espinha estava beijando a parede e Cipher estava beijando seu pescoço, e onde diabos estava seu sanduíche?

— Meu jogo, — ele rosnou contra a garganta dela, — é chamado de Sobreviver. E isso significa sentir-se vivo. Isso significa ter prazer onde você pode, para que você possa sobreviver à merda quando ela acertar. E depois de meses de merda, tenho um grande déficit de prazer.

Ele estava mentindo. Oh, enquanto suas mãos puxaram-na para perto e seus lábios chupou a pele macia na curva de seu ombro, ela sabia que ele estava sendo honesto sobre o que ele disse. Mas ele não estava dizendo *toda* a verdade.

Ele estava distraíndo-a da verdade. Ele estava ganhando tempo até conseguir ganhar sua liberdade, fugir ou se vingar antes que o mal de Sheoul tomasse a decisão dele.

E a coisa era, ela não se importava, porque ele estava certo. Ela precisava se sentir viva. Precisava abastecer-se de prazer, porque o mal aqui era *muito* ruim.

Levantando a perna, ela enganchou em torno de sua coxa. A protuberância dura atrás de seu zíper balançou contra seu centro enquanto ele ondulava lentamente, uma onda masculina que provocou um arrepio de excitação de seu couro cabeludo até os dedos dos pés. Porra, ele era bom nisso. Eles nem tinham começado e todo instinto feminino que ela tinha estava a bordo e exigindo mais.

Cipher levantou a cabeça, um rubor manchando suas bochechas, uma fome primitiva em seus olhos. Ela sabia como isso era, porque estava morrendo de fome também.

— Você está bem com isso? — sua boca se curvou em um sorriso provocante. — Ou você quer comer primeiro?

Ele estava brincando? — Você quer comer?

— Comida? Não. — Ele caiu de joelhos e, em três movimentos suaves e rápidos, desabotoou a calça dela e a puxou até os tornozelos. Em mais dois movimentos, ele a arremessou pela sala.

Ele olhou para ela, a necessidade masculina em sua expressão, fazendo-a feliz pela parede atrás dela. Fazia tanto tempo desde que alguém a olhou assim.

Não, não assim. Dailon a tinha visto com luxúria, mas parecia... mais domesticado de alguma forma. Talvez porque sua virgindade se sentou entre eles como uma acompanhante. Ele estava disposto a brincar, mas estava menos disposto a “desvirginar um anjo”.

A lembrança de Dailon picou seu coração. Talvez agora não fosse a hora de fazer isso. — Cipher...

Sua boca quente cobriu seu monte através da seda de sua calcinha, e ela teve que morder a língua para não gritar. Ok, ela estava errada. Esta *era* a hora de fazer isso, e ela gemeu quando sua língua sondou seu vale, a umidade de seus lábios misturando-se com seu sal molhado. Ele acariciou-a com a língua, e com a sensação de raspão através de seu clitóris, ela balançou os quadris e soltou um som estrangulado quando os primeiros tremores de felicidade escaparam dela.

Mas ele negou a ela, o bastardo, seu olhar travesso pegando o dela enquanto ele cortava uma presa através da perna elástica de sua calcinha. Um rugido erótico rolou em sua garganta quando ele abriu as pernas com força, dividindo o tecido com um rasgo delicado. Agora ela estava aberta para ele, sua carne quente exposta ao ar frio e ao seu olhar. Seu rosto ficou quente e seu instinto foi fechar as pernas, mas ele a manteve prisioneira, e ela não tinha força de vontade para combatê-lo. Especialmente quando ele olhou para ela, seus olhos azuis em chamas.

— Você é tão linda, — ele disse, tão reverentemente que ela quase desmoronou em lágrimas. Segurando-a com o seu olhar, ele capturou seu sexo em sua boca aberta e beijou-a profundamente.

— Cipher, — ela sussurrou enquanto jogava a cabeça contra a parede e se permitia simplesmente sentir algo diferente da fria miséria da vida em Sheoul. — Isso é tão bom.

Ele fez um zumbido que vibrou através de sua carne, tomando seu fôlego e seus pensamentos. Agarrando seu cabelo, ela arqueou nele, montando seus lábios enquanto eles mordiscavam seu broto inchado. Ele o escovou de um lado para o outro e chupou suavemente antes de lambê-la enquanto seu polegar mergulhava dentro

dela. Ondas de êxtase a golpearam enquanto ele abria sua fenda, espalhando seus sucos e provocando-a.

— Sim, — ela gemeu. — Oh, *sim*.

Ela gritou quando a língua dele a carregou pela linha, fazendo-a entrar em êxtase orgástico. Explosões agudas de prazer se espalharam de sua pélvis para seus seios, prendendo a respiração e, quase, sua consciência.

Suas pernas ficaram congeladas quando o clímax diminuiu, mas ele a pegou, levantando-a enquanto a girava em direção à cama. As pernas bateram no colchão, e os dois caíram sobre ele em um emaranhado desordenado de membros. Seu peso masculino a prendeu deliciosamente, e ela envolveu seus braços ao redor dele enquanto ela estendia suas coxas para acomodar seu grande corpo.

Sorrindo para ele, seu olhar se chocou com o dele, ela enfiou a mão entre seus corpos para arrancar sua calça jeans. Ele se mexeu, apoiando-se em um cotovelo para permitir seu acesso. Seus dedos encontraram de seu comprimento duro sob o tecido, e ele engasgou quando ela o apertou, brincando com ele antes que ela abrisse o botão superior.

O clique do botão estalando acompanhou o sussurro suave de uma brisa fresca.

Ah Merda.

Ela congelou, sentindo uma presença. Cipher virou a cabeça em direção à entrada e ele rosnou, um estrondo de gelar o sangue que ecoou em suas paredes.

Filho da puta.

Lyre não precisou olhar para saber que Flail estava parada na porta.



Cipher saltou de pé e colocou-se entre Lyre e Flail, suas asas brotando antes que ele pudesse detê-las. Mas, foda-se, elas estavam protegendo Lyre da vista de Flail enquanto ela se vestia, e eles fizeram uma exibição mordaz de *mimimi-mimimi minhas*

asas são maiores do que as suas. E se ele acidentalmente atacasse Flail com uma de suas armas incontrolláveis, melhor ainda.

Mesquinho? Sim. Ele se importava? Não. Seja porque uma vez que ele tivesse seus poderes sob controle, ele iria eliminá-la intencionalmente e fatalmente.

— Eu interrompi alguma coisa? — Flail perguntou, toda a falsa inocência e os olhos arregalados enquanto Lyre se mexia para vestir suas calças. Ela gesticulou para a entrada do apartamento. — Lyre, você sabe que pode colocar proteções para proteger o seu lugar de olhares indiscretos e visitantes indesejados, certo? — A inocência fingida se transformou em zombaria. — Oh, eu esqueci. Você não pode.

Cipher não tinha ideia do que ela queria dizer com isso, mas a fúria de Lyre deixava claro que ela sabia.

— O que você quer, Flail? — ele se aproximou dela, preparando-se para atirá-la pela sacada. Ele não estava mais confinado em uma cela, suas asas não estavam presas, e ele guardava um inferno de rancor.

Uma aura de energia floresceu ao redor dela. Ela estava preparada para ele atacar, o que provou que ela não era idiota. — Eu venho trazendo boas notícias.

— Deixe-me adivinhar. — Cipher parou, curioso o suficiente para evitar jogá-la no abismo abaixo. Seria inútil, dado que ela poderia voar. Mas seria divertido, e como ele disse a Lyre, ele estava operando com um déficit prazer. Especialmente desde que a cadela tinha interrompido o que teria sido *muito* prazeroso. — Você está sofrendo de uma doença incurável que vai matá-la dolorosamente. É isso? Porque isso seria uma *ótima* notícia.

Ela não parecia divertida. Ela sempre faltara no departamento de humor. — Desculpe desapontá-lo, mas isso pode ser ainda melhor. Você ganhou a confiança de Bael. Até certo ponto, — ela emendou. — Ele tem uma tarefa para você.

— Ok, eu vou morder, — ele disse, sua voz atada com ceticismo. — Por que essa mudança repentina de atitude?

— Sua lista foi confirmada. — Cipher estremeceu no chão quando Flail se sentou no sofá de couro e colocou os pés na mesinha de centro improvisada feita de um velho caixote. — Nós pegamos um dos filhos de Azagoth. Quase consegui um segundo, mas um maldito Memitim chegou e arruinou tudo.

Oh maldito. Foda-se. Oh... *porra!*

Os joelhos de Cipher ficaram líquidos e ele teve que se forçar a ficar em pé. Para fingir que ele não estava afetado pela notícia. Mas, na realidade, ele queria vomitar.

Ele foi responsável pela morte de uma criança inocente. E não apenas qualquer criança. Uma criança de Azagoth. Um anjo.

— De qualquer forma, parabéns. Você provou seu valor. — Ela lançou-lhe o pen drive que ele tinha feito o download da maldita lista. Ele queria pisar nisso. Quebrar. Esmagar em pedaços. — Isso contém os nomes de alguns dos inimigos de Bael. — Ele quer que você crie um vírus de computador que os mate. Ele também quer um vírus que se espalhe pela população humana. Algo horrível. Você pode fazer zumbis?

Ainda doente do estômago, ele olhou cegamente para o pen drive. — Não é assim que os vírus de computador funcionam. — Sua voz era plana, entorpecida e ele esperava que Flail não percebesse.

— Você vai fazê-los funcionar. Nós temos confiança em suas habilidades. E suas asas vão te ajudar.

As asas dele? — O que vai me ajudar é o meu notebook e acesso à internet e a demonweb.

— Isso, — disse Flail com um sorriso de conhecimento, — não é uma opção. Você pode usar seu notebook, mas ele fica onde está. Se você precisar de acesso às webs, o de Bael está disponível para você.

Foda-se os dispositivos de Bael. Sem dúvida, o anjo caído observava cada batida de tecla em todos os computadores da região. Mas Cipher certificou-se de que seu computador fosse inacessível e invisível em uma rede.

— Agora, — ela disse quando se levantou. — Eu tenho Memitim para caçar. Azagoth se juntará à nossa causa ou perderá tudo o que ama.

— *Sua puta.*

Raiva incontrolável bateu nele. Ele sabia que deveria controlá-la. Sabia que ele não podia deixar que esses idiotas soubessem que ele ainda dava a mínima para sua antiga vida. Seus velhos amigos. Mas saber que eles mataram uma criança inocente e ainda estavam planejando matar a descendência de Azagoth ferveu toda a sua lógica e natureza descontraída.

Abrindo-o até o mal que o rodeava, ele rugiu em êxtase e fúria quando a queimadura oleosa de malevolência penetrou em suas células. Então ele atacou Flail com qualquer habilidade de anjo caído surgindo primeiro.

Um jato de fogo disparou de sua palma, mas Flail o bloqueou com um escudo invisível. Ele mudou de tática, esmurrando sua defesa com uma série de cacos de gelo. Ela caiu de volta sob o ataque intenso, mas de repente seus poderes ficaram loucos, e os cacos se transformaram em bolas de neve que explodiram em pó ácido em contato. Pó que queimou buracos no chão, nas paredes e no teto de Lyre, mas não fez nada para Flail ou seu escudo.

— É tudo o que você pode fazer, Cipher?

— É melhor você esperar que sim, — ele disse.

Sorrindo vitoriosamente, Flail levantou a mão para entregar o que provavelmente teria sido um ataque devastador, mas Lyre atacou, jogando-se na outra fêmea. Flail, pega de surpresa pelo ataque, tropeçou e, um segundo depois, desapareceu na varanda com um grito.

— Proteja a abertura — gritou ele, lembrando-se tarde demais que aparentemente Lyre não podia fazer isso. Ele amaldiçoou, sem saber como fazer isso sozinho.

Acabou que não havia necessidade. Flail levantou voo, deu-lhes um aceno entusiasmado e desapareceu no céu escuro.

Tremendo de raiva, adrenalina e frustração, ele atirou-lhe o dedo. Ela ia matar Memitim, e ele estava impotente para advertir Azagoth.

— Porra, eu a odeio, — Lyre estalou, seu olhar bloqueado na direção que Flail tinha ido.

— Ela precisa morrer.

Lyre se virou para ele, suas presas à mostra. — Então talvez você deva começar a trabalhar nesses vírus, — ela sugeriu, a prata em seus olhos escurecendo no tom de bronze. Era sexy como o inferno, e seu lado maligno, cada vez maior a cada vez que ele se abria, mexia-se.

Acalme-se, amigo. Nós temos anjos caídos para matar.

Isso pareceu satisfazer seu demônio sexual interior, e ele alcançou seu sanduiche não consumido. Um cara tinha que manter sua energia, afinal.

— Estou pronto quando você estiver, — ele disse. — Vamos fazer uma praga.



CAPÍTULO 13

— Por favor, meu senhor, eu te contei tudo!

O demônio gritou, o sangue borbulhando de seus lábios ressecados e inchados, enquanto Azagoth arrancava o chifre de seu crânio com um pedaço molhado de osso e carne.

— Esse foi o último. — Azagoth jogou o comprimento sangrento de marfim no chão, onde caiu para descansar contra o outro chifre. — A próxima parte do corpo protuberante que eu arrancarei está localizada um pouco mais ao sul. Então me diga o que eu quero saber.

O demônio gemeu, desmaiando de exaustão e a tensão de ficar pendurado pelos ossos dos pulsos no suporte de tortura favorito de Azagoth. Um presente de Malaquias, um poderoso demônio da região Islith de Sheoul, a prateleira de mogno era uma coisa de beleza, perfeitamente dimensionada para enfeitar a parede mais distante de seu escritório, e convenientemente localizada no túnel das almas. Este demônio Croucher não tinha, no entanto, atravessado o túnel, sua alma escoltada por um *griminion*.

Não, seus filhos Journey e Maddox tinham arrastado o bastardo eles mesmos.

O celular de Azagoth apitou da sua mesa. Tempo inconveniente, mas ele jurou a Lilliana que ele sempre falaria com ela imediatamente, especialmente agora que ela estava prestes a dar à luz.

— Ei, Hawk, — ele chamou por cima do ombro. — Isso é um texto de Lilli?

Hawkyn chegou há alguns minutos com notícias sobre Cipher. De alguma forma, ele e Journey tinham sido capazes de invadir a rede demoníaca de Bael, e deixaram uma mensagem para o anjo caído. Até agora, não houve resposta.

Azagoth não sabia o que pensar sobre a situação de Cipher. Bael levava Cipher por um motivo, e Azagoth suspeitava que o sequestro tinha algo a ver com ele. Lilliana havia apontado que os anjos não caídos em todos os lugares estavam, em geral, sendo caçados e forçados a entrar em Sheoul, e isso era verdade. Demônios e anjos caídos em todos os lugares estavam se preparando para o Fim dos Dias, agora que havia uma tabela de tempo.

Mas o sequestro de Cipher pareceu pessoal, porque ninguém em sua consciência iria raptar alguém sob a proteção de Azagoth.

O que significava que quem quer que tivesse feito isso queria a atenção de Azagoth.

Azagoth ia mostrar por que chamar sua atenção era algo muito ruim.

Hawkyn virou o telefone de Azagoth e olhou para a tela. — Sim, é a Lilliana. Ela quer saber que horas planeja jantar. Ela tem uma receita de Suzanne, ela quer experimentar em você. Diz que é... oh, eu vejo. Ela quer experimentar *em* você. — O rosto de Hawk ficou vermelho quando ele desligou o telefone e se afastou como se fosse uma víbora Croix venenosa. — Ela é muito gráfica sobre isso.

Azagoth riu. Porra, parecia certo fazer isso de novo. Pelo menos, é certo estar rindo de qualquer coisa boa, pura e agradável. A única coisa que tinha sido engraçada enquanto Lilliana tinha ido embora era o sofrimento das pessoas que mereciam isso.

— Suzanne recentemente fez um episódio sobre afrodisíacos e comida, — disse Azagoth. — Lilliana achou interessante.

Hawk se encolheu do jeito que sempre fazia quando sua irmã e sexo apareciam na mesma conversa. Azagoth entendeu isso. Suzanne era sua filha, então ele também não gostava de ir lá.

— Eu não quero saber. — Hawkyn gesticulou para o demônio. — Você não deveria estar torturando o cara de qualquer maneira?

— Não achei que fosse seu tipo de coisa. — Nem todos descendentes de Azagoth herdaram os seus interesses especiais. Maddox e Emerico mostraram promessa, no entanto.

A expressão de Hawkyn ficou escura. — O desgraçado tentou matar uma das minhas irmãs. Quanto mais cedo soubermos para quem ele trabalha, mais cedo poderemos destruí-los.

Azagoth assentiu em aprovação. Maddox dissera algo parecido quando pediu para ficar no interrogatório do Croucher. Ele ficou desapontado quando Mad foi chamado para cuidar de um dos seus Primori.

Ele se voltou para o demônio. — Então, — ele disse, enquanto observava suas mãos formarem as garras que iam fazer o rasgão que ele prometeu, — você ainda está insistindo que você e seus amigos demônios apenas encontraram minha filha enquanto você estava inocentemente vagueando nas ruas depois de uma noite aterrorizando os humanos? Que você não sabia que eu era o pai de Gretchen?

Azagoth nunca conheceu Gretchen, uma de suas crianças pequenas que tinha sido criada no reino humano, mas ela estava a salvo em Sheoul-gra agora, e uma vez que ela se instalasse e superasse o choque que passou, ele ia se apresentar.

O medo cintilou nos olhos do demônio quando Azagoth arrastou uma garra afiada pelo peito esquelético.

Abaixou e o demônio começou a tremer. Abaixou e ele engoliu com dificuldade, as veias em sua garganta magricela salientes. Mais baixo.

— Ok, ok, — o demônio deixou escapar, seus olhos selvagens agora.

Azagoth enfiou a garra na pele abdominal macia. — Ok... o quê?

— Nós fomos mandados para matá-la, — ele disse com pressa, e agora finalmente estavam chegando a algum lugar. — Mas nós não sabíamos que ela era sua filha! Eu juro!

Isso provavelmente fosse verdade. Seria estúpido demais dizer aos subordinados, especialmente se as informações os impedissem de seguir uma ordem.

— Eu acredito em você, — disse Azagoth em uma voz agradável e calma. Ele até parou o dedo, deixando o demônio relaxar por um momento. Deixando-o sentir esperança.

Esperança era para malditos idiotas. Esta criatura iria morrer uma morte terrível e dolorosa, não importa o quê.

Obviamente.

— Que azar para você que os Memitim estejam reunindo todos os meus filhos no reino humano, e Gretchen era a próxima da fila. — Eles haviam chegado a ela na hora certa. Cinco minutos depois, e seu corpo provavelmente teria sido encontrado parcialmente comido e jogado em uma floresta ou campo da Alemanha. — Mas você pode mudar a sua sorte. — Ele se inclinou, mostrando suas presas enquanto abaixava a voz para um sussurro rouco. — Diga-me quem lhe enviou para matar minha filha.

O silêncio pairou no ar e, por um longo momento, Azagoth achou que o demônio recusaria. Mas assim que ele começou a soltar a mão para começar a apertar as coisas até que elas estourassem, o Croucher soltou um gemido resignado.

— Bael, — ele murmurou. — Os anjos caídos Bael e seu irmão, Moloc.

Azagoth ficou tenso. Os nomes não foram surpreendentes, Moloc e Bael testaram a paciência de Azagoth durante séculos em sua busca por encontrar maneiras de manter as almas que por direito pertenciam a ele. Mas isso não foi o que fez a raiva chamuscar os limites da paciência de Azagoth quando ele se virou para Hawkyn.

— Bael, — ele rosnou. — O desgraçado que levou Cipher.

— Então tudo está conectado, — disse Hawkyn, mas ele estava perdendo o link real.

Azagoth colocou para fora, fodidamente claro como cristal. — Cipher tem acesso aos locais de todas as minhas crianças do reino humano.

Os olhos esmeralda de Hawkyn, os olhos de Azagoth, se arregalaram quando a implicação afundou. — De jeito nenhum. — Ele balançou sua cabeça. — *De jeito nenhum*. Cipher não teria dado nada a Bael.

— Você está certo?

— Sim. Eu sei disso, — insistiu Hawk. — Ele nunca nos trairia. Nunca trairia *você*.

Hawkyn estava tão convencido da inocência de seu amigo. Azagoth desejou que ele pudesse ter tanta certeza. Ou até um pouco seguro. Cipher tinha sido um

ativo, e ele foi leal. Mas nos milhares de anos de vida de Azagoth, ele viu pessoas leais virarem. Todos tinham um preço... ou um ponto de ruptura.

Alguém bateu na porta. — Hawkyn! Pai!

A urgência na voz de Journey levantou o cabelo nas costas do pescoço de Azagoth. Com um movimento mental de sua mente, a pesada porta do escritório se abriu.

— O que é? — ele perguntou enquanto Journey corria ao seu lado.

— É Amelia, — Journey respirou.

— Quem?

— Amelia, — Hawkyn repetiu miseravelmente. — Droga

— Ela é, foi, uma das suas... ah... porra. — Journey baixou o olhar para o chão e o intestino de Azagoth foi com ele. Ele sabia onde isso estava indo. — Ela era uma irmã no reino humano. Eu estava com Jasmine. Nós fomos buscá-la. Ela... ela era a última da lista. Ela está morta.

Raiva repentina transformou o sangue de Azagoth em ácido. Tudo dentro dele queimava quando ele contornou Hawkyn.

— Ainda acha que isso é uma coincidência? — sua voz estava deformada, falada através dos dentes cerrados. — Encontre Cipher. Encontre-o *agora*.

— Mas pai.

O demônio interno de Azagoth agarrou seu controle, e ele não estava no estado de espírito para contê-lo. O monstro estava prestes a ser solto.

— Ofereço essa misericórdia, meu filho, — ele rosnou. — Encontre Cipher. Encontre-o e mate-o. Porque se você não o matar, eu vou. — Seus filhos ficaram ali parados. — *Vão!*

Eles saíram do escritório e Azagoth soltou sua fera. Ele ia quebrar algumas regras e as pessoas pagariam por matar seus filhos. Olho por olho.

Ele começou com o Croucher.



CAPÍTULO 14

O tempo que levou para Lyre e Cipher ir de seu lugar para o computador dele, a fúria de Cipher tinha diminuído o suficiente para que ele pudesse temporariamente relegar sua parte na morte do filho de Azagoth para o segundo plano.

A vingança, no entanto, estava em primeiro plano.

Ele ligou seu notebook com o foco único de um vampiro no rastro de um humano sangrando.

— Você acha que pode fazer isso? — Lyre perguntou enquanto trancava a porta atrás deles.

— O que, criar um vírus? Claro.

— O tipo de vírus que Bael quer?

Cipher soltou uma risada amarga. — Não. As pessoas vêm tentando desde que a internet começou.

— Mas há histórias sobre pessoas sendo possuídas ou amaldiçoadas depois de abrir e-mails ou arquivos.

Ele assentiu, familiarizado com isso. Ele escreveu código para dezenas de tipos de vírus como esse, mas como um Anjo Caído impotente ele não tinha a capacidade de executá-los. Agora, talvez ele pudesse. Eles seriam perfeitos para matar indivíduos como os inimigos que Bael queria que fossem mortos.

— Eles são úteis para os indivíduos, mas eles são limitados em escopo e expiram rapidamente. Sem mencionar que os feitiços podem ser quebrados, excluindo os e-mails ou fechando o aplicativo ou o que for. Mas Bael também quer que eu crie um vírus de computador encantado que possa transmitir vírus do computador para o mundo humano e, depois, continuar se espalhando. Não pode ser feito.

Pelo menos, ele esperava que não.

— Então o que você está fazendo? Você disse que ia fazer uma praga.

Ele disse isso, mas na verdade, ele ia *causar* uma praga. Porque uma vez que Azagoth soubesse que Bael estava por trás da morte de seus filhos, Azagoth ia se tornar uma epidemia. Tudo que Cipher precisava fazer era esconder uma mensagem dentro de um dos vírus voltados para os inimigos de Bael. Quando o vírus fosse ativado, um subprograma enviava um aviso para Azagoth pela demonweb. Bael nunca saberia.

— Cipher?

Oh, certo. Ele deveria responder a ela. Provavelmente não devia dizer a ela seus planos reais. Ele abriu a boca para vomitar alguma besteira que ele esperava que ela comprasse. Mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, suas asas saíram de suas costas, puxando e torcendo com tanta força que ele grunhiu de dor.

— O que é isso? — Lyre correu para ele. — O que está acontecendo?

— Eu não sei, — ele gritou. — Elas saíram por conta própria e...

Ele parou quando um formigamento elétrico crepitou pela superfície de sua pele e pontinhos de luz preencheram sua visão.

— Que diabos...? — Glifos cianos transparentes apareceram diante de seus olhos. Números aleatórios, letras e símbolos tomaram forma no ar, alguns roçando o chão e abraçando o teto. Puta merda

— É um código, — ele sussurrou.

— Código? Ciph? Você está bem?

Ciph. Ela o chamara pelo apelido dele. Sentiu íntimo. Sentiu... certo.

E isso não era o que ele deveria estar se concentrando agora. Não, a linguagem de programação flutuando era muito mais significativa.

Porque era esquisito.

Ele piscou. Talvez ele estivesse alucinando. O que Lyre disse que tinha nos sanduíches? Carne de demônio e ratos infernais? Talvez eles tenham caído mal.

— Ei, Lyre... quanto tempo tinham aqueles sanduíches?

— Eu comprei ontem. — Ela franziu a testa. — Por quê?

Fechando os olhos, ele balançou a cabeça. Talvez ele pudesse redefinir seu sistema operacional. Mas não, quando ele abriu os olhos novamente, o grafite da atmosfera ainda estava lá.

— Você pode ver isso? — ele perguntou.

Lyre olhou ao redor. — Ver o quê?

— Os símbolos. — Ele apontou para um grupo deles. — Os símbolos azul-esverdeados.

Ela olhou através deles e então se virou para ele como se ele tivesse perdido a cabeça. — Eu não vejo nada. O que está acontecendo? Você está me assustando.

— Eu não sei. É algum tipo de linguagem.

— Linguagem? Como uma linguagem demoníaca?

— Como a linguagem de programação. — Enquanto observava, conjuntos de caracteres e estruturas se reorganizaram. Um símbolo ômega grego girou em uma marca irregular e causou uma cascata de código na formação em linha. — Puta merda, — ele respirou, quando o que estava testemunhando começou a fazer sentido. — É um feitiço. Foda-me, eu estou *vendo* um feitiço!

— Como você pode ver um feitiço? — ela agarrou seu braço para chamar sua atenção, mas ele não podia desviar o olhar. — Que tipo de feitiço?

— Eu não sei. — Era fascinante como os símbolos únicos da linguagem demoníaca do computador vibravam enquanto os outros eram estáticos. — Eu nem sei como eu sei que é um feitiço. Ou talvez uma maldição. — Lembrou-se de uma teoria que ele divulgou com Hawkyn e finalmente olhou para ela. — Você sabe, algumas pessoas acreditam que tudo no universo é realmente composto de código matemático, e se você pudesse apenas ver e acessá-lo, você poderia controlá-lo. Reprogramar. Deletar.

— Isso é insano. — Ela franziu a testa, parecendo repensar isso. — Você acha que é verdade?

— Eu não sei, — ele admitiu. — Mas eu também não acreditava que feitiços ativos tivessem código-fonte. — Isso era tão louco. Era sua habilidade de anjo caído única? Se assim for, era extremamente impressionante.

— Bem, qual é o feitiço que você está vendo? — Lyre se moveu em direção a uma estante de livros. — Talvez um dos livros esteja encantado.

Ele olhou para os livros, e com certeza, minúsculas fileiras de código rodeavam uma capa de couro. Mas isso não estava relacionado aos milhões de linhas de linguagem de programação que flutuavam na sala.

— Droga, eu preciso acessar a internet. Se eu puder apenas colocar um pouco disso no tradutor que armazenei na minha nuvem... — Ele respirou fundo, sua mente se recuperando com a súbita clareza. — É o feitiço que bloqueia o acesso à internet.

Lyre virou-se e ele amaldiçoou sua estupidez ao soltar a frase. Ele continuou esquecendo que ela era o inimigo.

Ela não se sente como o inimigo.

Não, ela não sentia. Mas Flail também não se sentia como um inimigo... até que foi tarde demais.

— Você está brincando, — ela disse, e quando ele estava prestes a dizer que sim, ele estava cheio de merda, ela acrescentou: — Você pode quebrá-lo?

Bem, isso foi inesperado. — Você está me pedindo?

— Sim, claro. Você pode colocar de volta, certo? Cipher, esse é o seu dom. — Sua excitação fez com que ele se perguntasse qual era o dela. — Você precisa praticar com isso.

— Então Bael pode me forçar a usá-lo? Sim, ótimo.

Ela assobiou e agarrou o braço dele. — Bael nunca pode saber disso. Nunca diga a ninguém sobre seus dons. Especialmente não a alguém como Bael.

— Você não vai contar a ele? — ele olhou para ela de lado. — Eu não posso acreditar que ele não lhe disse para relatar todas as minhas habilidades para ele.

— Ele disse, — ela admitiu. — Mas o que ele não sabe não vai machucá-lo.

Oh sim, isso iria. Cipher jurou.

— Você não gosta muito do seu chefe, não é? — enquanto esperava pela resposta dela, ele se concentrou em alguns caracteres individuais no código, usando seus pensamentos na tentativa de reorganizá-los.

Nada. Pode ser que o feitiço tenha sido ativado por voz.

Lyre se sentou em um banco de gelo forrado de pele. — Eu o odeio.

Eles poderiam começar um clube. — Então por que você está trabalhando para ele?

Ele estudou o código e considerou outro rumo. — E qual é a palavra Sheoulic para deletar?

— *Altun*. E estou trabalhando para ele porque quero me vingar das pessoas que me expulsaram do céu.

— Sim, eu entendo isso, — ele disse. — Mas por que um lunático louco como Bael? Por que não um lunático normal como Revenant?

— Porque as pessoas que eu quero me vingar estão no Céu, e o Céu apoia Revenant.

Ele olhou para ela quando ela chutou suas longas pernas para cima do banco. Pernas que ele esteve no meio delas apenas uma hora atrás.

Maldita Flail.

— Eles não o *apoiam*, — ele disse. — Eles simplesmente preferem ele a Satanás.

Ela deu um suspiro de desprezo. — Mesma coisa.

Não, não era. O céu precisava de aliados como Revenant, mas pelo que ele tinha ouvido, os Powers That Be não interferiam em seu governo. Se Revenant quisesse ajudar alguém a se vingar de um anjo, o Céu poderia ficar ofendido, mas no final, eles precisavam dele.

Ok, talvez eles o apoiaram.

Não querendo admitir que ela estava certa, ele se concentrou novamente no código, escolhendo um símbolo aleatório como sua vítima. — *Altun*!

O código apenas riu dele. Bem, não literalmente, mas parecia assim.

Suspirando, ele se virou para Lyre. — Então o que acontece depois que você se vingar?

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, o que você quer fazer da sua vida? Passá-la ajudando Bael a atormentar Azagoth? Passá-la se preparando para o Armagedom?

Ela puxou os joelhos até o peito, sua expressão preocupada. — Eu realmente não tinha pensado tão longe.

— Então você se acorrentou por toda a eternidade a Bael e seu império do mal com o único propósito de se vingar e sem pensar no que viria depois? Parece um pouco imprevidente.

Ela olhou, a prata em seus olhos brilhando como punhais. — Bem, olá, você pensou sobre as consequências de arruinar um Primori antes de você fazer isso? Ou você estava empenhado em sua autossatisfação ou autodestruição?

— Touché, — ele murmurou. — Mas em minha defesa, eu nunca disse que não era hipócrita. — Isso provocou um sorriso dela, mas estava distante. Ele tocou um nervo. Maddox insistia que esse era o melhor momento para continuar pressionando por informações. Cipher sempre achou que o oposto era verdade, mas ei, ele daria outra chance. — Então, isso está fora do tópico, mas o que Flail quis dizer quando ela disse que você não poderia colocar proteções?

— Nada, — ela disse com um encolher de ombros. — Não é apenas o meu conjunto de habilidades.

Parecia estranho. As proteções eram o tipo mais básico de conjuração que existiam. Claro, ele não sabia como colocar uma, mas isso porque ele só tinha acesso aos seus poderes de anjo caído por um dia. Ele deve ter um aperto firme sobre elas dentro de outro dia ou dois. Lyre deveria ter obtido o conhecimento anos atrás.

— Então, como está o seu progresso? — Ela pulou de pé. Claramente, ela estava pronta para falar sobre outra coisa. — Você conseguiu excluir algum código? — Quando ele balançou a cabeça, ela inclinou e perguntou: — Você pode tocá-lo?

— Eu tentei mais cedo. Minha mão passou por eles. — De repente, ele se lembrou de como costumava manipular programas 3D no Céu, e uma ideia surgiu para ele. — Mas talvez eu não precise *tocá-los*.

Suas asas estremeceram quando ele convocou energia para as pontas dos dedos e estendeu a mão como se tentasse golpear um grupo de caracteres. Eles vibraram, e ele prendeu a respiração enquanto tentava novamente, mais forte desta vez.

Sim!

Três números e um glifo demoníaco se separaram do grupo principal e pairaram no ar. Refocando seu objetivo de manipular símbolos para obliterá-los, ele apontou para cada linha de código e viu como eles se separaram e se dissolveram em glitter brilhante.

— Eu consegui!

Lyre se endireitou. — Nós temos a internet aqui agora?

Ele explodiu as últimas linhas de código restantes. — Deveríamos. — Ele se virou para o computador e procurou por uma conexão. Quando o sinal se acendeu, ele soltou um grito. — Temos ativa a demonweb, baby.

Animado, esperançoso pela primeira vez em meses, foi direto para sua caixa de entrada privada. Lixo. Lixo. Mais lixo.

E um e-mail do Hawk, datado de sete meses atrás.

Estamos procurando por você.

Isso foi tudo. Quatro palavras. Mas essas quatro palavras significavam tudo.

Outro de Hawk, datado de seis meses atrás.

Estamos procurando por você.

Havia mais, um a cada mês, garantindo que ele soubesse que eles não desistiram. Mas foi o mais recente que teve seu coração bombeando uma milha por minuto.

Nós encontramos você. Vire o interruptor da porta de entrada.

Ele sorriu como um lunático. Hawkyn e Journey tinham hackeado a rede privada de Bael e dado a Cipher uma maneira de desligar seu sistema de segurança. Cipher apenas tinha que acessá-lo.

— Um...Cipher? O que está acontecendo?

Ele olhou para cima, alarmado com a urgência na voz de Lyre. As paredes, antes opacas, estavam transparentes e, de repente, uma campainha tocou.

O código... oh, droga, oh, *merda!*

— Eu perdi o mecanismos de proteção. — Como ele poderia ter sido tão estúpido?

— O quê?

Seus dedos voaram sobre o teclado. Ele tinha que mandar uma mensagem. Rápido. — Havia um código no feitiço que aciona um alarme se a magia estiver quebrada.

A porta se abriu, e guardas blindados, com as armas desembainhadas, entraram.

Ele. Estava. Fodido.



CAPÍTULO 15

Lilliana sorriu para a câmera de seu notebook enquanto sua amiga Cara segurava a bebê Aleka. — Eu sei que eu só estive de volta em Sheoul-gra por alguns dias, mas eu juro que ela cresceu.

Cara embalou a criança, embrulhada em um cobertor feito de lã dourada de ovelhas celestiais, na dobra do seu braço, enquanto acariciava ternamente sua bochecha rosada. — Eu também acho.

A saudade se agitou no peito de Lilliana enquanto ela alisava a palma da mão sobre a barriga. Ela não podia esperar para ter o seu próprio filho em seus braços. Apenas um mês agora. Ela e Cara tinham concebido poucos dias uma da outra, mas como um anjo, Lilliana tinha um período extra de quatro a cinco semanas de gestação.

— Bem, vocês duas estão maravilhosas, — ela disse. — Estou tão feliz que você teve a chance de ligar.

— Eu só queria que você estivesse aqui. — Cara suspirou. — Eu sinto falta de ter você por perto. Malévola sente a sua falta também. Ela tem procurado a ilha por você, e ela não vai parar de choramingar.

Culpa e tristeza fizeram o coração de Lilliana apertar. A pobre Mal deve se sentir tão abandonada. — Talvez você devesse mandá-la aqui. Eu tenho certeza que Azagoth vai ficar bem com isso. Não é como se os cães do inferno não assombram o Inner Sanctum de qualquer maneira.

— Tem certeza? — Com o aceno de Lilliana, Cara continuou. — Como *vão as coisas* com o Azagoth? Estou morrendo de vontade de saber o que ele fez quando viu você.

— Eu pensei que ele ficaria com raiva, — disse Lilliana. — Mas ele entendeu por que eu saí e por que eu não disse a ele que estava grávida.

Isso não era inteiramente verdade, já que eles ainda não haviam conversado sobre isso. Azagoth não mencionou isso, mas ele também estava muito ocupado. A *conversa* estava chegando e ela sabia disso.

— Então, qual foi a reação dele quando ele viu você pela primeira vez?

As bochechas de Lilliana queimaram. — Ele ficou, hum, chocado...

— E depois...?

— E então ele me levou até a varanda e arrancou minhas roupas.

— Ele não fez! — Cara riu. — Uau. Isso soa deliciosamente escandaloso e totalmente como algo que Ares faria depois de nove meses sem me ver. Como ele se sente em relação ao bebê?

Lilliana ouviu o barulho de passos atrás dela e soube que era Azagoth. Seu guarda-costas estacionado do lado de fora da porta nunca teria permitido a mais ninguém entrar. Um segundo depois, a voz profunda de Azagoth ecoou pela sala.

— Eu não posso esperar pelo nosso filho ou filha chegar, — ele disse, enquanto suas mãos desciam sobre os ombros de Lilliana.

Ela estendeu a mão e colocou a mão sobre a dele. Ele foi tão carinhoso e atencioso desde que ela voltou. Melhor ainda, ele tinha sido aberto de uma maneira que ele não tinha sido antes mesmo quando suas emoções tinham saído do controle.

— Bem, — disse Cara, — eu vou deixar vocês dois passarem algum tempo juntos. — Ela franziu o nariz. — Eu acho que alguém precisa de uma troca de fraldas de qualquer maneira. — Ela olhou para Azagoth e riu. — Eu acabei de imaginar o grande mau Grim Reaper mudando uma fralda. Isso me manterá de bom humor pelo resto da semana. Ela acenou. — Falo com você mais tarde!

Depois que a tela ficou escura, Lilliana se virou na cadeira para encarar Azagoth. Ele parecia tão bonito em roupas casuais, seu jeans preto carvão Henley e botas de combate, dando-lhe um ar descontraído que ninguém confundiria com nada menos que um perigo letal.

— Esta foi uma boa surpresa, — ela disse. — A que devo esta visita?

— Era hora de uma pausa e eu queria ver você. — Seus profundos olhos de esmeralda ficaram sérios. — Eu acho que é hora de conversar.

Oh. Ela não estava ansiosa por isso. Em absoluto. — Você quer saber por que eu não te disse que estava grávida.

Ele afundou na espreguiçadeira que ela usava para leitura, as pernas abertas, os antebraços apoiados nos joelhos. — Eu sei porque você foi embora, mas eu não sei porque você manteve isso de mim.

Ela se mexeu em seu assento enquanto pensava sobre o que dizer. Foi estranho, todos os dias, enquanto ela estava na Grécia, ela se preparou para o que ela diria a ele. Ficava repetidamente em sua cabeça. E agora ela estava desenhando um espaço em branco.

— Eu acho... — Ela inalou, se preparando. — Eu acho que no começo era muito cedo. Eu queria que você resolvesse seus problemas sem ter mais nada para pensar. Então eu decidi te contar quando comecei a mostrar, mas toda vez que eu encontrava você, eu simplesmente... não podia. Você estava tão preocupado com todos os seus filhos. Muitos estavam em perigo e você disse que nunca teríamos um... eu fiquei nervosa.

Ele ficou em silêncio por um longo momento. — Eu me lembro disso, — ele disse baixinho. — Maddox e Emerico estavam sendo idiotas e então Meera foi morta. — Sua voz foi baixa, assumindo um tom rouco. — Foi um dia ruim. — Ele estendeu a mão e pegou a mão dela. — Mas eu estava errado. Não há nada que eu queira mais do que você e nosso filho em minha vida, e juro a você que farei tudo que estiver ao meu alcance para garantir que ambos estejam seguros.

— Eu sei, — ela disse. — E eu sei que alguém assassinou um de seus filhos jovens dentro de Sheoul-gra, e você está apavorado. Mas o guarda-costas é realmente necessário? Você mesmo disse que o assassino tinha que ser um anjo caído e você expulsou todos eles.

Os únicos anjos caídos que permaneceram foram seus assistentes de confiança e suas companheiras. Um punhado de Anjos Caídos permaneceu também, mas novamente, eles foram os que estiveram com ele por anos enquanto tentavam

trabalhar o caminho de volta ao Céu, e isso não aconteceria se eles estivessem matando seus filhos.

— Eu não vou arriscar com você. — Suas palavras foram cortadas, fortes, e ela sabia que discutir era inútil. Ela não ia vencer essa batalha e, finalmente, ter uma sombra não era *muito* chato.

— Ok. — Aceitando o seu destino, ela apertou a mão dele. — Pelo que vale a pena, me desculpe por não ter contado sobre o bebê. Mas, — ela adicionou, — eu não me arrependo de ir embora. Eu precisava ir. E você precisava disso também.

Um rosnado baixo sacudiu seu peito. — Eu odeio que você esteja certa.

Ela riu quando levou a mão dele aos seus lábios. Isso foi melhor do que ela poderia ter esperado. — Por que você não tira o resto do dia? Eu posso acionar o *chronoglass* e nos levar para algum lugar quente e ensolarado e privado.

— Talvez mais tarde, — ele disse, dando-lhe uma piscada brincalhona que falou muito sobre seu humor. Normalmente, seu tipo de brincadeira era da variedade o-gato-brincando-com-o-rato. — Eu tenho algumas almas VIP chegando.

— Almas VIP?

Uma sombra cintilou em seus olhos e ele sorriu, um sorriso malicioso e mórbido que lhe provocou um arrepio na espinha. — Filhos de Moloc e Bael. Príncipes de seus territórios.

Ela ofegou em descrença. — O quê? Como? Você mandou *griminions* para eles?

— *Griminions* só coletam almas. Eles não matam. Seu sorriso ficou ainda mais sombrio. — Eu enviei almas do Inner Sanctum.

Desta vez, a respiração dela entupiu em sua garganta, presa lá momentaneamente pela intensidade de seu choque. — Não é proibido libertar almas se elas não reencarnarem?

— Não é proibido se o Céu não descobrir. — Ela poderia argumentar que ainda era proibido, mas seu telefone tocou, e ele tirou do bolso. — Você desaprova?

— Não, claro que não, — ela disse ferozmente. — Moloc e Bael são monstros que assassinaram seus filhos. Por seus filhos vale a pena. — Ela fez uma pausa. — Eles são maus, certo?

— O que é que o Journey diz? *Mucho malo*? Eles são. — Ele sorriu para o telefone. — Eles estão aqui.

— O que você irá fazer com eles? — Como se ela não pudesse adivinhar. Ele ia brincar de gato e rato.

— Você realmente quer saber?

Na verdade, não, mas a natureza secreta de Azagoth foi uma das razões pelas quais ela saiu, e durante os meses em que eles falaram via Skype, ela deixou claro que, embora não precisasse saber detalhes cruéis, ela não queria ser “protegida” de quem ele realmente era.

— Eu suponho que você vai torturá-los para dizer por que seus pais estão matando seus filhos. — Quando ele assentiu, ela perguntou — Você tem alguma teoria?

— Eu suspeito que eles estão tramando um golpe e querem que eu desempenhe um papel em libertar Satanás e destruir Revenant.

Bem, isso não era legal. — O que você vai fazer se você estiver certo?

— A mesma coisa que farei se estiver errado. — Ele se levantou e puxou-a com ele. — Não importa o que, Bael e Moloc vão morrer.



Irritava que destruir almas viessem com um custo, mas fortificar Satanás com uma queda de força era um preço que Azagoth estava mais do que disposto a pagar hoje. Os filhos de Bael e Moloc eram monstros, mas mais do que isso, a escuridão deles se voltava para Satanás, e aquele desgraçado saberia que Azagoth era o responsável. Era uma espécie de mensagem, uma *merda* que só poderia ser melhor se Azagoth tivesse destruído a descendência de Satanás.

Uma hora depois, Azagoth ainda estava queimando uma onda destruidora de almas quando ele entrou em sua biblioteca, onde Hawkyn estava andando de um lado para o outro enquanto esperava por ele.

— Eu tive notícias de Cipher, — disse Hawk antes de Azagoth sequer ter fechado a porta.

— Teve notícias dele? Você deveria matá-lo. — Hawkyn teve sorte porque Azagoth estava de bom humor, porque ele realmente queria Cipher morto.

Hawkyn estendeu o telefone. — Ele enviou isto. Eu acho que ele estava com pressa, mas eu tenho a essência.

A lista está fora. Salve as crianças. Bael está atrás de Memitim.

Azagoth revirou os olhos. — Ele é malvado, filho. Você não pode confiar nele.

— Você também é, — apontou Hawkyn.

— Exatamente. Vou foder qualquer um que ficar no meu caminho ou que tentar prejudicar o que é meu. Eu mentirei, enganarei e matarei. Não há linha que eu não cruze. Você não acha que Cipher faria o mesmo?

— Ele não é um Verdadeiro Caído por muito tempo. Ele não está perdido para nós. Ele pegou o telefone de volta e rolou. — Ele também diz que acha que pode derrubar as proteções que impedem que os *griminions* de entrarem quando ele derrubar o sistema de segurança com o vírus que Journey plantou.

Ele não sabia sobre um vírus no sistema de segurança, mas isso realmente não importava. A coisa das proteções era curiosa, no entanto. A capacidade de Bael e Moloc de manterem os *grimnions* à distância significava que nenhuma alma havia sido extraída de seus territórios em décadas. Nem mesmo as almas que Azagoth liberara de Sheul-gra para pegar os filhos dos anjos caídos tinham sido capazes de entrar. Eles tiveram que pegar os machos enquanto eles estavam fodendo em outras regiões de Sheoul.

— Quando a Cipher pode fazer isso? — Azagoth perguntou.

— Eu não sei. Eu tentei entrar em contato com ele, mas ele não está respondendo.

Houve uma batida na porta, e a voz de Z ecoou por trás da madeira espessa. — Acabei de saber que Reaver e Revenant estão a caminho.

Antes que Z parasse de falar, os ossos de Azagoth vibravam como um diapasão, e uma explosão de energia nuclear se chocou contra ele. Eles estavam aqui. Porra. Ele não estava no clima. Ele nunca estava de bom humor quando se tratava de lidar com esses idiotas.

— Eu vou embora. — Hawkyn se dirigiu para a porta, ansioso para não encontrar com Reaver e Revenant, ou para se livrar de Azagoth antes que ele falasse para matar Cipher novamente. Talvez ambos. — Eu vou deixar você saber se eu tiver notícias de Ciph.

Ele abriu a porta e eis que o Príncipe do Céu e o Rei do Inferno estavam bem ali na porta.

Eles trocaram breves acenos, e então Reaver e Revenant entraram.

— Bem, bem, — disse Azagoth. — Se não são os Super Gêmeos.

— O quê? — Revenant perguntou.

— Um irmão e uma irmã da equipe de super-heróis dos desenhos animados das manhãs de sábados, — explicou Reaver. — Quando eu era um caído, Wraith me fez assistir muitas dessas coisas.

— Isso é legal, — disse Revenant. — Nós não nos divertíamos com desenhos animados na parte do inferno onde eu cresci.

Reaver atirou em seu irmão um olhar de exasperação. — Você simplesmente não pode deixar isso passar, pode?

Revenant encolheu os ombros em sua jaqueta de couro preto. — Ainda é um ponto dolorido. — Ele se sentou na cadeira estofada junto ao fogo.

— Esse é o meu lugar, — disse Azagoth. — Mova-se.

— Seja como for, Sheldon. — Segurando as mãos, Revenant foi para o sofá. Com a expressão interrogativa de Reaver, Rev encolheu os ombros novamente. — Eu gosto de séries de TV. Processe-me.

— Vocês dois acabaram? — Azagoth perguntou. Fale sobre exasperação. — Talvez vocês possam me dizer por que estão aqui?

Reaver se virou para ele, seu corpo tenso, sua expressão séria. — Estou aqui para avisá-lo para não ultrapassar as fronteiras dos seus limites, que foram estabelecidos no Acordo Sheoul-gra.

— O que ele disse. — Revenant colocou seus pés em cima da mesa de café, tão relaxado quanto Reaver estava tenso.

— Isso deve ser sério se o Céu enviou seu anjo mais poderoso e o senhor de Sheoul.

Revenant soltou uma risada. — O céu não me *envia* a lugar nenhum, Homem Alma. Eu estou aqui porque isso também diz respeito ao meu reino.

O fogo na lareira estalou e assobiou quando Reaver acenou com a palma da mão sobre as chamas. Ele notou que o fogo ardia quente? Fazia frio há meses, suas

chamas azuis claras refletindo o coração de Azagoth enquanto Lilliana tinha ido embora.

Ele odiava que seu ambiente estivesse tão ligado ao seu humor, que ele pudesse ser tão facilmente lido por aqueles com um olho atento ou meio cérebro.

Reaver se afastou do fogo. — Você liberou as almas em Sheoul, — ele disse, indo direto ao assunto. — O Conselho Angélico está apoplético. Então, estamos aqui para dizer a você para parar com isso.

— Foda-se o conselho, — rosnou Azagoth. — Bael tem matado meus filhos. Eu tenho o direito de defender minha família.

— Somente dentro dos limites de Sheoul-gra.

Azagoth deu uma risada amarga. Ele tinha sido estúpido em concordar com regras tão restritivas. — O que você faria, Reaver? O que você faria se Bael matasse Limos? Ou Logan? Ou algum de seus filhos ou netos? Você ficaria sentado no céu e não faria nada, simplesmente porque você assinou um pedaço de pergaminho? Você, que não seguiu uma regra... nunca?

— Não há uma regra que eu não iria quebrar pela minha família, — disse Reaver.

— Mas você não pode ser todo descarado sobre isso, — Revenant interrompeu. — Se você vai se vingar, use seus *griminions*. Ninguém saberia. Mas cara, você libera almas e dispara alarmes sísmicos.

— Eu realmente não dou a mínima para as almas. — Reaver empurrou os pés de Revenant para o lado e sentou no lado oposto do sofá. — O Conselho Angélico precisa relaxar. Mas Bael... ele não pode morrer.

— Oh, ele pode morrer, — prometeu Azagoth. Ele *morreria em breve*.

— Eu quero dizer que ele precisa *ficar* vivo.

Como se isso fosse acontecer. Ainda assim, ele provavelmente deveria saber o raciocínio por trás do anúncio ridículo de Reaver. — Porque Bael deveria continuar respirando?

Reaver pareceu perturbado. — Eu não sei.

— Você não sabe? — Azagoth olhou para o anjo. — Então por que diabos...

— Os Moirai convocaram ele, — anunciou Revenant em um tom entediado, como se os Moirai, lendários videntes angelicais que não tinham permissão para falar

com ninguém, exceto nas mais terríveis circunstâncias, casualmente convidaram Reaver para o chá.

Inferno, até agora, Azagoth tinha realmente suspeitado que eles eram um mito. Anjos reclusos que viviam em outro plano e em todas as linhas do tempo ao mesmo tempo? Sim, besteira.

Exceto, aparentemente, que não era.

— Eles veem instabilidade na linha do tempo atual, — disse Reaver. — Eles enfatizaram que a morte de Bael causaria ainda mais desestabilização.

— E por que eu dou a mínima para a desestabilização de uma linha do tempo sobre a qual eu não sei nada e que claramente favorece o Céu na Batalha Final e além?

— Estou me perguntando a mesma coisa, mano, — disse Rev. — Se algo é bom para o Céu, isso significa que é ruim para mim.

— Não quando temos um objetivo comum, e isso é impedir que Satanás ganhe a batalha final.

— Sim, bem, eu não dou a mínima para o que as suas Parcas têm a dizer. — Quando Reaver amaldiçoou, Azagoth levantou a mão para deter o sermão. — Calma, Halo. Bael não tem que morrer para eu conseguir minha vingança. Eu posso mantê-lo vivo e em agonia por toda a eternidade.

Revenant ficou de pé, com um grande sorriso no rosto. — Eu sabia que gostava de você.

Azagoth olhou entre os dois. — Então, estamos bem?

— Sim, — disse Reaver. — Mas tenha cuidado. Eu não dou a mínima para o que você faça, mas eu tenho que ser o cara mau quando o Conselho Angélico recebe um inseto em suas bundas coletivas.

— Vamos lá, mano. — Revenant abriu a porta. — Eu estou morrendo por um hambúrguer.

Reaver era tudo sobre um almoço de fast food, e eles saíram de lá sem sequer um adeus.

No momento em que eles se foram, ele gritou — Lilli? Eu sei que você está aí.

O painel escondido na parte de trás da biblioteca se abriu, e um anjo lindo e envergonhado saiu. — Eu sinto muito. Eu não quis escutar. Eu vim para ver você e ouvi vocês conversando.

— Você acabou de sentir a súbita necessidade de usar a passagem secreta para ir à biblioteca? — Ele deu-lhe um olhar de *não venha com besteira* — Você estava fugindo de seu guarda-costas, não estava?

Ela teve a boa graça de corar. — Talvez.

Ela andou até ele, com as mãos na barriga. Sob a palma da mão, o bebê se mexeu, e quando ele estendeu a mão para sentir o movimento, seu coração trepidou com a conexão instantânea que se formou entre ele e a criança.

— Grim Junior está falando com você de novo?

Ele levantou uma sobrancelha. — Grim Junior?

— Você odeia isso?

— Sim.

A risada dela encheu seu escritório e seu coração. Era tão bom tê-la de volta. — Acho que devemos falar sobre nomes, não?

— Em breve, — ele prometeu. — Eu tenho muito o que fazer agora.

— A vingança leva muito tempo, suponho. — Ela olhou para a porta que Reaver e Revenant tinham acabado de passar. — Eles pareciam querer estragar seus planos para consegui-lo. O que você vai fazer?

— O que você acha, minha querida? — Ele espalmou sua bochecha e acariciou sua pele macia com o polegar. Ele nunca tomaria tocá-la como garantido novamente. — Eu vou ignorar tudo o que eles disseram e matar Bael, é claro.

E ele ousava o céu para tentar detê-lo.



CAPÍTULO 16

A antecâmara do grande salão de Bael estava congelando. Não que Lyre experimentasse o frio do jeito que os humanos, com todos os dentes batendo, hipotermia e morte. Mas ainda era bastante desconfortável e, quando combinada com o tema do que poderia estar à frente, ela não pôde deixar de tremer.

Bael a fez esperar aqui por quase doze horas. O destino de CIPHER ainda era desconhecido. O único ponto brilhante do dia tinha chegado quando um de seus lacaios trouxe notícias da morte de seu filho pelas mãos de Azagoth. Os rugidos de fúria de Bael e o assassinato do mensageiro lhe deram o maior prazer que ela experimentou em um longo tempo.

Finalmente, as enormes portas do salão se abriram e o guarda Ramel de Bael gesticulou para ela entrar.

Ela fez o melhor que pôde para controlar sua respiração, seu pulso e suas glândulas sudoríparas enquanto caminhava pelo chão, suas botas caindo sobre os ossos e dentes colocados nos azulejos úmidos.

— Meu senhor, — ela disse, curvando-se profundamente quando chegou ao estrado onde o anjo caído se sentou em um trono feito de mais ossos e dentes. Um conjunto de asas de anjo ressecadas formava a parte de trás do trono, as penas amareladas pontilhadas de sangue seco antigo.

Ele não perdeu tempo. — Acabei de descobrir que Azagoth assassinou meu filho e meu sobrinho, então estou com um mau humor. Não me irrite, Lyre, — alertou. — Diga-me como Cipher desabilitou o bloqueio da demonweb.

— Eu não sei, — ela mentiu calmamente, contando com uma das poucas habilidades que ela tinha que valia aqui em baixo. — Ele estava usando seu notebook para trabalhar nos vírus que você pediu, e a próxima coisa que eu soube é que seus capangas estavam entrando na sala.

— Você não o estava olhando?

— Claro que eu o estava olhando, — ela retrucou. — Mas eu não sei como todas essas coisas de tecnologia funcionam.

Sua resposta pareceu apaziguá-lo, talvez porque fosse verdade. Ela podia operar e-mails e mecanismos de busca, mas tudo o mais era tão misterioso para ela quanto o propósito de Stonehenge era para os humanos.

Bael sentou-se na cadeira, seu olhar estreito bloqueado nela como uma arma. — Ele criou algum vírus?

Ela balançou a cabeça. — Ele diz que eles são complicados e que levará tempo.

— Tempo? — ele fez um som de escárnio. — Com suas habilidades no computador e o talento da peste que veio com suas asas, ele deveria ser capaz de estalar os dedos e chegar ao que eu quero. Ele está enrolando. Ele está enrolando e eu vou matá-lo! Eu vou cortá-lo e esfolar ele e...

Ele saiu em uma tangente insana e caótica, e ela o conhecia bem o suficiente para ficar em silêncio enquanto ele soltava algum vapor maluco.

Quando ele finalmente terminou, depois de prometer mutilar e / ou matar Cipher em algumas dúzias de maneiras, ela perguntou hesitante: — Como você sabe quais talentos vieram com suas asas? Cipher ainda não está ciente de todas as suas habilidades.

Bael enfiou a mão em uma tigela, sentado no braço de seu trono, e tirou algo oblongo e pingando sangue coagulado. Em repulsada, ela engoliu em seco e torceu para que quando o mal começasse a florescer dentro dela, ela não desenvolvesse o gosto por coisas nojentas.

— Eu sei o que aquelas asas podem fazer porque não são da Cipher. — Ele falou calmamente, como se ele não tivesse acabado de gritar sobre ferver Cipher até que seus olhos estourassem. — Elas pertenciam a Asher.

— Asher? Ele foi morto no ano passado... — Ela respirou fundo, lembrando das cicatrizes na base das asas de Cipher. — Você cortou as asas dele, não foi? Você as cortou e as transplantou para Cipher. — Tão bizarro. — Mas por quê?

Bael estalou o pedaço ensanguentado na boca e mastigou. — Precisávamos do conjunto de habilidades específicas de Asher, e Cipher era o destinatário perfeito.

Ela não deveria estar surpresa, mas estava, isso era alguma merda desonesta. Ela nunca tinha ouvido falar de um transplante de asa antes. Mas isso explicava por que os poderes e a capacidade de voar de Cipher estavam tão fora de controle.

— Então, exatamente como você estará usando o vírus do seu computador

Bael mastigou alguma coisa e engoliu em seco. — Depende do que seus vírus fazem.

— Bem, talvez possa escrever uma lista de desejos, — ela disse sarcasticamente.

— Essa é uma boa ideia, meu amor! — Ele saltou de pé, assustando-a e fazendo com que desse um passo para trás. — Imagine se ele pudesse criar um vírus que seria executável no Céu. — Ele jogou os braços acima da cabeça em uma demonstração de exuberância maníaca. — Maravilhoso! — Ele sorriu para ela. — É assim que você poderia se vingar.

Caramba. Isso seria um inferno de uma vingança. Ela queria que a irmã e os bastardos que a condenaram pagassem, mas soltar uma praga no Céu poderia convidar destruição em uma... bem, uma escala bíblica. Pela primeira vez, ela desejou que Moloc estivesse aqui para temperar a insanidade de seu irmão.

— Sim, — ele ronronou quando se sentou novamente. — Diga a Cipher que eu quero um vírus que afete os anjos. E outro que afetará milhões de humanos. E ainda outro que possa ser enviado para demônios individuais e anjos caídos. — Ele fechou os olhos como se estivesse imaginando a destruição em massa de que ele estava falando. — Eu serei o anjo caído mais poderoso da história.

Além de Satanás, é claro. E, na verdade, se Cipher pudesse fazer tudo isso, *ele* seria o mais poderoso anjo caído, depois de Satã, na história. Ele poderia governar o mundo com esse tipo de poder.

— Meu senhor... se eu puder. — Ela limpou a garganta. — Onde está Cipher?

Ele piscou como se tivesse esquecido o eixo central de seu plano de dominação universal. — Ah. Cipher. A Ilha da Tortura, talvez? — ele usou uma longa unha para agitar os contornos da tigela. — Flail queria brincar com ele. Se você se apressar, você pode pegá-la.

Merda!

Ela foi em direção à porta, mas ele a chamou de volta.

Cipher pode ter acesso à demonweb, mas apenas na minha rede, — ele disse. — Meu povo vai assistir a cada movimento.

— Claro. — Ela se virou para sair de novo.

— E Lyre?

Seu interior se transformou em geléia com o tom dele. Este era o tom sádico dele. Aquele que soava como uma faca cega raspando o osso. — Sim, meu senhor, — ela sussurrou.

— Você sabe que você pertence a mim.

Ela engoliu seu ódio e o “foda-se, seu pedaço de merda”, que estava em seus lábios e, em vez disso, emitiu um obrigatório: — Sim, meu senhor.

Pela décima milionésima vez, ela se arrependeu de concordar em servi-lo de qualquer maneira que ele quisesse por toda a eternidade, se ele a ajudasse a conseguir a vingança que ela ansiava. Ela tinha ficado louca de raiva e pesar, e as implicações de *qualquer maneira e por toda a eternidade* estavam, pela primeira vez, realmente chegando a consciência.

— *Tudo* o que é seu pertence a mim, — ele disse, e sua mente instantaneamente relampejou para Flail, que deve ter dito a ele sobre encontrá-los na cama. — Incluindo sua virgindade.

Ele sabe? Choque roubou seu fôlego e, em seguida, um golpe na coluna a fez cair no chão e ofegante. Seus passos pesados caíram como um trovão, aproximando-se, ameaçando a destruição.

Ela tentou se levantar, mas algo a manteve congelada no chão e ela só pôde ver as botas encrustadas de Bael ao lado de sua cabeça. Ele se inclinou, sua respiração quente e rançosa soprando em seu ouvido.

— Me traia de qualquer maneira, e tomarei sua virgindade com uma espada. Você entende?

— S-sim, — ela engasgou.

Sua pele se arrepiou quando ele acariciou seus cabelos. — Mas me ajude a usar Cipher para libertar Satanás, e você pode ser nossa rainha enquanto servimos ao seu lado.

Oh Deus. Ela não poderia ter ouvido direito. — *Nossa rainha?*

— Moloc e eu somos um. — Ele a colocou de pé com um puxão doloroso de seu cabelo e a jogou na porta, onde ela aterrissou em um amontoado. — Vai. Faça meus vírus.

Ela ficou de pé e estava fora da porta em um piscar de olhos.

O guarda Ramreel observou-a com olhos redondos até que ela virou a esquina, onde parou aos tropeços, agarrou os joelhos e lutou para recuperar o fôlego.

Em que ela se meteu?

Sua conversa com Cipher anteriormente voltou para ela. Assombrando-a.

Você se acorrentou por toda a eternidade a Bael e seu império do mal com o único propósito de se vingar e sem pensar no que viria depois?

No momento, o que ele dissera não estava realmente afundado. Sua vida diária desde a queda tinha sido sobre uma coisa: vingança. Mas o que aconteceria depois? Estava se tornando algum tipo de rainha demônio irmão-esposa realmente o que ela tinha que esperar? Porque ela? Por que eles não escolheriam Flail, que parecia gostar da inclinação dos irmãos por atos vis?

E a vingança era mesmo mais importante? Meramente sobreviver ocupava a maior parte de sua vida, e ajudar Bael a tentar fazer o Armagedon preencheu o resto.

A mesma impulsividade que lhe tirara as asas lhe dera uma eternidade de inferno, e sua única esperança era que o mal a levasse tão completamente que ela não se importasse mais. Porque agora, ela se importava.

Ela era um anjo caído. Ela deveria ficar emocionada ao saber dos planos de Bael para Satanás e seus inimigos. Mas isso era demais.

Isso era *demasiado*.

Este era o tipo de merda que Flail deveria estar empolgada, e se ela queria...
Flail.

Bael disse que ela estava indo ver Cipher. Dane-se isso. Cipher era *dela*.

Com o coração trovejando no peito, Lyre correu em direção à saída principal do castelo.

Espere, Cipher. Eu estou chegando.



De todos os espancamentos que Cipher sofreu durante seu tempo em Sheoul, os que ele tinha recebido nas últimas horas foram os piores.

Oh, ele lidou com torturas muito mais dolorosas e fora de escala, mas em sua mente, isso era diferente de uma surra. Uma surra envolvia punhos e pés, talvez um objeto contundente, e muitos insultos.

Chato pra caralho. Pelo menos quando ele estava em agonia, a dor desligava seu cérebro. Mas hoje ele foi pendurado como um saco de pancadas para suportar a tagarelice de demônios que o usaram como prática antes de serem levados para a arena para suas lutas até a morte. Ele era o aquecimento.

E ele se perguntou se, em algum momento, ele seria jogado na arena também.

Mesmo quando o pensamento se filtrou através de seu cérebro maltratado, Flail apareceu.

Não, caralho.

Hoje não era seu dia de sorte.

— Parece que você entrou em água quente, — ela disse, parecendo muito feliz com isso.

— Você me conhece, — ele falou de forma arrastada. — Sempre fora do fogo e na panela.

— Mmm. — Ela sacudiu a porta da sala de treinamento fechada com a sua mente. — É por isso que você foi expulso do céu?

Ele não ia dizer a ela merda nenhuma sobre por que ele perdeu suas asas.

Estranho que ele tivesse contado tudo para Lyre, no entanto. Apenas contou tudo como se não fosse grande coisa. Entretanto, Lyre não o havia traído ou torturado,

então havia aquilo. Além disso, ele não conseguia deixar de gostar de Lyre. Com exceção do momento em que ela o deu como alimento para o peixe demônio, ela foi muito legal. Passaram meses conversando sobre coisas mundanas, como a topografia do território de Bael, os locais dos Harrowgates espalhados por seu reino e o melhor sabor de sorvete.

A conversa sobre sorvete não ajudaria a tirá-lo daqui, mas a outra merda poderia. Não que Lyre lhe dera informação quando ele perguntou, ou mesmo de uma só vez. Ele havia as reunido ao longo do tempo, mantendo notas mentais sobre qualquer coisa que podia ser útil. Mas no curso da coleta de informações, ele aprendeu o suficiente sobre Lyre para não odiá-la. E agora ele realmente sentia algo por ela. Um instinto de proteção que o deixava grato que ela não tinha estado aqui enquanto os demônios tinham batido nele. E que ela não estava aqui agora, quando Flail fosse fazer o que fosse que ela gostava de fazer. O que ele tinha certeza de não seria algo que *ele* gostava de fazer.

Ele testou a corda que amarrava suas mãos enquanto estava pendurado do teto por seus pulsos. Nada havia mudado. A corda segurava, impedindo tanto a fuga quanto a habilidade de usar qualquer um de seus poderes. Ele não conseguia nem romper a maldita corda para chegar a uma das centenas de armas presas nas prateleiras ao redor da sala.

Muito ruim também, porque ele adoraria enfiar uma daquelas lanças no coração maligno de Flail.

— Eu acho que estou recebendo o tratamento silencioso, — disse Flail enquanto ela arrancava uma adaga de uma prateleira. — Pergunto-me se você pode gritar em silêncio.

Ele já sabia a resposta para isso.

Não podia

A porta se abriu com tanta força que um pedaço estilhaçou e se alojou na parede. Então, em um turbilhão de energia, Lyre entrou como se ele a tivesse convocado. Esqueça de querer que ela ficasse longe. Ela era um pacote de fúria com os olhos parecendo lasers, e isso era quente. Pra. Caralho.

— *Afaste-se dele, sua puta.*

Sim! Bônus por citar *Aliens*, intencionalmente ou não.

Flail riu, mas Lyre deu um golpe e acertou a cadela, interrompendo-a no meio da gargalhada. O golpe surpreendentemente poderoso enviou alguns dentes de Flail ao chão.

Lyre não recuou nem diminuiu a velocidade. Como uma guerreira experiente, ela pressionou sua vantagem, pegando uma espada de um rack e atacando enquanto Flail estava desequilibrada. Flail recuou sob o ataque, e assim que ela convocou uma espada elemental, uma enorme lâmina de fogo, Lyre desapareceu em uma nuvem de vapor.

Que diabos?

Então ele viu. O vapor *era* Lyre. Flail gritou frustrada enquanto golpeava inutilmente a corda fina de fumaça que a rodeava, provocando-a, *rindo* dela. Ele realmente podia ouvir risadinhas suaves enquanto Lyre fazia uma piada com a outra mulher.

De repente, Lyre subiu e mergulhou, envolvendo sua forma enevoadada em torno dos pulsos dele.

— Não! — Flail correu em direção a ele, mas a corda arrebentou e ele caiu no chão, com as mãos livres, o poder cantando em suas veias.

Agora Flail iria pagar por tudo que ela fizera com ele.

E então seria a vez de Bael.



CAPÍTULO 17

Lyre já estava farta daquela desprezível.

Então ela adorou quando Cipher atingiu o chão, bateu suas asas e massacrou Flail com uma onda de água escaldante.

Esse era um novo poder. E era algo espetacular.

Flail gritou enquanto sua pele empolava e descascava, vapor subindo de seu corpo. De alguma forma, ela conseguiu revidar com sua espada de fogo, pegando Cipher nas costelas. O fedor de carne queimada e fervida misturava-se no ar como se um demônio chefe preparasse uma sopa de anjo caído.

Agarrando a ferida cauterizada, Cipher atingiu o chão e rolou para Flail, derrubando-a e tirando o ar de seus pulmões. Enquanto ela ofegava por ar, Lyre, ainda em sua forma de vapor, teve uma ideia. Por que diabos não?

Com a mente em ação, Lyre disparou para a boca aberta de Flail.

Flail tentou gritar, mas ela estava sufocando e engasgando, e Lyre se perguntou o que aconteceria se ela entrasse direto nos pulmões da cadela.

Cega para o que quer que estivesse acontecendo fora da boca de Flail, ela se contorceu ao redor, conectando a traqueia da outra fêmea e fazendo-a guinchar de raiva e pânico. Houve grunhidos agitados e tudo ficou quieto e silencioso.

— Lyre?

Lyre deslizou entre os lábios imóveis de Flail e se materializou ao lado dela enquanto estava deitada no chão.

Havia uma lança no peito dela.

Impressionante.

Segurando a parte de trás da cabeça de Lyre, Cipher a puxou para um beijo que foi tão quente quanto rápido. — Essa foi uma das coisas mais legais que eu já vi. — Seu olhar feroz e de admiração segurou o dela. — Que dom incrível.

Ela encolheu os ombros desajeitadamente, um pouco aturdida e perturbada pelo beijo inesperado dele. Não que ela estivesse reclamando. Ele poderia fazer isso sempre que quisesse.

— É meio inútil. Não posso manipular as coisas muito bem. Mas de vez em quando é útil. — O que era uma coisa boa, já que era praticamente sua única habilidade de anjo caído. Ela gesticulou para Flail. — Ela não vai ficar inconsciente por muito tempo.

— Eu sei, — ele disse severamente. — Temos que acabar com ela.

Por mais que ela adorasse isso, matar Flail agora era impossível.

— Nós não podemos. Bael vai saber assim que sua alma for para ele. — Ela olhou ao redor da sala, pensando que eles poderiam amarrá-la para ganhar algum tempo, mas quando ela viu o caixão no canto, ela teve uma ideia. — Vamos empurrá-la para dentro do caixão de tortura.

Sua testa se uniu em confusão. — O que é um caixão de tortura? Eu pensei que o baú fosse para guardar armas.

— Não. — Ela agarrou os pulsos de Flail e começou a arrastá-la para a caixa de pedra. — Uma vez que você coloca alguém nele, ele sela por doze horas. O pobre coitado do lado de dentro recebe doze horas de terror. Pesadelos das coisas que eles mais temem.

— Huh. Os demônios são realmente criativos, não são? — Ele gesticulou para Lyre se afastar, e então ele puxou o corpo inconsciente de Flail por cima do ombro. — Eu prefiro matá-la, mas vou fazer disso uma meta futura.

— Todo mundo precisa de aspirações, eu acho. — Embora tenha ocorrido a ela que, além da vingança, ela não tinha aspirações. Isso a fez se sentir... vazia.

Ele a jogou sem a menor cerimônia na caixa e fechou a tampa. A fechadura dourada na frente girou e brilhou, e um momento depois, os gritos abafados de Flail garantiram que estava funcionando.

— Vamos. — Ela pegou a mão de Cipher. — Precisamos sair daqui. — Ela parou, uma ideia acendendo em seu cérebro. — Espere. Você conseguiu ver o feitiço que impedia que você acessasse a internet. Você consegue ver o que está em suas asas que impede você de poder se teletransportar dentro do território de Bael?

Ele franziu a testa. — Eu não sei.

Como se as asas dele soubessem que eles estavam falando sobre elas, elas bateram loucamente, quase derrubando-o. Ela provavelmente deveria contar a verdade sobre elas, mas agora podia não ser o melhor momento. Ele amaldiçoou enquanto tentava manter sob controle as asas do anjo caído morto. Finalmente, elas permaneceram imóveis, embora estremecessem com o esforço necessário para mantê-las assim.

— Eu posso ver o feitiço, — ele disse, — mas não todo. — Com os gritos de socorro de Flail como ruído de fundo, ele se concentrou por algum tempo e depois sacudiu a cabeça. — Eu acho que preciso poder ver o código inteiro para alterá-lo. Droga. E por que as minhas asas não vão se comportar?

Ela começou a responder, mas ao som de vozes do lado de fora da porta, pensou melhor. — Eu vou te contar, mas não aqui. Vamos.

Rapidamente e sem incidentes, ela o levou para fora do prédio que Bael tinha dedicado inteiramente a aprisionar e torturar seus inimigos... e qualquer outra pessoa que ele sentia vontade de matar por diversão. Assim que estavam do lado de fora, eles levantaram voo, o que correu tão bem quanto da última vez, com Cipher lutando para manter a altitude e o rumo.

Ele amaldiçoou todo o caminho até o vizinho Vale das Árvores Idiotas, como ela o chamava, uma fenda entre dois vulcões que havia se transformado em um pomar de árvores pontiagudas que produziam frutos redondos de cor púrpura-enegrecida. Ela descobriu o vale há um ano, um dos poucos lugares no reino de Bael que não era completamente apavorante. Até mesmo os macacos-lagartos que viviam nas árvores eram bonitinhos.

Bem, eles não eram carnívoros aterrorizantes, de qualquer forma. Isso tinha que contar para alguma coisa.

— O que é este lugar? — Cipher virou em um círculo lento na grama curta, mas exuberante, absorvendo tudo. — É lindo. De um jeito estranho e grotesco. Aquelas maçãs provavelmente comem pessoas, não comem?

Se elas comessem, os demônios teriam encontrado uma maneira de usá-las agora.

— Não, mas elas são nojentas. São como hambúrguer cru por dentro. Garanhões do inferno e éguas do inferno as amam. — Sobressaltada, ela olhou para a nuvem de cinzas que havia sido expelida do alto dos vulcões distantes. — Você quer sair daqui? Fora do reino de Bael, quero dizer. Fora de Sheoul.

Ele girou para ela. — Isso é uma pegadinha?

Não era, mas tentar se explicar não seria fácil, e levou um momento para juntar as palavras. Quando ela finalmente o fez, sua voz parecia cansada, como se ela não tivesse dormido em anos. Sentia-se dessa forma, também.

— Eu estraguei tudo, Cipher, — ela suspirou. — Eu não quero fazer parte nos planos de Bael e Moloc.

— Que planos?

— Todos eles. — Seus punhos cerrados de raiva pela lembrança do que Bael disse que queria fazer com as populações da Terra e do Paraíso. — Eu estava tão puta, com tanto ódio depois que perdi minhas asas, que eu não estava pensando direito. Eu me associei com Bael e Moloc porque eu queria vingança, mas você me fez repensar isso. — Com o arco de descrença da testa de Cipher, ela cerrou os punhos nos quadris. — O que, você não acredita em mim?

— Eu quero, mas isso pode ser um truque.

Dada a traição de Flail quase um ano atrás, ela entendia por que ele achava isso. — Você viu como eu vivo. Como é a vida aqui. Como Bael trata as pessoas. Eu não tenho razão para mentir.

— Salvar sua própria pele é uma razão, — ele ressaltou. — A vingança é um motivo.

Um vento quente e rançoso bagunçou o cabelo dele e fez o longo rabo de cavalo dela flutuar contra o seu pescoço. Ela observou quando a brisa derrubou uma fruta no chão, onde um macaco-lagarto a arrebatou antes de subir na árvore.

— Eu escolhi o time errado, Cipher. Eu deveria ter permanecido um anjo caído.

— Eu posso ver o apelo de entrar em Sheoul, — ele admitiu. Ele olhou para cima, sua expressão pensativa, seu perfil forte e masculino nada menos que majestoso enquanto ele observava o céu laranja pela atividade vulcânica. — Como um anjo caído, a maioria dos anjos não tem poderes, e aqueles que os tem é através da feitiçaria.

— Eu ainda não tenho.

Ele voltou seu olhar para ela, e ela estremeceu com a intensidade disso. Às vezes ele era superdescontraído, e outras, como agora, ele carregava uma aura de autoridade que fazia seu lado feminino notar das formas mais inoportunas.

— Você ainda não tem o quê?

— Tenho poderes. — Ela odiava admitir isso, mas era hora de colocar tudo na linha. Se ela quisesse sair daqui, ele era sua melhor esperança, e ele não iria ajudá-la se não confiasse nela. — Quero dizer, eu tenho dois, mas eles são fracos.

— Eu vi seu pequeno truque de vapor. Aquilo não me pareceu fraco.

— Hoje foi útil, mas é quase inútil. Eu posso passar por pequenas fendas e buracos de fechadura, mas qualquer anjo caído pode passar por portas trancadas e coisas assim de qualquer maneira. Lembra que eu te disse para nunca revelar seu poder único? Bem, esse é o meu, e todos aqui já sabem disso.

Ela foi tão estúpida, tão feliz por ter qualquer habilidade que quando se manifestou como seu primeiro poder, ela mostrou isso. Em sua mais completa ingenuidade, ela não tinha percebido que isso seria praticamente seu único dom, e que outros anjos caídos se deleitavam em compartilhar os segredos dos outros anjos. Agindo em seu desejo de ter aliados, depois de perder seus amigos celestiais e família, tinha sido incrivelmente tola.

— Você me curou várias vezes, — apontou Cipher. Foi legal da parte dele tentar fazer com que ela se sentisse melhor, mas isso não ajudou muito.

— O poder de cura que eu usei em você? Isso só funcionou porque suas habilidades de cura já eram poderosas. Eu não posso colocar proteções. Eu mal posso

golpear uma mosca com ataques mentais. A única habilidade que eu tenho é praticamente inútil.

— Deve ter sido horrível deixar de ser um anjo celeste para um anjo caído com poderes limitados.

Ela riu amargamente. — Até parece. Mas eu também era um anjo fraco. É por isso que eu fui designada como uma historiadora e investigadora. Você não precisa de poderes angelicais para isso.

Ele parecia pensar no que ela dissera. — Então você quer escapar das garras de Bael e quer que eu ajude. É isso que você está dizendo?

— Eu não mereço sua ajuda. Mas eu estou pedindo por isso.

— E então o quê? Você vai querer ajuda para se vingar?

— Eu superei isso. — ela disse. — Eu não me importo mais. — Por alguma razão, seus olhos ardiam e as lágrimas brotaram.

— Suas lágrimas dizem que você quer. — ele disse, quando ele pegou uma gota com o dedo, seu toque tão gentil que nem parecia real. Não em um lugar como esse. Não em um reino do inferno.

— Eu acho... eu acho que... eu não sei. Respirando irregularmente, procurou em seu cérebro as palavras certas. — Eu me sinto... aliviada. Como se eu não precisasse mais segurar essa raiva.

— Sim, bem, eu ainda estou chateado. — Suas asas se abriram e bateram sem motivo aparente. — E essas coisas estúpidas não estão ajudando. Sério, que porra é essa?

— Oh, ah, sobre isso...

Ele atirou nela um *o que agora olhar*. — Não me diga que elas estão amaldiçoadas ou alguma merda.

Como ela poderia colocar isso gentilmente? — Você conheceu um anjo caído chamado Asher?

— Por que eu... — ele se interrompeu e depois assentiu. — Como um anjo, ele era da Ordem dos Tronos. Ele liderou o desastre das Dez Pragas do Egito.

— Esse é o único. Bagunça terrível. Os humanos entendem tudo errado. — Ela soltou um suspiro. — De qualquer forma, depois que ele levou o chute, ele se juntou a Moloc e Bael. Revenant o matou no ano passado.

— O que isso tem a ver comigo? — a realização amanheceu e seus olhos se arregalaram. — Oh, merda. Minhas asas...

— Eles pertenciam a Asher.



CAPÍTULO 18

Entorpecido com o choque, Cipher se afastou de Lyre. Suas asas, as asas de *Asher*, se dobraram e se espalharam por conta própria, e ele teve o súbito desejo de arrancá-las. Não, nem mesmo um desejo. Uma *necessidade* desesperada.

Com um rugido de angústia e fúria, ele alcançou por cima do ombro e agarrou por sua crista óssea. A dor atravessou a asa e subiu em seu pescoço enquanto ele tentava arrancá-la de seu corpo. Ele ia rasgá-la ao meio. Destruir isso. Quebrar. O que quer que ele tivesse que fazer para se libertar das asas de um anjo morto, ele faria isso.

— Cipher, não! — Lyre tentou contê-lo, mas ele a jogou como se ela fosse uma daqueles pequenos primatas-répteis esquisitos.

— Há quanto tempo você sabe? — ele gritou, a sensação de traição atingindo-o mais do que ele imaginava.

Ele sabia que ela era empregada de Bael todo esse tempo, sabia que ela faria qualquer coisa para conseguir a vingança que ela ansiava. Mas isso... isso era doente.

— Acabei de descobrir. — Ela veio em direção a ele novamente.

— Besteira! — Raiva pulsou através dele e ele puxou mais forte, rangendo os dentes contra a agonia. A outra asa atacou-o como se estivesse defendendo sua parceira, sua garra rasgando sua cabeça.

Lyre agarrou a coisa em um esforço para fazê-la parar, mas lutou contra ela tanto quanto contra ele. Filha da puta! Isto era assustador e torcido, e que tipo de louco transplantaria *asas*?

Foi uma pergunta estúpida, tendo em conta onde ele estava. Sheoul estava cheio de doentes, e ele estava fadado a se tornar um deles se ele não desse o fora daqui.

Sua luta com as asas derrubou tanto a ele quanto Lyre, e eles caíram na grama, suas asas envolvendo-o em um casulo. O aumento da pressão agravou seus músculos e fez seus ossos doerem enquanto as asas tentavam o seu melhor para tirar a vida dele.

— Role de costas. — Ela grunhiu quando uma asa chutou e atingiu-a no estômago, mas ela conseguiu lutar com a coisa e segurá-la contra seu ombro.

Ele rolou, prendendo as desgraçadas debaixo dele. Finalmente, ele poderia respirar. Lyre se esticou ao lado dele, ofegando de esforço.

— Eu juro para você, Cipher, — ela disse entre respirações. — Bael acabou de me dizer e eu fui direto para você. — Sua mão desceu em seu antebraço, e ele se viu esperando que ela deixasse lá. Depois de ficar tão sozinho por tanto tempo, ele ansiava mais do que um toque fugaz. Mais do que a dor habitual que outros distribuíam toda vez que punham as mãos nele. — Eu tentei te contar na ilha, mas as coisas estavam meio loucas.

Estavam loucas? O louco ainda estava bem encaminhado. E apesar de seu surto, ele estava agradecido por Lyre estar aqui para ajudar. Ela não precisava contar a verdade, e não precisava resgatá-lo das garras malignas de Flail. Inferno, ela tinha sido sua única ligação à sanidade durante meses. Como teria sido sua vida sem ela? Seus outros manipuladores tinham sido tão depravados quanto Flail, trazendo-lhe comida que estava há muito tempo morta ou muito viva, torturando-o por diversão, fodendo com sua cabeça todas as chances que eles tinham.

De jeito nenhum eles o teriam salvado de Flail ou dito a ele que suas asas não eram realmente dele.

E o que diabos estava acontecendo com isso, afinal? Agora ele entendia por que Flail dissera que suas asas o ajudariam a criar vírus. Essa foi a especialidade de

Asher. Combinado com as habilidades tecnológicas de Cipher, Bael contava com algumas pragas sérias transmitidas por computador.

Enquanto estava deitado de costas, olhando fixamente para o céu, observou o código de programação circulando no ar acima dele. Ele notou no momento em que ele e Lyre tinham saído do centro de treinamento e novamente aqui neste estranho vale, mas ele ainda não tinha sido capaz de decifrá-lo.

Uma parte parecia familiar, como se ele conhecesse o assunto, se não o propósito. *Griminions*. Almas. Não haveria razão para lançar feitiços para essas coisas a menos que... a menos que fossem os feitiços que mantinham as almas dos mortos dentro do território de Bael e que mantinham os *griminions* fora.

— Cipher? Você está bem?

— O quê? Oh sim. — Ele deu um aceno de cabeça relutante. — Estou apenas chateado. Isso é uma loucura. — Ele rosnou quando suas asas se moveram abaixo dele. — Aquele filho da puta me deu as asas de outra pessoa, e como se isso não fosse ruim o suficiente, ele se certificou de que elas fossem enfeitiçadas, então eu não posso deixar o seu reino.

— Elas estão realmente enfeitiçadas, então você não pode *piscar* dentro do reino. Nenhum anjo caído novato pode sair.

Ele inclinou a cabeça para olhá-la. — Então você está presa aqui também?

— Sim. Ainda estou em liberdade condicional.

Ela rolou para o lado e apoiou-se em um cotovelo, o rabo de cavalo grosso sobre os ombros e caindo sobre os seios. Era errado da parte dele perceber isso e o jeito que os seios dela preenchiam sua blusa?

Não.

— Você acha que parte da razão pela qual Bael lhe deu as asas foi para acelerar o processo que transforma os anjos caídos em maus? — Uma brisa agitou seu rabo de cavalo em torno até que se estabeleceu em seu decote, e ele ficou totalmente ressecado quando ela distraidamente roçou os dedos sobre a mecha grossa de cabelo. — Quero dizer, essas asas já estão impregnadas de malevolência. Isso deve estar sangrando em você.

— Talvez, — ele meditou, focando-se no assunto e não sobre o quanto ele quis arrastar sua língua ao longo do decote de sua regata. — Mas você acha que eu sentiria

mais isso. — Ele havia ficado chocado com o quão *não* maligno ele se sentia. Ele esperava ser golpeado com isso, em ter que lutar contra isso mais do que ele tinha.

— Eu deveria sentir mais disso também. — Ela brincou com um pedaço da grama amarela, seu olhar de mercúrio líquido abatido. — Eu não sei o que há de errado comigo. Por tanto tempo eu senti que deveria querer fazer coisas más. Eu queria que o mal me enchesse de tanto ódio que não seria miserável aqui embaixo.

Ele entendeu isso. Ele deixou o desespero chegar a ele uma ou duas vezes, fazendo-o imaginar, por uma fração de segundo, o quanto mais fácil seria a vida se ele simplesmente cedesse ao lado sombrio.

Ah. Lado sombrio. Entre sua referência a Guerra nas Estrelas e a fala do Alien de Lyre, ele imaginou que, se sobrevivessem as próximas vinte e quatro horas, teriam que fazer uma maratona de ficção científica. Com pipoca, pizza e cerveja. Porra, ele praticamente podia saborear calabresa com alho e sentir o líquido gelado derramando em sua garganta. Ele poderia convidar Hawk e Journey, e...

Uma sensação de afundamento puxou suas entranhas. E se eles o odiassem? E se eles não pudessem perdoá-lo por desistir da lista de seus irmãos e irmãs? Ele não precisava sobreviver apenas nas próximas vinte e quatro horas, ele tinha que sobreviver a todos os seus amigos e ao Grim Reaper.

— Eu acho que não demoraria muito para eu chegar a esse ponto. — Ele engoliu em seco. — Saber que sou responsável pela morte de um dos filhos de Azagoth fodeu com a minha cabeça.

Ainda pode.

— Eu sinto muito. — A palma da mão dela percorreu o braço dele em longos e suaves movimentos, e sua pele formigou com o toque suave. — Eu não sabia o que Bael pretendia.

Ele moderou sua voz, movido pela curiosidade, não por malícia. — Teria importado?

— Honestamente? Na época, não.

— E agora?

Ela fechou os olhos, e ele se perguntou se ela estava consciente da maneira como suas unhas cavavam em sua pele. — Agora eu apenas quero sair daqui. Não quero ser responsável por nenhuma das coisas catastróficas que Bael e Moloc

planejam fazer. — Seus cílios negros voaram para cima e seus olhos espelharam sua repentina raiva. — Agora o único mal que eu quero tomar parte é destinado a esses idiotas, — ela rosnou.

Ok, ele poderia trabalhar com isso. — Quer fazer coisas más juntos?

— Como o quê?

— Como... abrir o reino de Bael para Azagoth. — Deus, ele esperava que isso não fosse um truque. Ele ia colocar tudo para fora, e se ela relatasse para Bael, ele estaria morto. Mas no final, ele precisava dela. Ele não podia fazer isso sem ela. E, mais significativamente, ele *queria* confiar nela.

— Você está falando sério? — ela perguntou.

Ele assentiu e desceu pelo buraco do coelho. — Meus amigos colocaram um código na porta de trás do sistema de segurança de Bael. Se eu puder chegar ao meu computador, posso desligá-lo. — Ele olhou para o céu, suas misteriosas profundezas alaranjadas riscadas de cinzas de cinza. — E eu acho que posso destruir o feitiço que impede que os *griminions* entrem e que mantém as almas dentro. Se eu puder enviar uma mensagem para o Hawk, podemos coordenar tudo. Nós podemos escapar.

— Mas suas asas ainda estão encantadas. Elas não vão deixar você sair do território dele.

Por isso ele tinha que perdê-las. — Você vai ter que cortá-las

De repente, ela se sentou e olhou. — Fala sério? Cipher, isso vai ser excruciante. E você pode não ser capaz de recarregar seus poderes até crescer novas asas. Tudo o que você tem é o que está armazenado em seus ossos âncora.

Tudo isso ia ser horrível. Muito. Mas ele adquiriu muita prática em sentir dor, e ele passou décadas sem poderes enquanto ele era um anjo caído. Ele poderia fazer isso de novo. Contanto que ele tivesse bastante suco em sua bateria para executar sua salva de abertura, sua recarga poderia esperar.

— É por isso que precisamos da ajuda de Azagoth. E um *aural*, — ele acrescentou. — Eu mesmo vou matar Bael se tiver a chance. Você sabe onde ele armazena o que meus oponentes usaram na arena?

— Ele mantém trancado no arsenal nas proximidades. Mas é impossível entrar. Está trancado com um feitiço.

— Soa bem na minha área.

— Oh sim. — Ela riu. — Você tem um dom muito legal.

Ele podia ver isso chegando a calhar um pouco, na verdade. — Só espero não perdê-lo com as asas.

Ela mordiscou o lábio inferior pensativamente. — As asas estavam presas à sua estrutura óssea existente. A maioria das habilidades relacionadas a não-praga deve ser sua, não de Asher. Mas apenas no caso, talvez você deva deletar agora as magias que mantêm dentro as almas e fora os *griminions*.

Fazia sentido. Olhando para os bazilhões de linhas de código, ele se concentrou. Levou mais tempo do que ele gostaria para reprogramar o feitiço e inserir um temporizador, mas depois de cerca de uma hora, ele finalmente ficou satisfeito.

Ele agarrou a mão de Lyre e apertou. — Está pronta?

— Para cortar suas asas?

Ele suspeitava que elas não iriam se deixar *cortar*, de forma educada e fácil, como um corte tenro de rosbife. Mas, tudo bem. — Sim.

— Não.

Ele desejou poder rir, mas o melhor que conseguiu foi atravessar seu corpo e agarrar a adaga da bainha no quadril dela. — Se apresse. Elas vão lutar contra você.

Tomando uma respiração rápida e profunda, ele rolou de bruços e segurou no chão, confiando em Lyre com seu corpo, seu futuro e sua própria vida.



CAPÍTULO 19

Lyre nunca tinha sido sensível e anos em Sheoul a fizeram ainda menos. Mas serrar as asas de Cipher a deixou tremendo de adrenalina e horror. O rangido úmido da lâmina cortando o osso, a vibração resistente da faca batendo na cartilagem, o fedor metálico de seu sangue.

E através de tudo, Cipher ficou em silêncio.

Ela gritou quando suas próprias asas foram cortadas, e as dela foram retiradas cuidadosamente, com uma lâmina destinada à tarefa. Suas asas também não tinham lutado como pterodátiles capturados em uma rede.

Ele se ajoelhou a poucos metros de distância, onde ele tropeçou e desmoronou após a segunda cair no chão, suas costas sangrando, seu peito arfando. Ela largou a faca e correu para ele.

Ele procurou cegamente por ela quando ela caiu de joelhos na frente dele. — Há algo que eu possa fazer?

— Não. — A dor gravada na expressão dele quebrou seu coração. Ele apertou o ombro dela, usando-a como um suporte enquanto se endireitava. — Já está ficando melhor.

Ela duvidou disso. Tomando sua mão, ela canalizou ondas de cura para ele. Cada pedacinho tinha que ajudar, e em poucos instantes, sua cor tinha voltado um pouco e o fluxo de sangue caindo no chão diminuiu para um gotejamento.

De repente, ele assobiou e ficou rígido, suas costas arqueando tão violentamente que ela pensou que sua espinha pudesse se quebrar. — Foda-se... dói...

— Eu quero ajudar, Cipher

Ele caiu para frente novamente, pegando-a no braço. Sua testa caiu sobre o ombro dela, e ele passou uma dúzia de batimentos cardíacos assim, sua respiração ofegante balançando seu corpo inteiro.

— Obrigado, — ele murmurou.

Pelo quê? Mutilá-lo? Feri-lo? Ela sabia que tinha feito o que era necessário, mas isso não mudou o fato de que ela brutalmente cortou a característica definidora de um anjo caído e a fonte de seu poder. Não importava que elas não eram as dele. Ele sentiu isso como se elas fossem.

— Shh, — ela murmurou. — Descanse. Cure.

Sem suas asas, o processo de cura levaria mais tempo, mas as bordas de suas feridas já estavam menos esfarrapadas e começavam a se fechar, e sua pele havia perdido o tom pálido.

Ele relaxou contra ela, a tensão em sua grande estrutura drenando a cada minuto que passava.

Suavemente, ela o segurou, acariciando seu cabelo úmido até que ele olhou para ela, seu olhar atormentado preso no dela. — Eu sinto muito.

Sua boca se abriu com o choque. — Você está brincando? Pelo quê?

— Por fazer você fazer isso. — Ele estendeu a mão, tremendo enquanto segurava sua bochecha. — Não deve ter sido fácil.

Não, não foi. Mas ela definitivamente estava no lado menos horrível da lâmina, e a surpreendeu, humilhou-a, que a preocupação dele não fosse com ele, mas com ela. Que homem magnífico ele era.

As últimas de suas paredes desmoronaram, e ela se inclinou para o seu corpo, egoisticamente se consolando com ele quando era ela quem deveria estar o consolando. Sua boca estava a poucos centímetros da dela, sua respiração abanando seus lábios, e ela se viu querendo ainda mais dele.

— Lyre? — sua voz profunda era suave e, no entanto, caía no ar como um eco ressonante.

— Sim? — ela sussurrou.

— Se nós não sairmos daqui vivos, eu não quero que a última coisa que fizemos seja... isso.

Ela derreteu. Todas as suas emoções se derreteram, apenas se acumulando nas câmaras inferiores de seu coração ante suas palavras tenras.

— O que você está dizendo? — ela sussurrou de volta, embora soubesse.

Ela tinha esperança. Este podia não ser o lugar ideal, mas era o momento perfeito. Nada em sua vida esteve sob seu controle por anos. Ela basicamente assinou tudo para Bael, incluindo sua virgindade, aparentemente.

Bem, dane-se isso. Ela tinha acabado de jogar com Cipher, e se eles falhassem em sua tentativa de fuga, ela morreria ou acabaria na cama de Bael. Ela não queria fazer nenhuma dessas coisas sem ter experimentado o tipo de paixão que Cipher prometia.

Sua boca se fechou na dela, e como se ele tivesse acendido um fusível, seu corpo se acendeu para a vida. Vida ardente e crepitante, trazida das cinzas frias e mortas de seu passado.

Ela se abriu para ele, e sua língua deslizou entre os lábios e acariciou os dela, aprofundando o beijo enquanto ele a empurrava de costas. Ele não foi rude, mas também não foi gentil. Havia uma urgência desesperada na maneira como ele arrancava primeiro as calças dela e depois as dele, e enquanto ele beijou seu caminho pelo queixo e ao longo de sua garganta, pequenas e quentes mordidas a deixavam gemendo por mais.

Ele deu a ela exatamente isso, fazendo amor com ela com a boca até o topo de seus seios, onde ele passou a língua ao longo da borda de seu decote.

— Isso é tão sexy, — ela sussurrou, arqueando para ajudá-lo a retirar sua regata e sutiã.

— Não, — ele disse, enquanto olhava para os seios nus dela. — Isto é.

Abaixando a cabeça, ele abriu a boca sobre o seio dela e chupou suavemente, enviando uma série de formigamentos eróticos em espiral através dela. Sua língua era mágica, acariciando e lambendo cada pico enquanto suas mãos empurravam suas calças pelas pernas.

Ansiosamente, ela o ajudou, agarrando as calças estúpidas e depois chutando-as quando elas se emaranharam em torno de seus tornozelos. Finalmente, ela as jogou de lado e deu as boas-vindas a Cipher entre suas coxas.

Suas mãos estavam em todos os lugares, fazendo cócegas em suas costelas, acariciando a pele sensível em seus ossos do quadril, e mergulhando mais baixo em seu sexo inchado. Ela revirou os quadris para encontrar o toque dele enquanto envolvia seus braços ao redor dele. Suas mãos deslizaram através de manchas escuras de sangue, e quando ela exclamou com tristeza porque ela poderia estar lhe machucando, ele se mexeu e agarrou seu pulso, segurando-o nas costas dele.

— Não, — ele respirou contra a clavícula dela. — Seu toque só torna melhor.

Oh, caramba. Ele era tão doce, tão forte, tão fora de lugar neste mundo horrível. Ela se apaixonou por ele naquele momento e ali, sua promessa de permanecer emocionalmente desapegada se esvaiu nas chamas que ele estava alimentando nela, enquanto ele deslizava um dedo entre suas dobras.

Ela quase soluçou de emoção e prazer enquanto ele a acariciava, a ponta do dedo circulando seu clitóris com medidas alternadas de pressão, e adicionando leves toques na ponta e alguns batimentos de pressão intensa e constante na base.

Ela não podia suportar, a maneira como ele manipulava seu corpo com a mesma precisão que ele usava com um teclado. Seu clímax a atingiu com tanta força que ela não conseguia respirar, mal conseguia ofegar por ar enquanto ondas de êxtase se espalhavam dos seus dedos dos pés até o seu couro cabeludo.

— É isso, — ele murmurou. — Continue gozando

Continue gozando? O corpo dela estava todo em volta daquele comando, e outro orgasmo explosivo a balançou.

— De novo, — ele sussurrou, e, maldito seja, se ela não montou a mão dele em outro orgasmo.

— O que você está fazendo comigo? — ela gritou quando chegou ao auge, porque o que quer que fosse, ele poderia continuar fazendo.

Seu hálito quente agitou seu pescoço enquanto ele se movia, posicionando-se em sua entrada. — Programando você. — Sua voz profunda retumbou com necessidade masculina. — Isso é como você sempre irá responder a mim.

Oh... sim.

Enganchando seus tornozelos em torno das coxas dele, ela se arqueou contra ele, gemendo com a sensação de sua cabeça larga empurrando o anel apertado de seu núcleo. A sensação de alongamento era suportável; a espera não era.

Ofegante com o esforço e antecipação, ela conseguiu ofegar — Você está dizendo que você hackeou a minha rede?

Ele olhou para ela, seus olhos azuis brilhando com intensidade, uma sugestão de um sorriso em seus lábios. — Você tinha uma senha forte, mas ainda não conheço uma que não consiga decifrar.

Os quadris dele rolaram enquanto ele entrou lentamente dentro dela. Dor e prazer se misturavam, e isso era muito mais do que ela poderia esperar. Ela sempre lamentou que ela e Dailon nunca tivessem consumado seu relacionamento, mas agora ela sabia por que eles não tinham. Como anjo, ela sempre acreditou que tudo acontecia por um motivo e que sempre havia um plano.

Mas ela perdeu a fé para amargura nos últimos anos. Talvez isso fosse um sinal de que ela estava certa o tempo todo, porque ela sabia, sem dúvida, que este era o momento em que uma conexão íntima era necessária.

Uma conexão íntima que a lembrava de viver, amar, lutar pela vida.

Dela e dele.



Este foi o melhor sexo que Cipher já teve, e ele ainda nem tinha gozado.

Santo inferno, Lyre era apertada, seu canal escorregadio mal acomodando-o, apertando com tanta força que ele nem precisou se mover. Ela estava fazendo mais do que suficiente para fazê-lo cerrar os dentes e torcer por controle.

Isso durou cerca de dois segundos.

Com um gemido de vergonha, ele se balançou contra ela, deslizando para dentro e para fora em um ritmo lento e fácil que a fez fazer sons suaves e sensuais, enquanto ela se apertava ao redor dele. Ela estava perto de novo, tão sensível ao seu toque e seu corpo, e merda, ele precisava brincar com isso. Muito. Quando eles

saíssem daqui ele iria encontrar todas as zonas erógenas e ele iria fazê-la gozar até que ambos desmaiassem.

— Cipher, eu-eu estou... — Sua voz excitada colocou-o sobre o limite enquanto ela gritava em liberação.

Ele se soltou, investindo contra ela e deslizando-a para trás na grama com a força de suas estocadas. Em um crescente, os seus quadris dirigindo para casa como se ele precisasse reivindicá-la tão profundamente para que ela sempre o sentisse, ele gozou forte, o êxtase alcançando cada parte de seu corpo.

Não parou, e no auge, as âncoras de suas asas, feridas e expostas aos elementos, rolaram para a posição que teriam tomado para o abraço de um anjo, o casulo de asas em volta de um anjo e sua parceira.

Ah, droga, ele tinha ido com tudo com Lyre, não tinha?

Ele podia ouvir Hawkyn agora, todo, “Cipher, o playboy consumado, o idiota que conseguiu que minha sentença Memitim fosse estendida com sua necessidade incontrolável de foder tudo o que se movia, finalmente conseguiu sua bunda de anjo depenada.

Ou Hawkyn iria matá-lo e nunca teria a chance de chamá-lo de “depenado”. Termos tão estúpidos que o jovem punk Memitim usava ultimamente.

As últimas ondas de prazer foram expulsas dele, deixando-o arfando acima de Lyre, seus braços tremendo com a tensão se enrolando enquanto ela ondulava através de seu clímax diminuindo. Seu sexto, talvez? Ele não tinha certeza, mas ele amava observar a expressão dela e o jeito que os lábios brilhantes dela se separavam com cada grito delicado.

Finalmente, ela ficou mole, seus dedos acariciando suas costas macias quando ela o puxou para cima dela.

— Uau. — Virando a cabeça, ela beijou sua bochecha enquanto ele estava deitado na curva de seu ombro. — Isso não foi o que eu esperava.

— Melhor ou pior? — Se ela disse pior, ele nunca contaria a Hawkyn esta história.

Ela riu. — Melhor. Muito melhor.

Ok, de alguma forma essa resposta não era mais desejável. — Ah... o que você estava esperando?

— Mais dor, eu acho.

Ele se levantou em um cotovelo, ignorando o desconforto cortante onde suas asas costumavam estar.

— Você *quer* dor? — Ele realmente não estava nisso, mas ele percebeu que poderia obter algumas dicas de Journey. Aquele cara gostava de seus chicotes, correntes e grampos de mamilo. — E por que você estava esperando isso? Eu pareço um Dom ou o quê?

Seu sorriso saciado e meio bobo acariciou seu orgulho masculino. Acariciou seu pênis também, e o agitou. Como, ele não tinha ideia. Seus músculos eram basicamente sopa agora.

— Não, eu não acho que gosto de dor, e não, você não parece um Dom. — Ela se contorceu de lado, e ele deslizou de seu corpo quente, para sua aguda decepção. — Foi minha primeira vez. Eu apenas pensei que seria menos agradável. Mas foi *muito* prazeroso.

Primeira vez? Ele olhou fixamente, sem saber como responder. Ou como se sentir. Ela deu a ele algo que ela segurou por mais de um século. Algo que ela conseguiu salvar enquanto vivia em Sheoul, onde inocência e pureza eram commodities ultrarraras a serem seletivamente arruinadas da maneira mais útil ou má que se podia imaginar.

Finalmente, ele conseguiu um coxo: — Por que eu? Porque agora?

— Tinha que ser você. — Ela estendeu a mão e entrelaçou os dedos com os dele. — Eu sei, porque eu estava pronta para fazer sexo com você em sua cela e depois no meu apartamento.

Ela desviou o olhar, e ele odiou, estendeu a mão e ergueu o queixo para que seus olhos se encontrassem. — Por que agora? — ele repetiu. — Diga-me, anjo.

Força e determinação nadavam em seus olhos de mercúrio líquido. — É porque eu precisava disso. Se vou lutar, preciso de um motivo para vencer.

Ele respirou profundamente, agradecido por ela ter sido designada como sua manipuladora. Grato por *ela*. O que lhe faltava na capacidade angélica, ela mais do que compensava com seu cérebro, sua natureza ferozmente protetora e sua determinação.

— Nós vamos vencer. — Relutantemente, ele agarrou suas calças e as deslizou sobre seus pés, aproveitando a intimidade de ajudá-la a se vestir. Aquele pequeno ato era de alguma forma ainda mais pessoal que o sexo. — Se Azagoth nos ajuda a escapar, não podemos perder.

— Você acha que ele vai ajudar depois... ela se interrompeu, mordendo o lábio.

— Depois que eu o traí e fiz com que um dos seus filhos fosse morto? — Abotoou o próprio jeans, enquanto ela abotoava o dela. — Ele não vai me *ajudar*. Ele vai me *usar* para matar Bael. — E então ele provavelmente mataria Cipher.

Pequenos detalhes.

Ele suprimiu um gemido com a dor nas costas enquanto se levantava e estendia a mão para ela. — Está pronta?

Tomando sua mão, Lyre assentiu. — Aconteça o que acontecer... obrigada.

— Pelo quê? — Precisando de uma desculpa para tocá-la, ele enfiou a blusa dela em suas calças, deixando seus dedos se demorarem em seu traseiro firme. — Eu provavelmente vou fazer com que você seja morta.

— Por me lembrar que há mais para viver do que vingança. — Ela sorriu vagamente. — A desvantagem é que agora morrer seria uma droga.

Bastante. Prendendo a respiração, ele olhou para o céu, com medo do que iria ver.

Ou *não* veria.

O alívio quase o derrubou de joelhos. Ali, no céu alaranjado cinzento, estavam os caracteres transparentes que compunham os códigos dos feitiços. Ele não queria desperdiçar o poder que restava nas hastes de suas asas, já que ele não tinha como recarregar agora, mas apenas um pouquinho não poderia doer. Ele abriu-se a um fio de poder e tirou um caractere da existência antes de substituí-lo um segundo depois.

Foda pra caralho. Era o *seu* poder, não o de Asher.

Agora ele só tinha que sobreviver o tempo suficiente para usá-lo.



CAPÍTULO 20

Uma dor surda latejava nas âncoras das asas de Cipher quando ele e Lyre escorregaram para dentro da sala onde estava seu pobre notebook, todo frio e sozinho. Mas seu corpo se sentiu revitalizado, sua mente revigorada.

Incrível o que o sexo pode fazer por um cara, hein?

Não foi apenas o sexo que o fez pular em energia positiva. Livrar-se da pesada mancha de malevolência que vinha com as asas de Asher tinha sido como um peso em seus ombros. Literalmente.

Ele se lembrou de como ele se sentia despojado depois de perder suas asas celestiais, quão deprimido e fisicamente doente ele estava. Mas, se perder as asas celestes o arrastara para baixo, perder as malignas transplantadas enchera-o de poder que nada tinha a ver com energia angélica.

Ele era, mais uma vez, seu próprio mestre.

Eles também tinham entrado e saído do arsenal de Bael com sucesso e com uma calça e uma camiseta limpa que ele roubou de um guarda que havia nocauteado, bem como com uma arma protegida por um feitiço desagradável que teria transformado os dois de dentro para fora, se ele não tivesse sido capaz de quebrá-lo.

Mas por abaixo da felicidade havia um fio de medo. Não por sua vida, mas de medo por Lyre. E pelo mundo. Se eles não parassem Bael, o louco filho da puta iria destruir a vida humana, a vida celestial e o mundo inteiro de Azagoth. E uma vez que Satanás estivesse livre, a pilha de lixo iria ficar ainda maior.

Esse cara tinha contas a ajustar.

— Você pode realmente derrubar seus sistemas de segurança? — Lyre perguntou. — Mesmo com seus poderes diminuídos?

— Sim. — Ele ligou o seu bebê. — É tudo sobre o computador. Nenhuma mágica envolvida.

Ela andava ao redor da sala, seus nervos mostrando a cada passo rápido, cada mordidela em suas unhas. — Quanto tempo vai demorar até que os feitiços de barreira de alma caiam?

Ele verificou o relógio no computador. — Se eu não estraguei nada, temos cerca de dez minutos.

— É tempo suficiente para derrubar seus sistemas de segurança?

Ele entrou na porta dos fundos de segurança de Bael e procurou pelo gatilho que Journey havia instalado. — Deveria ser.

— Deveria ser? — Seus dedos foram distraidamente para o *aural* enfiado dentro de sua cintura, coberta por sua camisa. Ainda era visível, mas era mais provável que fosse confundido com um punhal do que reconhecido como uma antiga e rara arma que matava anjos. — Bael vai saber o momento em que os feitiços de proteção se forem, e ele vai saber quem fez isso.

— Eu sei. — Havia a porta dos fundos de Journey. Tudo que Cipher precisava fazer era ligar um comutador virtual, e toda a tecnologia de Bael falharia. Se o próprio Journey tinha escrito o programa, os melhores técnicos de Bael levariam horas, se não dias, para obtê-lo instalado e funcionando novamente. O Memitim era tão bom assim.

— Bael pode consertar os feitiços?

— Eu fodi eles bastante. Se ele tentar usar os mesmos de novo, eles vão falhar. Eventualmente, seus feiteiros vão tentar novas fórmulas, mas eu ganhei-nos algum tempo para escapar. — Ele olhou para ela. — Sua incapacidade de piscar fora do reino de Bael está ligada às barreiras de feitiços, certo? — Com o aceno dela, ele continuou. — Então tudo que você tem a fazer é nos tirar daqui assim que eles caírem.

Ela bufou. — Primeiro temos que sair do prédio e atravessar a ponte levadiça. Ninguém pode piscar para dentro ou para fora do castelo ou nos arredores, e você sabe que ele vai trancar tudo.

Era por isso que eles tinham que correr muito, muito rápido. E sendo completamente discretos.

— Nós só temos que confiar que Azagoth vai passar, — ele disse, e ela deu um suspiro cético.

— Ainda não entendo como você pode confiar em qualquer uma daquelas pessoas.

— Nem todo mundo está querendo te machucar, Lyre — ele disse suavemente.

Ele abriu o aplicativo de mensagens e disparou uma nota para Hawkyn. Olhou para o relógio do computador. Os feitiços devem cair do lado de fora em 3... 2... 1.

— Está na hora.

Ele ligou o interruptor.



— Pai!

Hawkyn ignorou as advertências de Zhubaal de que Azagoth não estava apenas ocupado, mas também não no melhor dos humores, e entrou no gabinete de Azagoth.

— Recebi uma mensagem da Cipher — disse Hawkyn sem fôlego. — Ele derrubou o sistema de segurança de Bael e a barreira de alma.

Azagoth se afastou do *griminion* que ele estava falando. — Então eu fui informado. — Ele provavelmente sentiu o colapso da barreira de alma.

— Então o que vamos fazer? Cipher precisa de ajuda e nenhum de nós pode entrar naquela parte de Sheoul. — Era muito inconveniente também. Havia muitos lugares dentro de Sheoul onde os anjos não podiam ou não iriam. A maioria das partes de Sheoul, na verdade. — Seja o que for, precisamos nos apressar. Bael terá tudo pronto e funcionando novamente.

E então Cipher, se ele não pudesse escapar a tempo, morreria.

— Eu cuidarei disso. — Azagoth fez um gesto para o pequeno *griminion* vestido com uma túnica, e o bicho se afastou.

— Cuidar de quê? — Poderia ser perigoso questionar o Grim Reaper, mas Hawkyn descobriu que, se não determinasse os pormenores, Azagoth encontraria brechas. Azagoth poderia encontrar uma brecha em uma barra de aço reta.

— Bael. — A voz de Azagoth baixou, desafiando Hawkyn a fazer outra pergunta.

Hawkyn ousou. Isso era importante demais para não fazer. — E quanto a Cipher?

— Eu vou cuidar dele também.

O tom de Azagoth era arrepiante e Hawkyn grunhiu. — Eu o quero de volta vivo. Não quase vivo. Não principalmente vivo. Vivo e *bem*. Com um corpo físico.

Faixas carmesim queimavam nos olhos negros de Azagoth enquanto sua raiva e malevolência aumentavam. — *Ele matou minha filha.*

— Não, ele não fez. — Hawkyn tirou o celular do bolso. — Pouco antes da mensagem, recebi uma mensagem do Conselho Memitim. Amelia era Primori.

— O quê? — O choque de Azagoth se transformou instantaneamente em dúvida e raiva. — Como pode algum dos meus filhos ser Primori? — ele perdeu a cabeça. — Eles são Memitim. Eles não podem ser ambos.

Hawkyn ficou tão surpreso com a notícia quanto Azagoth. Até onde ele sabia, nenhum Memitim também tinha o status de protegido Primori.

— Eu não sei, mas o Conselho confirmou. Amelia tinha um guardião Memitim desde o momento do seu nascimento. Ele foi retirado do trabalho apenas algumas horas antes de ela ser morta. — Quando Azagoth ficou ali parado, sua fúria congelando em seus olhos, Hawkyn o espancou na cabeça com o óbvio. — Pai, ela estava *destinada* a morrer.

E o que *isso* significava era uma incógnita.

Com um assobio, Azagoth virou-se para a entrada do Inner Sanctum, mas Hawkyn agarrou seu braço.

— *Por favor*, Pai. Ele é meu melhor amigo. — Ele moderou seu tom, não se importando se soasse como se estivesse implorando. Porque isso é o que ele estava fazendo. — Cipher passou por muita coisa comigo. Ele é um homem honrado.

Azagoth livrou-se do toque dele, mas não se virou. Quando falou, ele falou para a parede. — E se ele se tornando um Verdadeiro Caído mudou isso?

Hawkyn engoliu em seco, sabendo a resposta correta, mas não querendo dizê-lo. Inferno, ele nem sequer queria pensar nisso. Mas se ele queria que seu pai desse a Cipher a mínima oportunidade, ele precisava fazê-lo.

— Se Cipher se tornou maligno, — ele disse, — eu vou matá-lo.



CAPÍTULO 21

Alarmes soaram quando Cipher e Lyre passaram pelos corredores de gelo e pelas escadarias estreitas e sinuosas do castelo de Bael. Guardas Ramreel blindados correram em direção aos postos de serviço, saídas e a residência de Bael, com seus machados grosseiros e maçãs cravadas apertadas em seus punhos cheios de carne. Eles não estavam procurando especificamente por Cipher ainda, mas não demoraria muito para que Bael filtrasse através do caos e percebesse que apenas Cipher poderia ter sido responsável não apenas pela falha do sistema de segurança, mas também pela queda da barreira de alma.

— Por aqui. — Lyre puxou-o por um corredor iluminado por candelabros bruxuleantes que lançavam rostos demoníacos rosnando na sombra. — Há uma porta lateral. Podemos pegar a escada para as masmorras externas.

— Masmorras? — ele olhou por cima do ombro para um Ramreel que os seguira até a passagem. Talvez tenha sido coincidência. — Não é isso que estamos tentando evitar?

— Há um túnel de lá que leva para as Montanhas Bowel. Quando estivermos fora, se a barreira ainda estiver baixa, eu posso nos tirar do território de Bael. Se a barreira se levantar novamente, ainda estaremos à frente de suas tropas, e sei onde podemos acessar um Harrowgate que nos levará ao reino humano.

Uma horda de várias espécies de demônios virou a esquina à frente, dezenas de olhos do líder acendendo quando ele os viu.

Nenhuma coincidência.

— Merda! — Ela o puxou para outro corredor. — Plano B.

— O que é o Plano B?

— Corra rápido.

Ele odiava esse plano. Eles decolaram em uma corrida desesperada, os demônios diminuíram a distância atrás deles muito rapidamente.

— Depressa! — ele gritou, colocando uma explosão de velocidade quando o som de dentes estalando soou tão perto de sua cabeça que ele sentiu o hálito quente na parte de trás do seu pescoço.

— Vá em frente, — ela gritou. — Podemos despistá-los no caos.

À frente, as gigantescas portas duplas estavam abertas. Além da entrada do pátio, demônios confusos se moviam por baixo de cadáveres decorativos balançando acima.

Cipher arriscou um olhar para trás e instantaneamente se arrependeu de seu erro. O número de guardas os caçando havia dobrado.

Ele convocou os preciosos restos de seu poder, segurando-o na ponta dos dedos e pronto para atacar. Ele estava mais fraco sem as asas, mas mesmo agora ele podia sentir o aumento no controle. Uma troca, mas na verdade, em uma luta, pode ser melhor ter força descontrolada do que migalhas de poder controladas.

Isso não ia ser fácil.

Mas se conseguissem sair vivos, pediria a Suzanne que fizesse um bolo para comemorar.

Eles irromperam do lado de fora, pulando no meio de centenas de seres que claramente não tinham ideia do que estava acontecendo, mas queriam estar no meio da ação.

Demônios eram estúpidos.

— Lá! — Lyre apontou para a ponte que atravessava o fosso de lava. — Assim que atravessarmos, eu posso nos tirar daqui.

Ok. Isso pode funcionar. Esperança escorria por ele.

E então ele olhou para cima e parou bruscamente. — Oh, merda, — ele respirou. *Foda-se.*

— O que é?

— Os feitiços. Eles não baixaram. Azagoth não pode enviar ajuda aqui e não podemos sair...

Uma enorme explosão abalou o chão à frente. A ponte desmoronou enquanto pedregulhos gigantes de rocha e gelo se lançavam no ar e se espalhavam ao redor deles, esmagando demônios, carroças e as arquibancadas onde eles vendiam suas mercadorias.

Com gritos de terror e dor ao redor, Cipher derrubou Lyre no chão, cobrindo-a com seu corpo enquanto os destroços caíam. Pedacos do tamanho de bolas de basquete golpearam suas costas e pernas, mas ele ia sobreviver. Ao contrário daquele pobre coitado com os cascos sob um bloco de gelo do tamanho de um Volkswagen, o sangue dele se espalhando em uma poça embaixo dele.

— *Eu vou massacrar você onde você está!*

A voz de Bael, parecendo muito próxima, congelou o sangue nas veias de Cipher. Ele saltou de pé, o coração batendo e empurrando o sangue congelado como lama que o deixou sentindo como se a merda estivesse em câmera lenta.

Um raio de trovão quebrou seus tímpanos uma fração de segundo antes de um raio chiar através dele, paralisando-o onde ele estava. Agonia tornou-se tudo, seus sentimentos, seus pensamentos, sua visão. Porque aparentemente você pode *ver* dor. Era vermelha, brilhante e pervetida pra caralho.

Distante, ele ouviu os gritos de Lyre por misericórdia. Não por ela. Por ele.

— Pare, — ela gritou. — Eu farei qualquer coisa!

— Sim, — Bael assobiou. — Você irá.

Não! Cipher inalou, tossindo sangue enquanto cambaleava para frente, cegamente, seu único objetivo era alcançar Bael e sufocá-lo com suas próprias mãos.

Ele ouviu um grunhido, um baque e, de repente, a eletrocussão parou. Seus ouvidos zumbiram e pontos brancos flutuaram em sua visão, mas a dor morreu em um rugido surdo e, quando seus olhos se focalizaram, ele viu por quê.

Lyre havia abordado Bael.

Mas ela pagou por isso, agora estava tentando se levantar do chão, sangue saindo de seu nariz e orelhas. Bael riu quando ele a golpeou, batendo na parte de trás do pescoço dela e soltando-a como se tivesse sido atingida por um raio.

Seu punho se emaranhou no cabelo dela, e ele brutalmente arrastou a cabeça dela, colocando a boca no ouvido dela. Cipher não podia ouvir o que ele estava dizendo, mas ouviu o grito de terror de Lyre.

— Desgraçado! — Cipher rugiu em fúria e soltou a primeira arma que lhe veio à mente, uma enxurrada de gafanhotos demoníacos vorazes que invadia Bael num redemoinho de dentes.

Bael uivou de dor quando foi cortado em fitas, dando a Lyre a chance de se levantar.

— Vamos! — Cipher estendeu a mão para ela. — Depressa!

Ela começou a andar em direção a ele, mas de repente os gafanhotos caíram mortos. Filho da puta! O enxame de gafanhotos havia drenado seu poder pela metade e Bael contornara-o como se os gafanhotos não fossem mais do que um incômodo.

Bael, sua ira assumindo vida própria, transformou-se, seu corpo triplicou de tamanho, sua pele endurecendo em uma armadura negra, seu rosto assumindo grandes dimensões e dentes do tamanho dos seus dedos.

Eles não conseguiam a porra de uma pausa.

Com o último de seu poder, ele explodiu Bael com sua arma de derreter gelo, envolvendo o desgraçado da cabeça aos pés. — Lyre, corra!

— Não! — ela correu em direção a ele, e ele queria gritar com a futilidade disso. Ela não podia ajudá-lo. Ela acabaria morrendo com ele.

— Vai!

Uma detonação de gelo enviou fragmentos penetrantes nos demônios que se reuniram para observar e, por algum milagre, ele e Lyre escaparam ilesos. Alguns dos demônios caíram mortos enquanto outros caíram no chão e se debateram de dor. Ainda outros correram.

Bael, completamente livre de gelo, rugiu em fúria e explodiu Cipher e Lyre com algum tipo de arma que cortou um milhão de minúsculos cortes na pele e a removeu.

Agonia tornou-se o próprio ar que Cipher respirava, e através de seus próprios gritos de miséria, os gritos de Lyre esfolando suas entranhas também.

— Você vai morrer, — Bael gritou acima do trovão que rolou a partir das nuvens de tempestade vermelho-sangue acima. — Você vai morrer, e então eu alimentarei meu Orphmage com sua alma enquanto eu como sua carne. — O anjo caído caminhou em direção a ele. — Mas não antes de fazer você ver o que Moloc e eu faremos com sua preciosa Lyre.

Não. Por favor não ...

A escuridão começou a cair. Talvez não no reino, mas na cabeça de Cipher. Ele não podia levantar os braços, as pernas, a cabeça. Inferno, ele mal conseguia abrir os olhos.

Ele viu Lyre se contorcendo no chão, e seu coração, já cheio de feridas, sangrava. Torturado pela visão, ele colocou toda a sua força para alcançá-la. Se ele pudesse apenas tocá-la...

Um demônio gritou e correu entre eles, quase pisando em seu braço. Então outro. Por toda parte, lamentos aterrorizados se levantaram. De repente, Bael se virou, sua atenção e seus poderes restritivos não mais se concentraram em Cipher e Lyre.

Que diabos?

Gemendo, Cipher olhou para o céu. Os feitiços... os feitiços haviam quebrado!

Algo, ou algumas *coisas*, estavam atacando os demônios e, pela primeira vez, Bael parecia com medo.

— Lyre, — ele resmungou enquanto se empurrava com suas mãos e joelhos em membros trêmulos.

Ela olhou para ele. Olhou para Bael.

E então ela olhou para ele novamente, determinação espelhada em seus olhos brilhantes. O que ela ia fazer?

— Lyre?

Ela se vaporizou em uma nuvem de fumaça, e antes que ele pudesse piscar, ela se atirou nas narinas de Bael. Seus olhos se arregalaram e ele agarrou a garganta, sufocando e engasgando.

E Lyre, aquele anjinho astuto, havia deixado o *aural* no chão.

Cipher cambaleou. Suas pernas eram de borracha e seus passos estavam pesados, mas ele conseguiu segurar o *aural* e de alguma forma chegar onde Bael estava lutando para exorcizar Lyre.

Agarrando a garganta, Bael se virou para encarar Cipher, o ódio em sua expressão fazendo seu rosto crescer grotescamente. Ele levantou uma mão com garras, choques de eletricidade entre os dedos, e Cipher sabia que o próximo golpe o mataria.

Não restava tempo.

Ele pulou, batendo o *aural* no peito de Bael.

E nada aconteceu. A arma deslizou inutilmente de sua armadura.

Porra!

Ainda tossindo, Bael sorriu, levantou a mão mais uma vez.

Então, do nada, uma figura disforme, transparente e cinzenta, enrolada em torno de Bael, com os olhos vazios e boca gritando silenciosamente.

O grito de Bael *não* foi silencioso.

Uma das almas de Azagoth. Muito bem, Hawkyn!

A forma de vapor de Lyre foi ejetada entre os lábios de Bael quando o anjo caído retornou ao seu corpo original, do tamanho de um anjo. Ele se contorcia na miséria enquanto a alma girava em torno dele, fazendo o que quer que fosse que as almas faziam.

Mas não, essa alma não reivindicaria essa matança.

Essa matança pertencia a Cipher.

Com um grito de batalha encharcado de vingança, Cipher enterrou o *aural* no coração de Bael. Desta vez a arma bateu em casa.

Bael ficou sem fôlego quando seu corpo estremeceu e convulsionou, fumaça subindo das rachaduras se formando em sua pele. O chiado de carne queimada acompanhou seus gritos de morte, e o mal dentro de Cipher foi paralisado por tudo isso.

Finalmente, quando Lyre se envolveu em Cipher e o segurou com força, o filho da puta entrou em colapso.

Bael estava morto. O monstro que aterrorizara essa região de Sheoul por eras havia desaparecido.

De alguma forma, eles sobreviveram a isso, mas Cipher ainda tinha mais um monstro para enfrentar, e seu nome era Azagoth.



CAPÍTULO 22

Azagoth odiava esperar.

As pessoas sempre se surpreenderam com sua paciência, mas só viam o que ele queria que elas vissem. Seu exterior era muito diferente do seu interior.

Dentro havia uma fera temperamental e inquieta que não gostava de esperar por coisas como vingança. Ou prazer.

Pelo menos agora que Lilliana estava em casa, não tinha que esperar pelo último. A presença dela acalmou o monstro até agora, enquanto ele esperava por notícias vindas de Sheoul. Ele enviou centenas de almas para destruir Bael e, com alguma sorte, Moloc também estaria com o irmão.

Mas até agora seus *griminions* não lhe trouxeram suas almas. Eles entregaram dezenas de outras almas que colheram do reino de Bael, mas não aquelas que Azagoth queria.

Isso estava demorando demais.

Uma onda de energia maciça forçou o cabelo no pescoço de Azagoth a se levantar, e antes que ele pudesse sequer piscar, outra onda igualmente poderosa de energia se chocou contra ele.

Foda-se.

Reaver e Revenant tinham acabado de aparecer para uma visita, e Azagoth não tinha dúvidas de que isso não seria amigável.

O que significava que ele iria encontrá-los no lugar que ele escolhesse, o lugar que lhe dava uma vantagem estratégica.

Ele abriu a porta do escritório quando Zhubaal derrapava até parar diante dele. — Meu Senhor...

— Eu sei. Envie-os para o Inner Sanctum.

Z empurrou. — M-meu senhor?

— Faça isso. E mande alguém para manter Lilliana ocupada. Eu não a quero perto de Reaver ou Revenant. Ele duvidava que um dos machos prejudicasse Lilliana, mas ele não ignoraria que eles pudessem usá-la de alguma forma, se fosse necessário.

— Sim senhor.

Rapidamente, ele atravessou a passagem para o Inner Sanctum e, momentos depois de atravessar o limiar, Hades se materializou.

— Ei, chefe, — disse Hades, seu moicano azul cortado perto de sua cabeça hoje. — Quem você está aqui para torturar?

— Eu não estou torturando ninguém. Estou esperando convidados, e só temos cerca de sessenta segundos para nos preparar.

— Convidados?

— Reaver e Revenant.

Os olhos de Hades se abriram. — Mas a presença deles não enfraquecerá o véu entre Sheoul e Sheoul-gra?

— Eu estou contando com isso, — disse Azagoth. — Eles sabem que não podem me destruir aqui sem quebrar as barreiras e liberar milhões de almas demoníacas.

Não havia como um anjo arriscar isso. O caos resultante se espalharia rapidamente, afetando não apenas o reino dos demônios, mas também o humano. Eles também não ficariam muito tempo, sabendo que sua mera presença queimaria buracos através do véu como ácido.

Hades assentiu. — Entendido. Eu colocarei minha equipe de reparos de prontidão.

— Não. — Azagoth olhou para o portal que os anjos entrariam a qualquer momento. — Eu não quero que você conserte qualquer dano que a presença deles cause.

— Que porra que você disse? — Se Hades já ficou mais atordoado por qualquer coisa, Azagoth não estava ciente disso. Ele limpou a garganta e acrescentou apressadamente. — Meu senhor?

Não com vontade de explicar seu comando ou ser questionado sobre isso, ele retrucou. — Vá. Eles estarão aqui em um momento.

Hades estalou as asas e levantou apenas quando Reaver e Revenant saíram do portal.

Reaver se aproximou dele como um touro, sua expressão sombreada de fúria, suas asas brancas e douradas brilhando acima da reluzente armadura vermelha e dourada. Revenant o flanqueava, com as asas pretas e prateadas dobradas suavemente contra a placa traseira de sua armadura de ébano que absorvia a luz, mas não havia nada de indiferente em suas presas à mostra. Ambos os anjos foram preparados para a batalha, e Azagoth inundou seu corpo com poder em resposta.

— Eu te avisei para não liberar almas. — A voz de Reaver cantando com força vibrou no ar. — Eu te avisei para não matar Bael.

Culpado da acusação no ponto A. Mas o ponto B foi um fracasso. Embora não por falta de tentativa. Sua decepção por não ter a alma de Bael trazida foi quase esmagadora.

— Calma, rapazes, — disse Azagoth. — Se Bael estivesse morto, sua alma teria vindo para mim, e eu estaria dissecando isso agora.

Claro, era possível que outro demônio incrivelmente poderoso ou anjo caído tivesse destruído ou devorado sua alma, mas as chances disso eram tão baixas que eram absurdas.

Reaver olhou para o terreno austero do que era basicamente a antecâmara para o resto do Inner Sanctum, e Azagoth se perguntou se ele notou os demônios a distância, movendo-se lentamente em direção a eles, atraídos pelo poder que emanava dos dois anjos.

— Você está errado. — Reaver voltou-se para Azagoth. — *Griminions* não poderiam ter colhido sua alma. Ele e seu irmão Moloc eram... aberrações.

Azagoth zombou. — O que você quer dizer com aberrações?

— Eles são gêmeos, — disse Reaver. — Mas eles são um.

A cabeça de Revenant girou para encarar seu irmão. — Disse o quê?

— Eles compartilham uma alma, — explicou Reaver. — Matar um deles significa reunir as duas metades e tornar o outro “irmão” inteiro. E muito, muito mais forte.

Bem, se isso não era interessante. Azagoth *tinha* conseguido matar o corpo físico de Bael. Infelizmente, o filho da puta ainda estava vivo dentro de outro corpo, e ainda mais forte do que antes.

Fan-fodidamente-tástico.

— Você não poderia ter compartilhado essa informação mais cedo? — ele cerrou os dentes.

Revenant espetou Reaver no ombro. — Não me diga.

Reaver olhou para os dois. — Eu também não sabia, idiotas. Acabei de descobrir algumas horas atrás, quando os procurei na Biblioteca Akashica.

Cara, Azagoth sentia falta da biblioteca celestial que continha detalhes sobre todos os humanos, todos os eventos, *tudo* da história do universo.

— Então? — Revenant cruzou os braços sobre o peito, suas manoplas pontiagudas batendo contra sua armadura. — Qual é a história deles?

Azagoth estava curioso também. Não porque ele dava uma merda, mas porque informação era uma arma.

— Aparentemente, — começou Reaver, — sua alma dividida é por que eles foram banidos do céu como os mais jovens anjos da história. De acordo com os textos, eles estavam desprovidos de empatia e se deleitavam em magoar os outros. Humanos, animais, outros anjos. Eles seriam executados, mas Moloc escapou. Bael não poderia ser executado por medo das almas serem reunidas, então os arcanjos cortaram suas asas e o expulsaram. Moloc realizou uma cerimônia e sua própria ectomia das asas, e ele caiu também. Ambos se juntaram a Satanás e aqui estamos nós.

Pequeno revés. Azagoth tinha que matar Moloc agora. MolocBael? BaelMoloc? Tanto faz. Pequeno. Fodido. Revés.

Então, por que não se sentiu tão pequeno? Os sinos de alarme estavam soando duro com isso.

— Ouça-me, Azagoth, — disse Reaver. — Eu sei que você matou Bael. Você está fodido. Não faça novamente. Não mate Moloc.

— Ou o quê?

— Ou você deixará de existir.

Buzinas se juntaram ao alarme, e uma sinfonia inteira de avisos vibrou seu corpo agora. — Você está me ameaçando?

— Não, Azagoth, eu estou dizendo a você. — A voz de Reaver foi baixa, sinistra, suas asas tremendo com a força dela. — Se você matá-lo, tudo o que você conhece, tudo o que você é... será destruído.

A fúria súbita queimou as veias de Azagoth, quente e potente. — Você não entende o que Bael e Moloc querem? Eles querem que Satanás seja libertado e Revenant seja deposto, e eles estão matando minha família para que isso aconteça! — Ele se virou para Revenant. — Por que você não pode fazer nada sobre isso? Você é o maldito Rei do Inferno. Certamente você não vai ficar sentado e perder seu trono para uma insurreição.

— Oh, eu tenho planos para Moloc, — Revenant declarou. — Estou mais preocupado com você.

— Isso não é doce?

Revenant sorriu. — Não é esse tipo de preocupação.

Claro que não. Por que ele iria dar uma merda sobre a família de Azagoth? — É melhor você *ficar* preocupado, — rosnou Azagoth. — Ou todo o submundo vai ler sua falta de ação como covardia.

Revenant mostrou suas presas, seus olhos tornaram pesadelos, e antes que Azagoth pudesse piscar, o cara estava em seu rosto. — Me chame de covarde de novo.

— Saia, babaca, — Azagoth advertiu. — Este é o meu reino, e você não tem poder aqui.

Um flash de luz quase o cegou enquanto Revenant se iluminava como uma supernova, provando o quão errado Azagoth estava.

— Eu posso *derreter* você se eu quiser, garoto alma.

Uma força invisível derrubou Azagoth em um mausoléu, provocando seu temperamento e seu demônio interior. Ele se desdobrou em sua fera, seus chifres e grandes asas alcançando o céu.

— *Como você se atreve.* — Sua voz, deformada por sua fúria e sua forma, fez com que o chão mudasse sob os pés dele. — Como você se atreve a me atacar dentro do meu reino.

Revenant sibilou e sacudiu a mão restritiva de Reaver. — Você atacou meu reino enviando almas para cumprir as suas ordens em violação do tratado. Qual é o seu próximo passo? Libertar Satanás?

— Nunca, — ele rosnou, seu choque com a ideia fez a sua fúria diminuir um pouco.

As asas de Revenant se estenderam amplamente, as garras ósseas nas pontas cerradas como se quisessem destruir Azagoth como carne de porco. — Você tem certeza?

Ele tinha certeza? Satanás havia chantageado Azagoth por eras, ameaçando seu reino e seus filhos, se Azagoth se recusasse a reencarnar as almas que Satanás queria. Ele abateu *griminions*. Ele exigiu lealdade que Azagoth se recusou a dar, e sempre foi uma das crianças de Azagoth que pagou por isso.

Então foda-se Revenant e o garanhão do inferno que ele montava. — Não questione meu ódio por Satanás, — rugiu Azagoth.

Sangue fervendo, ele atacou. Ele poderia ter usado qualquer uma das milhares de armas à sua disposição, mas o que ele queria era sentir a carne se dilacerando entre os dentes e o sangue fluindo entre suas garras.

Revenant bateu na cabeça dele. A onda de choque do impacto explodiu as estruturas, até onde Azagoth podia ver no breve vislumbre que ele obteve antes que o punho de Revenant batesse em seu rosto e quebrasse todos os ossos de sua cabeça.

A dor quando seu crânio se uniu novamente só o irritou mais, e ele apertou a garganta de Rev em uma mordida que esmagou a traqueia e a coluna do anjo. Sangue escorria pela garganta de Azagoth, quente e poderoso, e então Reaver os separou, explodindo os dois a cem metros em direções opostas.

— *Chega!*

De repente, Azagoth se viu pendurado no ar no final dos dedos de Reaver. Revenant estava no outro lado da outra mão de Reaver, apertando sua garganta mutilada. Boa. Idiota. Dentro do Inner Sanctum, ele não estava se curando tão rapidamente quanto deveria.

Reaver colocou seu irmão no chão. — Já terminamos?

— Ele começou, — Revenant raspou.

Balançando a cabeça em exasperação, Reaver se virou para Azagoth e o soltou em seguida. — Como podemos saber que você não conspirará com alguém para libertar Satanás?

Cerrando os dentes, ele colocou tudo o que tinha no que estava prestes a dizer. Ele sentiu isso nas profundezas de sua alma e no sangue que está em suas veias.

— Eu vou. Morrer. Primeiro.

O silêncio se estendeu enquanto o fedor de carvão rodopiava ao redor deles. Então, finalmente, Reaver assentiu. — Ok. Dê a Lilliana minhas lembranças. E parabéns por se tornar pai novamente.

— Idem, — Revenant raspou. — Idiota.

Azagoth inclinou a cabeça e observou os irmãos saírem antes de examinar o dano ao Inner Sanctum. Como ele tinha observado anteriormente, tudo ao redor tinha sido achatado e queimado. Algumas almas poderiam ter sido desintegradas, mas ele não se importava. O que importava era o fato de que uma pequena parte da barreira entre o Inner Sanctum e Sheoul havia enfraquecido. Apenas uma única e pequena fenda no véu que ninguém além de Hades seria capaz de ver.

Sorrindo, ele se afastou e assobiou uma melodia animada enquanto se dirigia para o portal de volta a Sheoul-gra. Mas quando ele entrou em seu escritório, ele ficou espantado.

Lilliana estava sentada em sua cadeira, sua expressão desenhada, uma mão segurando um copo de chá gelado.

— O que é isso? — ele correu para ela. — O que há de errado?

— Eu não sei, — ela disse suavemente. — Você me diga.

— Nada está acontecendo.

Ela olhou para ele como se ele fosse um idiota. — Eu não sou idiota. Você está coberto de sangue, seus chifres estão para fora, e algo balançou Sheoul-gra com força suficiente para derrubar as estátuas e quebrar os pratos apenas alguns minutos depois que Reaver e Revenant chegaram. Então não me engane. Ela ficou de pé e quando ele chegou para ajudá-la, ela afastou a mão dele. — Você liberou almas para matar Bael, e eles descobriram, não foi?

Azagoth mantinha o trabalho e a vida em casa separados. Ele nunca quis que Lilliana fosse exposta à parte feia de seu trabalho... ou a parte feia de si mesmo. Ele não queria que ela visse como a salsicha de alma era feita, quando se tratava disso.

— Eu não quero que você se preocupe, Lilli. Você tem o suficiente para lidar.

— Não, — ela avisou. — Não me deixe de fora. Nunca mais. Você jurou.

Ele queria negar que ele estava a excluindo. E se ele estava, ele queria assegurar-lhe que estava fazendo isso para seu próprio bem. Mas deixá-la de fora foi parte do que a levou a deixá-lo em primeiro lugar. Ele a manteve refém emocionalmente, não dando a ela aquele pedaço dele que ela ansiava. E então, quando ele expressou emoção, foi raiva. Sempre raiva.

Ele prometeu que faria melhor. Era hora de cumprir essa promessa.

— Você está certa. — Ele inalou suavemente. — Bael está morto, e os Super Gêmeos sabem disso. Mas eles são a menor das minhas preocupações. Moloc ainda está vivo, e ele está mais poderoso do que nunca. Ele virá atrás de mim com tudo o que ele tem.

— É por isso que você se apressou em trazer as últimas crianças do reino humano, não é? Para tirá-las do caminho.

Ele assentiu. — E é por isso que você sempre tem um guarda. Moloc não vai parar por nada para conseguir o que ele quer de mim.

Mais cedo, Lilliana tinha mencionado que o cão infernal, que ela fez amizade na ilha de Ares, poderia estar se juntando a eles, e o vira-lata era bem-vindo. Ele não gostava das bestas, mas elas eram ferozmente leais, e ninguém fodia com Lilliana com uma ao seu lado.

— Por que Moloc precisa tanto de você? — Lilliana perguntou.

Ele pegou sua garrafa favorita de rum. — Porque eu tenho a chave para a prisão de Satanás.

— A chave? — Ela perdeu a cor no rosto e afundou de volta na cadeira. — Satanás está em Sheoul-gra?

— Sim e não. — Ele abandonou a garrafa e andou até ela. Ele precisava dela mais do que o álcool de qualquer maneira. — Quando Revenant e Reaver capturaram Satanás, eles criaram uma prisão interdimensional usando a mesma frequência básica do Inner Sanctum. A cela de Satanás está tanto dentro de Sheul-gra e não

dentro dele. Só eu posso acessá-la. — Encostado na mesa, ele repensou isso. — Bem, Reaver e Revenant também podem, mas somente se puderem encontrá-la.

Lilliana olhou para sua barriga. — Eu não gosto disso, Azagoth.

E foi por isso que ele não quis contar a ela sobre nada disso. Ele queria todo o estresse, toda a feiura, em seus ombros. Não nos dela. Mas não importava o quê, ele a protegeria e a manteria a salvo, não importando o que custasse.

— Eu também não, Lilli, — ele disse, inclinando a cabeça para dar-lhe um beijo que era mais do que carinho. Era uma promessa. — Mas eu não vou deixar nada acontecer com você ou nosso filho.

Recuando, ele tirou uma pena branca de ponta dourada da manga de seu braço direito e uma pena preta de ponta prateada da esquerda e colocou-a na mesa. Nem Reaver nem Revenant tinham notado quando ele as tirou de suas asas.

Lilliana estendeu a mão para elas, seus dedos delgados roçando o delicado brilho. —O que são estas? Quero dizer, obviamente são penas, mas para quê?

— Seguro, — ele disse severamente. — Elas são um seguro.



CAPÍTULO 23

Cipher segurou a mão de Lyre enquanto elas ficavam perto do portal que os levaria para Sheoul-gra. Bem, levaria se eles tivessem permissão. Aparentemente, Azagoth havia selado recentemente após a morte de um de seus filhos.

— Você pode ver isso? — Lyre perguntou, referindo-se ao feitiço que mantinha a entrada fechada.

— Sim.

— Tendo segundos pensamentos?

— O que, sobre quebrar um feitiço que o Grim Reaper colocou em prática para proteger o seu reino? — ele bufou. — Não.

Ela apertou sua mão tranquilizadamente, bem ciente de que ele estava tendo segundos pensamentos. Terceiros. Quarto pensamentos

Havia um monte de pensamentos passando por sua cabeça agora.

— Nós não temos que fazer isso, — ela disse. — Nós poderíamos desaparecer um pouco aqui. Viver longe de todos os outros. — Ela encolheu um ombro machucado, ainda machucado e ensanguentado da batalha. Suas principais feridas já haviam sarado, os ossos e lacerações fraturadas, mas sem asas, os danos dele estavam demorando muito mais. — Ouvi dizer que Pestilence viveu em uma caverna durante séculos. Então, você sabe, há isso.

Ele sabia que ela estava brincando sobre a caverna, provavelmente, mas não importa o que, a vida como um fugitivo da ira de Azagoth e o desprezo de seus amigos não funcionaria para ele. Ele sempre foi o tipo de cara *faça primeiro, peça perdão mais tarde*, mas ele sempre pedia perdão.

— Eu não posso fugir, Lyre. — Tanto literal como figurativamente. Ele tinha certeza que seu fêmur direito estava quebrado.

— Eu sei, — ela suspirou. — É só... eu vi o suficiente de você sendo torturado. Eu não quero que você passe por isso de novo, e estou supondo que se alguém é um especialista em causar dor, esse seria Azagoth.

— E você estaria certa. — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, precisando de uma desculpa para tocá-la onde Bael tinha colocado sua boca imunda. — Lyre?

— Hmm?

— O que Bael disse para você? Você sabe, bem antes de você fazer sua coisa de vapor?

Lyre deu de ombros, mas ele viu o olhar de terror em seu rosto quando Bael se inclinou sobre ela, seus dentes roçando sua orelha.

— Aparentemente, os anjos caídos virgens são difíceis de encontrar, — ela disse. — Ele e Moloc decidiram me usar para algum tipo de cerimônia de acasalamento para se tornarem inteiros. — Ela balançou a cabeça. — Eu não tenho ideia do que isso significa. De qualquer forma, quando Bael percebeu que eu não era mais “pura”, ele ficou um pouco irritado.

— Eu desejo que o desgraçado não estivesse morto, — ele rosnou. — Eu quero matá-lo novamente.

— Bem, há sempre Moloc e Flail, — ela disse enquanto canalizava uma onda de poder de cura para ele. Ela estava enviando pulsos através dele a cada dois minutos enquanto seu poder recarregava. Ele desejou poder fazer o mesmo por ela, mas não havia garantia de que ele desenvolveria essa habilidade. Ele não podia esperar por suas novas asas para descobrir.

— Tenho certeza que Azagoth vai lidar com Moloc. — Flail, no entanto, era dele.

A menção do nome de Azagoth deixou uma sombra de preocupação nos olhos de Lyre, e ele desejou poder tranquilizá-la, mas não estava cem por cento na probabilidade de sobreviver ao resto do dia.

— Então, com quem vamos conversar primeiro? — ela perguntou. — Azagoth? Seu amigo Hawkyn?

— Eu não sei. Quem quer que vejamos primeiro, eu acho. Tenho que me desculpar com todos. Eu sou responsável pela morte de uma criança que era o irmão de todos os Memitim em Sheoul-gra. Eu lhes devo uma explicação.

— Ok. — Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o, seus lábios quentes dando-lhe coragem para fazer isso.

Exceto "conseguir fazer" demorou mais do que o esperado. A batalha com Bael havia drenado seu poder, deixando-o com uma única gota que mal era suficiente para interromper o feitiço que protegia a entrada de Sheoul-gra. Ele estava tão enfraquecido, de fato, que não conseguia derrubá-lo completamente. Ele só podia fazer uma pausa.

— Temos cinco segundos, — ele disse. — Vamos lá.

Eles se materializaram na plataforma de aterrissagem e, quase imediatamente, Zhubaal chegou, sua expressão era uma nuvem de tempestade. Cipher ficou na frente de Lyre, colocando-se no caminho do chefe de segurança de Azagoth. Ninguém iria maltratar Lyre, somente ele.

Ele estava prestes a deixar isso claro quando ouviu Hawkyn chamar seu nome.

— Cipher! — Hawk passou Zhubaal e o recebeu com um enorme abraço de urso. — Você está vivo! Foda-me, eu não achava que te veria novamente. — Ele recuou e olhou-o de cima a baixo. — Você está malvado? Diga-me você não está malvado. Eu não quero ter que te matar.

Cipher riu. — Eu sou surpreendentemente eu mesmo.

Z saiu da periferia, a mão no cabo da espada, o olhar atento, mas não ameaçador. Ele estava pronto para pegar Cipher, mas ele estava confiando em Hawkyn para lidar com a situação.

Legal. Cipher sempre gostou de Zhubaal. O anjo caído era uma pessoa inteligente e um completo babaca. Quem não gostava disso?

Journey, Maddox, Emerico e Jasmine, alguns dos irmãos de Hawkyn, correram em direção a eles, todos sorridentes. A notícia estava se espalhando rapidamente. Não demoraria muito para que Azagoth ou mandasse buscá-lo ou aparecesse.

Cipher não tinha certeza do que seria pior.

Hawkyn desviou o olhar para Lyre. — A última mensagem de Ciph dizia que ele tinha ajuda interna para escapar do território de Bael. Você deve ser Lyre. Eu sou o Hawkyn.

— É bom finalmente conhecê-lo, — ela disse. — Cipher tem muita fé em sua amizade.

— Sim? — Hawkyn parecia estar prestes a dizer algo que seria completamente humilhante para Cipher, porque para que mais servia os amigos, mas o grupo de Memitim falante liderado por Journey invadiu a plataforma.

Eles o abordaram do mesmo modo que Hawkyn, todos sorridentes e com “sejam bem-vindos” e “conte-nos tudo”.

E pela primeira vez em meses, Cipher realmente relaxou.

Ele estava em casa.

Ele olhou ao redor, franzindo a testa quando percebeu que a merda estava uma bagunça. Estátuas foram derrubadas, pilares quebrados e até mesmo algumas árvores caíram. Memitim estava trabalhando para limpar, embora vários tivessem parado o que estavam fazendo para assistir ao Cipher Show.

— O que aconteceu?

Maddox apontou o polegar para a mansão de Azagoth. — Papai entrou nisso com Reaver e Revenant.

— Por quê?

Jasmine sacudiu a cabeça escura. — Não sei.

— Onde ele está? — ele estava quase com medo de perguntar, e Lyre deu a mão em um aperto reconfortante.

— A última vez que o vi, ele estava com Lilliana, — disse Rico.

Bem, isso era interessante. E potencialmente uma boa notícia para o humor de Azagoth. — Eu pensei que Lilliana o deixou.

— Cara, ela voltou, — disse Journey. — Como na semana passada. E ouça isso, ela está grávida!

Cipher olhou em descrença. — Não. A sério?

Hawkyn assentiu. — Ela apareceu um dia com nove meses de gravidez.

Putá merda — Como seu pai levou isto?

— Eu nunca o vi mais feliz. — Hawkyn gesticulou para toda a merda destruída. — Quero dizer, você sabe, tão feliz quanto ele fica.

— Eu tenho uma teoria. — Maddox tomou um gole enorme do refrigerante em sua garrafa. — E se o bebê não é dele?

Todas as cabeças giraram em direção a Mad.

— *O quê?* — Isso veio de todos.

— Pense nisso, cara. Ela se foi há nove meses. Ela está grávida de nove meses. Ela poderia ter transado com algum cara depois que ela saiu, como se estivesse se vingando dele ou algo assim, e bam! Grávida. Ela tinha que voltar, então ele acharia que era dele. Você observa. Este bebê vai estar “atrasado”. — Ele acrescentou uma piscada para a última parte.

Journey franziu o cenho para o irmão. — Você é tão idiota.

— E como. — Hawkyn abriu a boca para dizer outra coisa, mas abruptamente, o chão se abriu e o ar ficou parado e frio.

Foda-se.

— Uh-oh, — Maddox disse em uma voz calma e cantada. — Papai está aqui.

Cipher deu uma olhada em Hawkyn, e Hawk inclinou a cabeça em compreensão. Sabendo que seu amigo manteria Lyre a salvo, Cipher se moveu em direção a Azagoth, um frio nó de antecipação apertando em seu peito.

Pelo menos ele está em seu traje de anjo caído.

Era um pequeno consolo que Azagoth estivesse percorrendo o caminho com calças pretas e uma camisa combinando em vez de usar escamas e chifres, mas Cipher pegaria o que pudesse conseguir. Especialmente porque, mesmo a vinte passos de distância, ele podia ver as chamas dançando nos olhos esmeralda inflexíveis de Azagoth.

O Grim Reaper estava extremamente sombrio hoje.

A adrenalina passou por Cipher enquanto ele se preparava para o que quer que Azagoth fizesse a ele. Em Sheoul-gra, a maioria das habilidades angélicas e demoníacas eram desativadas ou inúteis, e mesmo se fossem autorizadas e Cipher estivesse em plena força, ele não poderia se levantar contra o poder incrível do Grim Reaper.

As botas de Azagoth racharam o pavimento quando ele parou a apenas um metro de distância, bem dentro da zona de conforto de Cipher. É claro que a zona de conforto de Cipher com Azagoth era de três *quilômetros*, não de um metro.

Engolindo secamente, Cipher fez uma reverência. — Meu Senhor...

— Nem. Uma. Palavra. — A voz de Azagoth parecia ter sido filtrada através das paredes de um caixão. — Você ainda está respirando por um motivo. E essa razão é Hawkyn.

Disso, Cipher não tinha dúvidas. Ele inclinou a cabeça em um aceno respeitoso e olhou para trás, encontrando o olhar de Hawkyn.

Obrigado.

Novamente Hawkyn deu um aceno solene de reconhecimento antes que um lampejo de humor cruzasse seu rosto e ele murmurou: *Você me deve.*

Mil vezes, amigo.

— Diga-me por que você deu os nomes dos meus filhos ao meu inimigo, — continuou Azagoth, sua expressão tão fria quanto seus olhos estavam quentes. — *Agora* você pode falar. E tenha cuidado. Hawkyn não tem tanta influência assim comigo.

Cipher respirou profundamente, e quando ele falou, foi com determinação, sinceridade e uma necessidade de mostrar a Azagoth que ele não era o playboy diabólico que ele costumava ser, mas ele era tão leal quanto ele sempre foi.

— Meu senhor, sinto muito pela sua filha. Eu sinto muito. — Ele levantou a voz, precisando que todos ouvissem isso. — Eu dei os nomes dos filhos de Azagoth para Bael em troca de uma chance de escapar. Eu pensei que o estava enganando. Pensei que todas aquelas crianças já tivessem sido trazidas para Sheoul-gra. Eu não sabia que ainda estavam no reino humano. — Ele encontrou o olhar de cada Memitim antes de voltar para Azagoth, que o encarava em um julgamento silencioso. — Sinto

muito, — ele repetiu, embora não fosse o suficiente. Não havia desculpas suficientes no universo para isso. — Eu voltaria atrás se pudesse.

— É verdade! — Lyre passou pelo anel de Memitim antes que Hawkyn pudesse agarrá-la. — Ele não sabia. Ele ficou arrasado quando descobriu. Ele queria vingança tanto quanto qualquer um.

— *Não* tanto quanto qualquer um, — retrucou Azagoth.

Lyre amaldiçoou quando Hawk agarrou seu braço e gentilmente a puxou para trás. — Cipher matou Bael com um *aural* do próprio arsenal de Bael.

Os olhos afiados de Azagoth perfuraram Cipher. — *Você* matou Bael? Não foram minhas almas?

Cipher teria se contentado em deixar que Azagoth acreditasse que suas almas haviam derrubado Bael, mas Lyre não aceitaria nada, e ela se afastou do aperto de Hawkyn.

— Ele poderia ter esperado por uma das suas almas para fazê-lo, — ela disse corajosamente. — Mas ele não esperou. Ele queria que Bael pagasse pelo que ele fez.

Cipher jurou que nuvens de tempestade estavam se formando sobre a cabeça de Azagoth. — *Quem é você?*

— Meu senhor, — disse Cipher, movendo-se para interceptar, — esta é Lyre. Ela me ajudou a escapar, e se não fosse por ela, Bael não estaria morto. — Ele se virou para ela, impressionado com sua bravura. Ela poderia alegar ter poderes fracos, mas ela era uma guerreira das pontas de suas asas até as profundezas do seu coração. — E se ela me quiser, eu a terei como minha companheira.

Os olhos de Lyre se arregalaram, sua boca se abriu e ele quase gemeu. Foi cedo demais? E se ela o rejeitasse na frente de todos os seus amigos? E se ela o rejeitasse em *qualquer lugar*? Ele estava vivo por causa dela. Ele não estava encharcado de mal por causa dela. Ele estava em casa por causa dela.

Ele lhe devia tudo e já lhe dera a única coisa que nunca pensou que entregaria. Seu coração.

— Sim, — ela sussurrou. — Eu adoraria ser sua companheira.

Alívio e euforia o deixaram momentaneamente congelado, mas uma vez que seus pés puderam se mover novamente, ele a pegou em seus braços. Ele queria comemorar corretamente, mas isso poderia esperar.

Azagoth não faria isso.

Cipher a beijou, um beijo com uma promessa de mais tarde, e voltou para Azagoth. — Lyre não tinha que me ajudar, mas ela ajudou. Quando soube tudo o que Bael e Moloc planejavam fazer, inclusive assassinando seus filhos, ela se voltou contra eles.

Os olhos de pedra preciosa de Azagoth mais uma vez brilharam com intensidade, mas quando ele falou, o fio da navalha em sua voz tinha entorpecido. — A filha da lista, minha filha que morreu... ela fazia parte de um plano. Eu posso aceitar isso. Eu não gosto disso, mas está além da minha capacidade de mudar. Prove para mim que Amelia não morreu em vão.

— Eu vou, — Cipher jurou. — Eu juro.

O silêncio se estendeu, uma tática “faça-eles-suarem” que era uma marca registrada de Azagoth. — Hawkyn insiste que você será uma vantagem para Sheoulgra, — ele finalmente disse. — O tempo dirá. Mas se você fizer alguma coisa, e eu quero dizer *qualquer coisa* que me faça arrepender disso... — Azagoth fez uma pausa, seus lábios se afastaram das presas mortais. — Eu não preciso continuar, não é?

— Não, senhor, prefiro que você não o faça.

Com uma sugestão de um sorriso e um aceno de cabeça tão superficial que Cipher questionou se isso tinha acontecido, Azagoth se afastou, deixando-o com tudo o que sempre quis.

Sua casa, seus amigos e agora, Lyre.



CAPÍTULO 24

A vida dentro de Sheoul-gra acabou por não ser horrível.

Cipher estava certo, seus amigos eram pessoas decentes e, embora muitos dos Memitim fossem um pouco frios com ela, ela não podia culpá-los. Ela e Cipher eram anjos caídos, com uma história de trabalho para um dos piores senhores que Sheoul tinha a oferecer, e dado o recente assassinato nas fronteiras de Sheoul-gra, a confiança não vinha facilmente.

Mas ela estava disposta a fazer o que fosse necessário para ganhar essa confiança. Azagoth ia ser difícil de conviver e, francamente, ela preferia evitá-lo quando possível. Bael tinha sido aterrorizante, mas o Grim Reaper o fez parecer um gatinho em comparação.

Cipher foi direto trabalhar para Azagoth, invadindo computadores inimigos. Uma vez que suas asas cresceram e seus poderes foram restaurados, Azagoth disse que faria uso de suas habilidades de codificação de magia, também. Pelo menos sua capacidade de teletransportar havia voltado, então as coisas estavam seguindo em frente.

Lyre... ela não tinha certeza onde se encaixaria ainda. Seus poderes eram tão fracos que ela temia nunca conseguir um emprego, mas só esta manhã, uma semana depois de escapar das garras de Bael, Azagoth chegou a ela com uma proposta. Ela

escutou em terror silencioso enquanto ele explicava que sua falta de habilidades fortes tinha o potencial de torná-la quase invisível para os demônios sensíveis ao poder no Inner Sanctum, e além de usá-la como informação sobre os métodos de Bael e Moloc, ele tinha algum trabalho de espionagem para ela. Seu dom de se transformar em vapor lhe daria ainda mais formas de garantir que ela não fosse detectada.

Ela poderia fazer isso. Soava divertido, na verdade.

E enquanto ela estava sentada em seu apartamento dentro de Sheoul-gra, lendo tudo o que podia encontrar sobre o Inner Sanctum, Cipher lhe ofereceu uma pausa.

— Eu tenho uma surpresa para você, — ele disse, pegando a mão dela e puxando-a do sofá.

Ela sorriu. — Mesmo?

— Eu não tenho certeza se é uma boa surpresa, — ele disse, — mas pode ser o que você precisa.

Uh, oh. Isso não parecia bem. Parecia terrível, na verdade. — Então, para onde temos que ir para essa surpresa desnecessária?

— Eu vou te mostrar.

Ele a acompanhou até o portal, onde se desmaterializaram e se materializaram na clareira da floresta que usaram quando entraram pela primeira vez em Sheoul. Uma vez no topo, ele piscou-os para uma colina empoeirada em Israel, e ela amaldiçoou. Megiddo. Ele a trouxe para um lugar de importância angélica. Onde ocorreram execuções, batalhas e expulsões do Céu.

— Que diabos é isso, Cipher? Porque estamos aqui?

Um vento quente girou e, uma fração de segundo depois, Lihandra se materializou ao lado da outra irmã de Lyre, Bellagias.

Raiva, tão quente quanto o vento, a atingiu, mas o engraçado era que ela não experimentou a fúria assassina que ela sentia por anos enquanto estava em Sheoul. Isso era o apenas a boa e velha raiva.

— Pedi a Hawkyn para entrar em contato com sua família, — disse Cipher. — Espero que esteja tudo bem.

Não estava, mas ela assentiu mesmo assim. — É bom ver você, Bella. — Tudo o que ela podia reunir para Lihandra foi um olhar.

Bella, sempre uma sentimental, se jogou em Lyre, envolvendo os braços em volta dela em um enorme abraço. — Estou tão feliz por você estar bem. Eu estive tão preocupada com você.

Lyre se afastou. — Mesmo?

Ela assentiu. — Mamãe e papai também. E, acredite ou não, Liha.

Lyre riu, mas quando ela olhou para a outra irmã, a expressão de Lihandra era séria. — Estou tendo dificuldade em acreditar nisso.

— Eu não estaria aqui se não fosse verdade, — disse Lihandra. — Eu... me arrependo do que fiz.

Lyre poderia ter sido derrubada por uma das penas de marfim rendadas de Lihandra. — Sêrio?

— Eu poderia ter lidado melhor com isso, — ela admitiu. — Eu não me arrependo da morte do demônio, mas você não deveria ter perdido suas asas.

Ah, bem, isso era mais provável. Raiva passou por ela novamente, mas quando ela olhou para Cipher, sua presença calma e forte a trouxe sob controle. Nada do seu passado importava mais. Guardar esse rancor não machucaria sua irmã, isso machucaria apenas ela, e possivelmente o relacionamento dela com o macho que ela amava.

Ela tinha que deixar isso ir.

— Eu te perdoo, Lihandra, — ela disse, e foi a vez de sua irmã ficar chocada. — Mas eu não quero te ver de novo. Não por um tempo. Talvez nunca.

— Que tipo de perdão é esse? — Lihandra disse em uma voz cortada e mordida.

— Considerando que apenas uma semana atrás eu queria você morta, acho que é uma grande evolução. Me desculpe, você *quer* um relacionamento comigo? — A boca de Lihandra se abriu. Fechou. Sim, isso era o que Lyre pensou. Como de costume, ela estava jogando de a parte injustiçada, mas dessa vez ela foi chamada a atenção por sua falsa indignação. — Imaginei que não. Vamos apenas sair disso com um novo começo. De acordo?

Lihandra inclinou a cabeça. — Desde que eu não sou mais bem-vinda em sua presença, eu irei. Tome cuidado, irmã.

Com isso, Lihandra se lançou no céu e se afastou.

— Ela é uma puta, — disse Bella. — Mas eu também deveria ir. Ligue-me e almoçaremos algum dia.

Ela e sua irmã costumavam *almoçar* o tempo todo, e Lyre realmente esperava que sua irmã fosse sincera. Especialmente porque agora que Lyre não estava mais ligada ao reino de Bael, ela poderia piscar em qualquer lugar que desejasse dentro do reino dos demônios e dos humanos.

Elas só teriam que manter seus almoços em segredo. Embora não fosse estritamente proibido para um anjo celestial almoçar com um anjo caído, isso era um assassinato de reputação.

Ela acenou quando Bella se elevou, e então ela se virou para Cipher, que assistiu com o que parecia inveja. Poderia levar meses para crescer asas, e até lá, ele ficaria preso à terra. Talvez ela pudesse mantê-lo distraído. Com sexo. Sim, isso soava como um plano.

— Essa foi a melhor coisa que alguém fez por mim em muito tempo, — ela disse.

Ele deu de ombros como se não fosse grande coisa, mas foi. *É por isso* era. — Depois de todos esses anos querendo se vingar, achei que você poderia precisar de um fechamento.

Ela voou para os braços forte de Cipher, seu coração cantando. — Você é incrível. Eu te amo muito.

A emoção jorrou dela enquanto segurava Cipher, e suas asas irromperam espontaneamente, envolvendo-os no mais íntimo dos abraços angélicos.

Engolindo um pedaço de sua própria emoção, ele traçou a ponta de uma asa com o dedo. — Eu também te amo. — Ternamente, ele pressionou um beijo em seu cabelo. — E agora eu tenho um favor para pedir a você.

— Claro, — ela disse. — Qualquer coisa.

Sombras de hesitação dançaram em seus olhos antes que ele soltasse: — Algum dia teremos filhos, certo?

Ela não tinha pensado tão longe, mas sim, ela absolutamente queria ter os bebês de Cipher. Muitos deles. — Eu não posso ver porque não.

Seus lábios se curvaram em um sorriso feliz, mas seus olhos permaneceram sombreados. — Se tivermos uma menina e estiver tudo bem com Azagoth, gostaria de chamá-la de Amelia. Por você estaria tudo bem?

— Oh, sim, — ela sussurrou. — Que homenagem maravilhosa à filha de Azagoth. — E que macho incrível que ele era por querer honrá-la daquele jeito. Como Lyre teve tanta sorte? Ela o segurou mais apertado, juntando seus corações. — Obrigada, Cipher. Obrigada por hackear minha senha e reiniciar meu sistema.

Ele riu da referência a informática e recuou apenas o suficiente para olhar para ela, seus lindos olhos espelhando a alegria que sentia. — Eu posso dizer o mesmo sobre você. Eu até posso agradecer a Flail. Se ela não tivesse me sequestrado, nunca teria encontrado você ou descoberto meu poder único.

Ela se perguntou onde Flail tinha ido depois que a caixa de tortura foi aberta. Com quem ela estava trabalhando agora? E se ela ia procurar vingança? A fêmea seria louca se tentasse, mas ela nunca pareceu a Lyre ser muito estável. Eles teriam que estar em guarda.

Lyre divertidamente tamborilou os dedos no peito de Cipher. — Então Flail está perdoada?

O sorriso sombrio e mortal inclinando-se para um canto de sua boca lhe deu deliciosos arrepios. — Oh, ainda vou matá-la. Mas eu vou agradecer a ela antes de fazê-lo.

— Esse é o meu menino malvado, — ela brincou.

Mas realmente, a batalha do bem / mal que ambos estavam enfrentando como Verdadeiros Caídos era algo que todos, de demônios a humanos e anjos, tinham que suportar diariamente. Fazia parte da vida e havia uma razão para isso. Havia uma razão para tudo e, pela primeira vez em anos, ela acreditou nisso de novo.

Ela acreditava em muitas coisas novamente.



Moloc olhou pela janela para a gloriosa cidade onde se encontravam os cadáveres que cercavam sua fortaleza. Alguém poderia pensar que houve uma batalha, mas foi melhor que isso.

A explosão de sua alma se fundindo com Bael causou uma explosão catastrófica que ele ainda sentia dentro dele. E foi bom.

Ele estava inteiro pela primeira vez em sua vida.

Ele e Bael sempre tiveram um relacionamento estranho, sabendo que ambos eram irmãos e uma única pessoa, e ele se perguntou como seria quando eles finalmente se fundissem dentro de um corpo.

Agora ele sabia. Parecia poder.

Ele pegou o frasco ao lado dele, um frasco que ele estava guardando há milhares de anos. Um presente do próprio Satanás, o pequeno tubo de vidro continha o sangue do Lorde das Trevas, destinado a fortalecê-lo e, ele esperava, dar-lhe uma conexão psíquica com seu rei.

Quando ele levou aos lábios, houve uma batida na porta. A metade caótica de sua alma que tinha sido Bael queria atacar a interrupção, mas a metade calma, a que Moloc possuía, prevaleceu.

— Entre, — ele disse, mas acrescentou para Bael, — mas se você me desagrada, você morre.

A porta se abriu e Flail entrou, com um sorriso nos seus lábios carnudos. — Eu tenho notícias do nosso agente dentro de Sheoul-gra.

— Estou ouvindo.

— Cipher e Lyre estão lá, — ela rosnou. — Azagoth aceitou-os.

— Decepcionante, mas não totalmente inesperado, — ele disse. — E quanto às suas jovens crianças do reino humano?

— Todos eles foram levados para Sheoul-gra. Nós não seremos capazes de matar mais deles.

Ele sorriu. — Não importa. Eu tenho um novo plano. Um que é garantido para forçar o Guardião das Almas a libertar Satanás da prisão.

— Você não será capaz de sequestrar Lilliana, — ela avisou. — Nem mesmo com o seu informante. Ela é vigiada o tempo todo.

— Essa é a beleza disso, meu amor, — ele disse, a influência de Bael já afetando sua escolha de palavras. — Eu não vou precisar sequestrá-la.

— Por que não? — Confusão puxou sua sobrancelha para baixo. — Eu não entendo.

Isso porque ela era linda, mas não tão brilhante assim. As fêmeas nunca eram.

— Porque, — ele disse, com o coração acelerado com antecipação, — quando for a hora certa, Lilliana virá até mim, e Azagoth será meu.